



SEM TRABALHO

Como sobreviver num mundo sem empregos

Gilmar R. Silva

Realização



www.laranjacomunicacao.com

Como Sobreviver Num Mundo Sem Empregos

Autor: Gilmar Renato da Silva @Gilmar_

Capa: Dmitry Borshch [flickr.com/photos/borshch](https://www.flickr.com/photos/borshch)

Ano de publicação: 2013

Registro na Biblioteca Nacional:

nº 571.007 | livro 1.090 | folha 75



Esta obra é licenciada por uma licença CREATIVE COMMONS.
Atribuição - Uso não-comercial - Compartilhamento pela mesma
licença 2.5

Você pode:

copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

Qualquer uma destas condições pode ser renunciada, desde que você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou fair use) concedido por lei ou qualquer outro direito protegido.

#UMSÓCAMINHO

#PENSARÉDEGRAÇA

CAPÍTULOS

Não há vagas	05
Criatividade ou morte?!	20
A revolução são os outros	32
Do DIY para o DIC	47
Crie valor local	60
De baixo para cima	66
E aí vai pagar como?	74
Saco vazio não para em pé	89
TGIF	100
Teto	112
Prazer em aprender	124
Aqui é trabalho!	133
Religare	145
De cima para baixo	157
Marcas Significativas, Empresas Queridas	170
Democracia, Corporacia NÃO.....	176
Transformadores	187
Inimigos & Ameaças	202
Começa com você	222

NÃO HÁ
VAGAS

Ocupa-se

Em 2011 o mundo assistiu ao surgimento de um novo tipo de manifestação popular. Um tipo de manifestação descentralizada, sem líderes ou bandeiras partidárias. No lugar da velha passeata, manifestantes montaram barracas e formaram verdadeiros centros de mídia independente em praças e ruas de todo o mundo. As pessoas acamparam, literalmente ocuparam o espaço público e sem data para retirada. Movimentos como a **Primavera Árabe**, os **Riots londrinos**, a **Spanish Revolution** e o **Occupy Wall Street** tomaram as manchetes dos principais jornais e pela internet espalharam suas inúmeras causas. As hash tags utilizadas nas redes sociais por estes movimentos foram adotadas globalmente. Do #spanishrevolution surgiram o #frenchrevolution, o #italianrevolution, o #germanrevolution e muitos outros. O famoso #OWS teve adesão de centenas de cidades norte-americanas e mais de 200 metrópoles ao redor do mundo, dentre elas São Paulo, com o denominado #ocupasampa.

Vai trabalhar vagabundo

Milhões de pessoas se sensibilizaram com as causas dos manifestantes que vão desde a queda de regimes totalitários à regulamentação do mercado financeiro, melhores serviços públicos e

7 SEM TRABALHO

combate à plutocracia. Mas, muitas pessoas também se incomodaram, acompanhando a repercussão dos acontecimentos desses movimentos podemos notar uma crítica conservadora por parte da sociedade em relação à eficácia das ações e, sobretudo, ao tempo livre gasto pelos manifestantes para protestarem. Para muitos, uma horda de vagabundos e preguiçosos. Muitas reportagens na mídia trouxeram a opinião de populares manifestando-se contra as ocupações, afirmando que protestos como os do Occupy Wall Street não passam de bobagens e que os jovens envolvidos neles deveriam ir trabalhar que ganhariam mais. É em resposta a esta provocação a causa desse livro: Trabalhar aonde? Uma vez que a criação de empregos é uma das principais bandeiras defendidas pelos movimentos, formados em sua maioria por jovens desempregados. Jovens que querem sim trabalhar e de preferência num mundo melhor.

Tomando o Occupy Wall Street como exemplo, segundo uma pesquisa realizada pela revista New Yorker, a maioria dos manifestantes do movimento é composta por jovens bem educados. Aproximadamente 2/3 deles (64.2%) tem idade abaixo de 34 anos e pouco mais do que nove entre dez (92.1%) são estudantes universitários ou já se formaram. Uma maioria branca (81.3%) da qual apenas a metade (50.4%) trabalha em período integral.

Enquanto que 20.4% trabalha meio período e 13.1% está desempregada.

Os números divulgados pela revista colocam em cheque algumas certezas em relação ao perfil de quem são os desempregados, principalmente, após a crise financeira de 2008. Diferente do que estávamos acostumados a ver estampado nos jornais, o desemprego, hoje, não se restringe às classes sociais mais pobres e aos trabalhadores sem qualificação profissional. No Occupy Wall Street os jovens americanos com formação universitária encabeçam o movimento.

Tal cenário não difere muito do apresentado em outras partes do mundo. Na Inglaterra dos Riots londrinos, um milhão de jovens sofrem com o desemprego a ponto de um estudo da Universidade de Leeds, no norte da Inglaterra, revelar que cerca de 25% das “strippers” e “lap-dancers” da capital são estudantes. Já outra pesquisa, dessa vez da Universidade de Londres revela que 16% das universitárias estariam dispostas a se prostituir para pagar seus estudos, enquanto cerca de 11% contemplava a possibilidade de trabalhar em agências de acompanhantes.

Na Espanha onde 23,3% da população está sem trabalho, 50% dos jovens com menos de 25 anos estão desempregados. Ainda segundo dados oficiais do governo espanhol, 39% dos espanhóis entre 25 e

9 SEM TRABALHO

35 anos tem diploma universitário, enquanto a média da U.E. é de 34%. Mesmo assim a taxa de desemprego para este grupo na Espanha é a maior da Europa. Um contraste inusitado uma vez que esta geração, de nascidos a partir de 1980, apresenta o mais elevado grau de educação da história do país, uma marca admirável, mas que não evitou que esta geração alcançasse o posto de geração com menos oportunidades de trabalho nos últimos 40 anos, segundo a Pesquisa Nacional de População Ativa. A situação entre os jovens espanhóis com qualificação é tão crítica que tem levado os universitários recém formados a lançarem mão do chamado “currículo B”, uma prática na qual o candidato a uma vaga de emprego oculta dados de seu currículo, tornando-o pior, a fim de disputar vagas que requerem menor qualificação.

No Brasil o fenômeno se repete embora as expectativas sejam mais alentadoras para os mais jovens, sem formação superior. Com um mercado interno aquecido, sendo um dos primeiros a se recuperar da crise financeira de 2008, aliado ao alvoroço em torno da descoberta do pré-sal e da realização de grandes eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas o país é tido como a bola da vez no cenário mundial, o país do futuro. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatísticas(IBGE) o nível de ocupação dos jovens de 18 e 24 anos cresceu 11,7% nos últimos oito anos — acima da dos adultos, que aumentou 8,9%. No entanto a alta na criação de empregos não inclui vagas para jovens com ensino superior, uma vez que a oferta de vagas que exigem mais qualificação não cresce no mesmo ritmo que a oferta de vagas para jovens com menos anos de estudo.

Ainda de acordo com o IBGE o diploma de curso superior no Brasil não tem assegurado, necessariamente, crescimento do poder de compra nos últimos anos. Segundo pesquisa da instituição, na média, a renda dos trabalhadores com diploma universitário ficou praticamente estagnada de 2003 a 2011. Enquanto os ganhos das ocupações com pouca qualificação apresentaram altas de 30,6% (para trabalhadores com até 8 anos de estudo) e 18,6% (para trabalhadores com 8 a 10 anos de estudo), a renda dos trabalhadores com nível superior subiu apenas 0,3%. Nesse intervalo cerca de 6,6 milhões de graduados se formaram. E esse número deverá aumentar, a meta do governo brasileiro até 2020 é chegar a 10 milhões de graduados.

Existe vida após o diploma?

A questão que atormenta os recém formados brasileiros, bem como norte-americanos, espanhóis, chilenos, ingleses e de graduados de outras nacionalidades é a mesma: Haverá empregos para todos?

A resposta mais provável é não. E as previsões no curto prazo não são nada animadoras. Um relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) alerta que o mundo precisará criar 600 milhões de empregos na próxima década. Intitulado *Tendências Mundiais de Emprego 2012*, o documento alerta para o fato de que não haverá alterações significativas nas taxas de desemprego em todo o mundo, nos próximos quatro anos. A estimativa da OIT é que, até 2016, o número de desempregados atinja 206 milhões. Uma projeção mais pessimista revela ainda que, caso a economia global não melhore em 2013, o número de desempregados em todo o mundo poderá atingir mais de 204 milhões este ano, podendo ampliar o número de desempregados em 2016 para 209 milhões.

Com relação aos jovens o relatório revela que em 2011 o número de jovens desempregados entre 15 e 24 anos chegou aos 74,8 milhões, um aumento de mais de 4 milhões desde 2007. O relatório diz ainda que 6,4 milhões de jovens perderam a esperança de encontrar um emprego e deixaram o mercado de trabalho.

E agora José? A festa acabou

A razão de hoje existir tantos manifestantes chateados com a crise do emprego no mundo vai além da falta de vagas. Isso também decorre da desilusão frente aos sonhos projetados pela sociedade capitalista, do sonho americano e das campanhas publicitárias que fazem os jovens acreditarem que podem se tornar o que quiserem desde que estudem para isso. Mas, terminada a faculdade os jovens são surpreendidos com um balde d'água fria, não há vagas suficientes no mercado de trabalho. E este por sua vez é pautado na meritocracia, que se a princípio nos parece justa esconde por trás que, ao aceitarmos tal modelo, automaticamente, estaremos corroborando com a ideia do “aos vencedores tudo” enquanto aos “perdedores nada”. Só que num mundo com cada vez menos empregos onde só o mais qualificado consegue uma posição, ao nos sujeitarmos à meritocracia estaremos criando um imenso gueto de perdedores, e o mais curioso um gueto de perdedores com diploma.

Nos Estados Unidos a palavra “Loser”(perdedor) causa calafrios na população e ter um emprego formal é uma questão de primeira ordem para os americanos, tanto que o índice de desemprego foi um dos temas mais debatidos na campanha eleitoral que reelegeu Barack Obama. Atento a isso, logo no principio de 2012 Obama comemorou a alta de 1,4 milhão de empregos registrada em janeiro

13 SEM TRABALHO

do ano passado, quando comparada com o mesmo período de 2011. No entanto muitos economistas se mostraram preocupados na época. Isso porque, em 2011, os Estados Unidos conseguiram criar 250 mil empregos por três meses seguidos (fevereiro, março e abril), mas depois a economia entrou numa espiral de queda. Essa incerteza levou o governo dos EUA a tomar atitudes questionáveis como desfazer de milhares de toneladas de colheitas e laticínios, para manter altos os preços do mercado, e demolir casas e até mesmo reconstruir rodovias do zero para gerar empregos. Ações que num primeiro olhar nos parecem boas pela geração de empregos, mas repugnáveis quando nos recordamos das inúmeras famílias sem teto que perderam suas casas, devido às hipotecas durante a crise imobiliária, e de todos os 47 milhões de americanos que vivem abaixo da linha da pobreza e que receberiam com gosto as colheitas e os laticínios destruídos.

Mas, talvez, como lembrou o pesquisador de mídia e escritor Douglas Rushkoff num artigo para o portal da CNN intitulado “Os empregos estão obsoletos?”, o desemprego não seja um problema e sim a relação que os seres humanos estabeleceram com suas carreiras nas últimas décadas, muitas vezes, as colocando como principal fim de suas existências. Um peso e tanto e uma constatação até mesmo

assustadora quando paramos para pensar nisso como o fez outro pesquisador, o escritor Allain de Botton no livro *“The pleasures and sorrows of work”*. Segundo Botton, a mais notável característica do trabalho moderno talvez esteja em nossa mente, na amplamente difundida crença de que o trabalho deve nos tornar felizes. Nossos empregos estão tão ligados à definição de nossa identidade que, quando somos apresentados a uma pessoa, a pergunta mais imediata que fazemos não é de onde ela vem ou quem é sua família, mas sim o que ela faz. A questão apresentada pelo autor é a de que ter um emprego mais do que uma necessidade vital, de querermos tê-lo para obtermos dinheiro e assim podermos comprar alimentos, ter um teto, nos vestir, etc, hoje se apresenta para a maioria como a importância central de suas vidas.

Contudo, esperar felicidade advinda do emprego parece um tanto utópico num mundo onde recém formados, para suprir suas necessidades básicas, tem de trabalhar em áreas diferentes daquelas nas quais se formaram, contribuindo assim para um grupo que só faz crescer, o da maioria que manifesta não trabalhar com o que gosta e cuja maior preocupação de acordo com uma pesquisa da consultoria Nielsen, realizada com profissionais brasileiros, é a manutenção do emprego(22% dos pesquisados) e a estabilidade (33%), seguidas da preocupação em pagar dívidas (1/4 dos

pesquisados) e do dever de sustentar a família (1/5). Daí podemos tirar a seguinte conclusão, questões pragmáticas dominam a cabeça dos trabalhadores, trabalhar com o que gosta, por sua vez, parece estar cada vez mais fora de cogitação. Um sonho.

Um mundo sem empregos no qual você pode trabalhar com o que gosta

Mas o sonho de trabalhar com aquilo que se gosta continua vivo para muita gente, mesmo para aqueles envolvidos com empregos de meio período ou subempregos, ocupações que não encham de orgulho os trabalhadores, mas que pagam as contas no final do mês. No mundo contemporâneo, da era digital, sonhar com fazer o que se gosta e viver bem pode não ser tão utópico. Mas é necessária a quebra de um paradigma, a do emprego como a razão de nossa existência. Devemos passar a entender nossos empregos como um meio para obtermos algo e não um fim. Uma tarefa difícil, mas não impossível, principalmente se constatarmos que a importância extrema dada a ter um emprego é algo relativamente novo como explica Rushkoff em seu artigo citado anteriormente:

“O emprego, enquanto tal, é um conceito relativamente novo. As pessoas podem ter sempre trabalhado, mas até o advento da corporação, nos princípios da Renascença, a maioria delas

simplesmente trabalhava para si. As pessoas faziam sapatos, criavam galinhas ou criavam valor de alguma forma para outras pessoas, que depois trocavam, ou pagavam por esses bens e serviços. Até o fim da Idade Média, a maior parte da população da Europa prosperava assim. Os únicos que perdiam riqueza eram os membros da aristocracia que dependiam de seus títulos para extrair dinheiro dos que trabalhavam. E foi assim que eles inventaram o monopólio constituído. Por lei, as pequenas empresas na maioria das principais indústrias foram fechadas e as pessoas tiveram que trabalhar para corporações oficialmente autorizadas. Dali em diante, para a maioria de nós, trabalhar veio a significar obter um “emprego”.

É preciso que façamos uma troca de valores, precisamos diminuir o peso que imprimimos às nossas carreiras e aumentar o peso referente às coisas que se mostram mais significativas para nós, como nossas relações com outras pessoas, com nossos hobbies, com as atividades que realmente gostamos e que temos aptidão para desempenhar.

Na era digital nosso grande desafio não é produzir coisas, o mundo já tem coisas demais sendo produzidas. Na era digital distribuir aquilo que criamos entre as pessoas de todo o mundo é o verdadeiro desafio.

17 SEM TRABALHO

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), é produzido alimento suficiente para prover todas as pessoas do mundo com 2.720 quilocalorias por pessoa por dia. E como assinalou Rushkoff em seu artigo, nosso problema não está em não termos o suficiente e sim que não temos maneiras suficientes para as pessoas trabalharem e provarem que merecem o que querem.

As saídas para esse imbróglio são muitas e a criação de empregos é só uma delas, sobretudo se as grandes corporações considerassem aderir à jornadas de trabalho reduzidas, de quatro à seis horas, o que poderia vir a dobrar o número de empregos.

Mas há outras saídas ao alcance de qualquer pessoa. Com a Internet os sistemas de trocas e coletivos não são uma utopia ou papo de marxistas barbudos. Qualquer um pode oferecer seus serviços ou produtos na rede em troca de dinheiro, outro produto ou serviço. Um encanador pode oferecer seus serviços pelo twitter, um artesão pode divulgar suas peças pelo facebook, um designer pode criar um blog e expor seu portfólio para o mundo. As oportunidades são infinitas.

O que não podemos é ficar reféns dos empregos formais. A tecnologia trouxe facilidades, mas devido à automação também extinguiu empregos. Softwares e robôs substituem diariamente

operários em fábricas e profissionais em empresas e bancos. Na era digital, mesmo as profissões como as conhecemos estão em processo de mudança. Segundo a escritora Cathy N. Davidson, em seu livro “Now You see it”, dos mais de 3 milhões de crianças que entraram na escola primária dos EUA em 2011, no futuro 65% trabalharão em profissões que ainda não existem. Isso porque na era digital a economia criativa, modelo de gestão e negócios baseado no bem intelectual, e não no industrial ou agrícola, é um fator preponderante e neste cenário a carteira assinada é coadjuvante. O mundo sem empregos da era digital tem mais a ver com você ter a sua própria assinatura, como os grandes arquitetos, designers e jornalistas. Tem a ver com capital social e com como você pode contribuir intelectualmente para a criação de valor para uma pessoa, projeto, grupo ou comunidade.

Neste livro apresentarei alguns conceitos para contornar a falta de empregos no futuro, bem como casos bem sucedidos de pessoas e grupos que estão conseguindo contornar com sucesso a falta de empregos formais. Muitas delas trabalhando com o que gostam e colaborando com causas coletivas. Mas, isso não quer dizer que estas pessoas tenham os ideais comunistas como base ou que repugnem o sistema capitalista. Pelo contrário, não se trata de utópicos rebeldes,

os personagens deste livro estão mais para anti-heróis modernos, ou melhor, anti-rebeldes. Pessoas e grupos que fazem um uso consciente das benesses do mundo capitalista em harmonia com a coletividade. Pessoas que não ojerizam a ambição, e sim vêem nesta um motor que empurra as pessoas a grandes feitos.

Os exemplos apresentados nas páginas seguintes trazem histórias de pessoas que também querem uma vida confortável, mas sem chateações, por isso encontraram caminhos para alcançar seus objetivos fazendo algo que não sacrificasse suas vidas em empregos sem significado, que não o pagamento do dia 10.

“Sem Trabalho - Como sobreviver num mundo sem empregos” não é um guia, é mais um alerta que traz algumas pistas para todos aqueles que se encontram sem emprego achando que o futuro não lhes reserva nada. Mas o futuro pode reservar sim, trata-se apenas de uma questão de adaptação, de entender as mudanças e não se assustar se em pouco tempo ao estarmos diante de uma fábrica ou visitando o site de uma empresa viermos a nos deparar, a exemplos dos hotéis em alta temporada, com banners e o seguinte recado em letras garrafais para os trabalhadores - “Não há vagas”.

CRIATIVIDADE OU MORTE?!

Mundo novo

O trabalho formal, de carteira assinada, de simples execução em troca de um contracheque no final do mês está com os dias contados. Cada vez mais as indústrias agrícolas e manufatureiras estão sendo automatizadas, assim produtos que antes demandavam muitos trabalhadores para sua fabricação, hoje são feitos por máquinas.

Conceitos surgidos no início do século XX como o taylorismo e o fordismo não se aplicam mais. O resultado mais evidente da falência desses modelos é o desemprego. Uma prova da concretização desse novo cenário foi o crescimento da indústria norte americana registrado nos últimos meses de 2011. Companhias dos EUA apresentaram significativa melhora em seus balanços, no entanto, a alta nos lucros pós-crise de 2008, não significou a criação suficiente de empregos para os trabalhadores desempregados. Muitas empresas, mesmo realizando grandes cortes de funcionários, invariavelmente, conseguiram manter ou recuperar sua produção.

Mesmo no segmento dos trabalhadores de colarinho branco o cenário não é dos mais animadores. Softwares e a mão de obra barata de países subdesenvolvidos estão tomando os empregos de muitos trabalhadores dos países mais ricos. A vantagem para os

empregadores é a economia, tanto software como trabalhadores de países subdesenvolvidos custam menos.

Outros fatores, como a multidão de novos profissionais que saem todos os anos da faculdade e o aumento na expectativa de vida das pessoas, a longevidade que tem levado trabalhadores a se manterem em seus cargos mesmo em idades avançadas, também colaboram para a configuração de um mundo sem empregos formais para todos.

O poder do lado direito do cérebro

Uma alternativa a esse cenário é o desenvolvimento do trabalho ligado à economia criativa, uma nova economia, do trabalho intelectual, do freelancer, da informação e da conjugação que transforma trabalho em estilo de vida.

Essa nova economia abrange diferentes áreas como a música, a educação, o cinema, a televisão, o teatro, o mercado publicitário, escritórios de arquitetura e design, indústria de softwares, de games, entre outros. Estima-se que essas áreas criativas movimentem ao menos R\$1,8 trilhão de dólares por ano em todo mundo. Essa economia pujante levou a ONU (Organização das Nações Unidas), a posicionar a economia criativa como a principal estratégia de

23 SEM TRABALHO

desenvolvimento do século 21 e pesquisadores como John Howkins, autor do livro “The Creative Economy”, a cravar que em 30 anos a economia criativa será o padrão do mercado global.

Um cenário otimista a ponto de outro autor, Daniel H. Pink, em seu best seller “A whole new mind- Why Right-Brainers Will Rule the Future”, defender que devemos nos adaptar para esse novo mundo desenvolvendo o lado direito de nossos cérebros, lado este responsável pela nossa criatividade. Entre as análises apresentadas por Pink, este faz um resgate histórico das grandes transformações da humanidade (revolução agrícola, industrial e da informação) que a sociedade atravessou e apresenta uma nova era, a qual ele chama de Era Conceitual. Segundo ele, num período de pouco mais de cem anos, deixamos de ser uma sociedade de agricultores, para sermos uma sociedade de operários de fábrica até nos constituirmos como uma sociedade de trabalhadores do conhecimento nas últimas décadas. A era conceitual, por sua vez, é o próximo passo, o que nos transformará em uma sociedade de pessoas criativas e empáticas, leitoras de padrões e produtoras de sentido, cuja aptidão predominante será o domínio da atividade cerebral do lado direito do cérebro, ou seja, nossa criatividade.

Ócio criativo

Essa quebra de paradigma, dos empregos de fábricas e de colarinhos brancos, como operários, engenheiros, contadores e administradores, para uma sociedade de ocupações criativas apresenta grandes vantagens. Segundo o sociólogo italiano especializado em trabalho, Domenico de Masi, para alguém que exerce uma atividade criativa, não existe tempo livre, tão pouco existe tempo de trabalho, ambas as atividades para ele se confundem, ambas são significativas e geram contentamento ao indivíduo. E é a esse estilo de vida proporcionado pela conjunção harmônica de trabalho e tempo livre que o autor dá o nome de ócio criativo, título de um de seus livros mais aclamados. Nele, De Masi defende que a saída para a satisfação do trabalhador e do ser humano no mundo contemporâneo, é exercer uma atividade na qual este possa trabalhar, estudar e se divertir, tudo ao mesmo tempo. Uma atividade cooperativa, mais intencional e significativa, na qual o indivíduo sinta-se confortável e imerso na prática, sem desejar ansiosamente pelo sinal da fábrica que marca o horário de ir embora.

Esse ambiente projetado pelo sociólogo já é uma realidade em muitas empresas da economia criativa, principalmente em empresas pontocom como o Google, Facebook, Amazon e Estante Virtual. Tais

25 SEM TRABALHO

empresas se preocupam em oferecer a seus empregados um ambiente acolhedor que garanta o bem estar e a satisfação dos funcionários durante o período que passam nas instalações da empresa. Videogames, massagens, redes para deitar e horários flexíveis são algumas regalias proporcionadas. Essas empresas proporcionam qualidade de vida a seus colaboradores mesmo durante o expediente, elas não cobram horas trabalhadas e sim produção e inovação de seus funcionários. Para tanto entendem que a motivação e envolvimento (no sentido de gostar e encontrar significado na atividade desenvolvida) do trabalhador dependem deste se sentir bem ao ir trabalhar, dependem de seu desejo de querer ir à empresa pelo apreço às atividades que lá poderá desenvolver e não apenas pelo salário.

Mas esse tipo de ambiente descontraído, mais focado em resultados do que em tempo trabalhado, ainda é minoria entre as empresas. Salvo nas empresas da economia digital, como produtoras videogames, escritórios de design e fabricantes de aplicativos. Nestas o ambiente de trabalho defendido por De Masi é cada vez mais freqüente, e quanto menor o tamanho da empresa, mais presente se faz o conceito de ócio criativo defendido pelo sociólogo.

O artesão digital

Talvez porque a era digital venha proporcionando ao homem a possibilidade de recuperar práticas que há cem anos eram tidas como padrões na sociedade, como a figura do artesão. Michael Kimmel nos conta em seu livro “Manhood in America” que antes do estabelecimento da figura do empregado/operário servil, dependente e obediente do século XX, a sociedade norte americana era constituída por artesãos e comerciantes, homens independentes e honestos, proprietários de pequenas lojas. Ferreiros, marceneiros, donos de pequenas destilarias, padeiros, pequenos agricultores, trabalhadores cujos ofícios constituíam uma parte importante de suas identidades. As atividades desenvolvidas por eles na maioria das vezes era passada de pai para filho e tais ofícios continham em si muito significado, o ferreiro se orgulhava das suas ferramentas, o padeiro e o marceneiro se orgulhavam dos pães e móveis que fabricavam. O trabalho manual era a tônica do trabalho e o trabalhador conhecia todo o processo da fabricação de seu produto.

Num primeiro momento, a comparação de um artesão com um trabalhador da economia digital pode parecer muito distante, mas olhando atentamente podemos identificar características que os aproximam substancialmente. O filósofo Richard Sennett no livro “O

27 SEM TRABALHO

Artífice”, defende que as pessoas podem alcançar uma vida material mais humana ao entenderem como são feitas as coisas. Para Sennett, a maioria das pessoas pode se desenvolver através do trabalho e o caminho para isso é a atividade artesanal. Como escreve o filósofo no livro:

“A habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo”.

As afirmações de Sennett vão ao encontro da maneira como inúmeros trabalhadores freelancers de hoje, como jornalistas, fotógrafos, designers gráficos, publicitários, web designers e ilustradores encaram suas profissões. A internet possibilita que estes profissionais consigam trabalhar por conta própria, uma vez que na rede conseguem exibir seus portfólios, conseguindo trabalhos mesmo sem contar com um emprego formal. Estes profissionais se assemelham aos artesãos, pois desempenham suas tarefas de maneira independente e acompanham todo o processo de suas criações e as fazem com atenção especial quanto à qualidade para garantir futuros trabalhos.

Olhando por esse prisma a era digital recupera o espírito dos artesãos fazendo com que a imagem do arquétipo destes homens do passado como figuras de mangas arregaçadas, com aventais

amarrados em torno do corpo, sempre trabalhando para obter o sustento de suas famílias se aproxime da imagem dos profissionais da economia criativa, que agora se pautam nos valores dos antigos artesãos para formar uma nova categoria de trabalhadores, a de artesãos digitais, com a singular diferença de que no lugar de lojas com seus nomes nas placas, estes novos artesãos contam com sites e blogs com as suas assinaturas.

Cérebro enquanto mercadoria

Mesmo a ideia da produção intelectual como mercadoria não é nenhuma novidade. O escritor Jack London em seu conto clássico “A Paixão do socialismo”, publicado em 1905, ao descrever sua passagem de trabalhador braçal para escritor, ou um “vendedor do cérebro” como gostava de dizer, enumerou algumas vantagens do trabalho intelectual. Entre elas o autor argumentava que enquanto atividades braçais são perecíveis, arruinando fisicamente o trabalhador ao fim da vida, um vendedor do cérebro está apenas no começo quando tem cinquenta ou sessenta anos e seus produtos atingem preços mais altos, devido a credibilidade proporcionada pela experiência.

London já se empolgava com a longevidade com a qual o trabalho intelectual poderia agraciá-lo. Hoje, o raciocínio do escritor é ainda

mais alentador, considerando que vivemos num mundo no qual a expectativa de vida só faz aumentar. O Brasil, por exemplo, já conta com mais idosos do que crianças e uma previsão do IBGE mostra que em 2050 existirão 173 idosos para cada 100 jovens. Dessa projeção podemos prever que serviços relacionados ao bem estar e a saúde terão grande crescimento, bem como atividades de entretenimento para o tempo livre, como já ocorre na Europa, continente com maior número de habitantes idosos.

Este cenário com mais pessoas da terceira idade também nos mostra que prever um mundo baseado na economia criativa e na economia de serviços para o tempo livre se apresenta como um cenário cada vez mais palatável. Com as pessoas vivendo mais e com menos empregos formais, aumentará o tempo livre. Assim, serviços que contemplem o bem-estar, a saúde e o entretenimento crescerão. Logo, a quebra de alguns paradigmas se torna cada vez mais urgente.

Corporações x Talentos

É comum cidades se acotovelarem para atrair grandes multinacionais, visando a geração de empregos e impostos. Uma cidade com um grande polo industrial é considerada próspera. Mas

será mais viável ao Executivo num futuro próximo, ou no médio prazo, apostar suas fichas em pessoas de caráter empreendedor e inovador no lugar das grandes fábricas. Na era digital tão importante quanto ter um polo industrial gerador de receita e empregos é ter um polo de pessoas alinhadas ao padrão de mercado que vem se desenhando, um polo de empreendedores que mesmo diante do desemprego consiga promover e viabilizar economicamente produtos e serviços, e o mais importante, gerar postos de trabalho.

Peraí, mas eu não sou uma pessoa criativa. E agora?

A economia criativa se apresenta como uma solução bastante oportuna e até mesmo alentadora, mas ela também padece de um calcanhar de Aquiles. A economia criativa derrapa em uma questão: O que fazer com milhões de operários e trabalhadores de colarinho branco desempregados? O que fazer com profissionais acostumados há anos de ocupações cujas suas melhores habilidades foram empregadas no trabalho braçal e no processamento de informações praticadas pelo lado esquerdo do cérebro - o lado responsável pela lógica?

Assim como o atual modelo da meritocracia praticado pelas corporações e governos não premia todas as pessoas, um mundo pautado somente na criatividade também não contemplaria. Um

31 SEM TRABALHO

mundo só de criativos criaria um gap de excluídos. Por isso vislumbrar um futuro exclusivamente criativo, sem pensar nas pessoas introvertidas ou de pensamento mais lógico e objetivo seria o mesmo que compactuar com a desigualdade social.

Obviamente, apostar todas as fichas na economia criativa não garantirá o bem estar de todos os trabalhadores no futuro, sobretudo, desses cujas aptidões braçais e lógicas são mais preponderantes. Mas não há motivos para pânico, existem outras soluções, das quais tratarei no próximo capítulo - **“A revolução são os outros”**.

**A REVOLUÇÃO
SÃO OS
OUTROS**

O Fator Longevidade

A primeira pessoa que viverá 150 anos já nasceu. Ao menos é isso o que defendem muitos pesquisadores, entre eles a italiana Sonia Arrison, autora do livro “100 Plus: How the Coming Age of Longevity Will Change Everything, From Careers and Relationships to Family and Faith”. Na obra a autora amparada por uma cuidadosa pesquisa sobre as mais recentes técnicas na medicina e avanços da biotecnologia e da indústria farmacêutica, projeta que nossa longevidade dobrará no século XXI.

Viveremos mais e teremos a companhia de mais pessoas. Segundo um estudo da ONU(Organização das Nações Unidas) a população mundial alcançou em 2011 a marca de 7 bilhões de habitantes e no final deste século seremos 10 bilhões de pessoas no mundo.

Logo, temos o seguinte cenário se desenhando, viveremos em uma sociedade com mais pessoas idosas do que jovens. Ainda de acordo com o relatório da ONU, hoje existem cerca de 893 milhões de pessoas com mais de 60 anos, mas no meio do século este número passará de 2,4 bilhões.

Junto a esse cenário teremos de lidar com o problema das aposentadorias, serão necessárias mudanças para evitar a falência

dos institutos de previdência. Mas se engana quem pensa que esse problema está longe, a questão das aposentadorias já bate a nossa porta. Em 2011 muitos países europeus como Alemanha, Inglaterra e Portugal já identificaram sérios problemas nos seus sistemas o que os levou a adotarem algumas medidas como elevar a idade mínima para o pagamento dos benefícios.

Por isso para os mais jovens pensar em aposentadoria, talvez não seja uma questão a refletir. A previsão de que estes terão que enfrentar mais de uma carreira profissional durante suas vidas, sim. Com uma expectativa de vida maior fica difícil imaginar que uma pessoa dedicará toda sua vida a uma única ocupação. Provavelmente as pessoas não o farão, bem como a aposentadoria também não existirá ou então só agradecerá aqueles com mais de 80, 90, 100 anos. Não dá pra prever, não dá sequer, para os mais jovens planejarem uma vida contando com uma aposentadoria paga pelo Governo no final de suas vidas.

Os 60 anos serão os novos 30. Seremos uma sociedade de “velhos jovens” aptos para trabalhar, criar, produzir. Viveremos muito mais e como apresentado nos capítulos anteriores sem a garantia de que existirá empregos suficientes para todos, pelo menos no modelo formal/corporativo com o qual estamos acostumados.

A revolução são os outros

Terminei o último capítulo com a questão de que uma sociedade pautada apenas na economia criativa não viria suprir trabalho para todas as pessoas, principalmente aquelas mais acostumadas a trabalhos braçais ou de raciocínio lógico.

A solução para esse problema, o de ocupar as pessoas no mundo moderno, de criar mecanismos que legitimem que as pessoas são merecedoras da casa que habitam e dos alimentos e produtos que consomem, não está em aumentar a produção agrícola e industrial. Não está em queimar sacas de alimentos, destruir casas e estradas para depois reconstruí-las para gerar empregos. O mundo já produz coisas o suficiente. As grandes corporações produzem alimentos para alimentar a população de todo planeta, existem milhões de celulares, milhões de automóveis, milhares de marcas de cereal matinal.

Como escreveu o jornalista brasileiro André Forastieri em um artigo publicado em seu blog em 2011:

“O desafio do século XXI é a integração do planeta em uma única sociedade. Este é o desafio desta e das próximas gerações, e não crescer para ser presidente ou bilionário. Tecnologia - e dinheiro e poder - são meios, não fins”.

Assim como o atual modelo capitalista pautado na meritocracia e na figura do self-made man exclui aqueles não considerados aptos, o modelo da economia criativa também o faz, ao excluir os não criativos. A economia criativa trata-se de uma boa alternativa a ser desenvolvida, mas não pode e não deve ser a única.

Economia solidária

Uma boa opção que devemos considerar trata-se da economia solidária. Um modelo econômico pautado na autogestão, na qual os trabalhadores se organizam e criam seu próprio trabalho. Trata-se do modelo praticado, por exemplo, pelas cooperativas agrícolas.

A economia solidária vem crescendo no mundo inteiro e é importante principalmente para os mais jovens, pois nela os novos profissionais se colocam no mercado, passam a ganhar dinheiro e uma vez que estão diretamente ligados a todo o processo de fabricação dos produtos(são sócio-cooperados) valorizam mais sua mão de obra e significado.

Os postos de trabalho, bem como a riqueza produzida pela economia solidária é uma tendência mundial a ponto do Brasil, mesmo vivendo um período de pleno emprego, com o desemprego atingindo apenas 6% da população, manter uma secretaria específica para o setor, a

Secretaria Nacional de Economia Solidária, que estima que cerca de 3 milhões de brasileiros se enquadrem no setor, ou seja, 3% da população economicamente ativa. Existem atualmente no país por volta de 20 a 30 mil empresas da economia solidária de todos os tamanhos. Cerca de 150 já foram empresas capitalistas e hoje prosperam sob a autogestão dos trabalhadores.

Não por acaso, a ONU(Organização das Nações Unidas) por meio da OIT(Organização Internacional do Trabalho) entende o sistema de cooperativas como um importante fator de desenvolvimento e instrumento de paz no século XXI. E as áreas de atuação do setor vão muito além das cooperativas agrícolas. Soluções manufatureiras, para o trânsito(táxis), sócio-educativas, de entretenimento e tecnologia já são realidades. E a aproximação da economia solidária com a cultura digital deverá ampliar ainda mais o leque de iniciativas para o seu desenvolvimento.

Com a popularização da internet ficou mais fácil o desenvolvimento das chamadas comunidades de prática, nas quais um grupo de pessoas se reúne em torno de um mesmo tópico ou interesse e trabalham juntas para achar meios de melhorar o que fazem, resolver problemas de suas comunidades e aprender coisas novas.

Tais comunidades são verdadeiros polos de produção de conhecimento. No entanto, as soluções encontradas por tais comunidades muitas vezes ficam restritas aos próprios grupos. A adoção do modelo da economia solidária por parte destes grupos pode colaborar para a propagação dessas soluções. Um bom exemplo é a comunidade de prática **EstúdioLivre.org**. O Estúdio Livre é um ambiente colaborativo na Internet para interessadas/os na produção e difusão de mídias feitas com software livre. Por se tratar de um wikisite, qualquer pessoa pode se cadastrar e colaborar com o site, seja incluindo tutoriais de novos softwares ou editando verbetes. E o mais legal é que muita gente já obteve trabalhos graças a sua colaboração com o site. Instituições como o SESC SP(Serviço Social do Comércio) por meio do programa Internet Livre, bem como a área de cultura digital do MINC(Ministério da Cultura) por meio do programa Cultura Viva, já contrataram e contratam profissionais da comunidade EstúdioLivre.org para ministrar oficinas e prestarem consultoria em seus projetos.

Temos então um cenário promissor para as comunidades de prática, e considerando o conceito da **cauda longa** da web, no qual todo nicho encontra adeptos na rede, todo tipo de conhecimento pode desenvolver uma rede. De artesãos à padeiros, hoje, qualquer profissional pode criar grupos na rede para trocar ideias de práticas e

técnicas e até mesmo comercializar suas criações. As pessoas podem utilizar a internet para encontrar parceiros para desenvolver produtos em comum, gente de qualquer lugar do mundo, do próprio bairro ou do Japão, só depende do desejo de cada um.

E se considerarmos que o número de usuários da internet passará de 23% da população mundial(dados de 2010) para 66% até 2020 teremos um cenário ainda mais promissor. Para ser mais preciso, assistiremos nos próximos anos à chegada de 3 bilhões de pessoas à Internet. Um crescimento de mais de 150%. A possibilidade de encontrar parceiros para o seu projeto será imensa.

Tantas pessoas desembarcando na rede nos mostra o quanto as comunidades de prática e cooperativas deverão crescer. Construir um negócio próprio, fazendo algo que você realmente goste se tornará mais fácil, com a enorme vantagem do modelo da economia solidária estar amparado por um estilo de vida mais leve, menos focado em competitividade e mais em comunidade. No lugar do fazer por si mesmo - do self-made man - fazer com os outros. O futuro da sociedade reserva, ao lado da economia criativa, um lugar de destaque para a economia solidária. Uma economia baseada nas pessoas e na inclusão delas na sociedade. Mais que um modelo sócio-econômico, um movimento, uma filosofia de vida capaz de unir desenvolvimento econômico e bem estar.

A vingança do lado esquerdo do cérebro

Vida longa aos trabalhadores de colarinho azul e branco

A cultura digital tem provocado muitas mudanças nos principais pilares da sociedade, principalmente no que diz respeito ao trabalho.

O futuro reserva menos empregos formais ligados às grandes corporações. Não que as grandes empresas desaparecerão, elas provavelmente continuarão existindo e obtendo lucros. O que mudará é a base do organograma empresarial. Saem os homens entram as máquinas. Isso também não quer dizer que todo o processo será feito por computadores, haverá homens, mas a mão de obra será menor, **softwares e robôs farão o trabalho de operários e técnicos.**

O que nos leva a essa previsão é a capacidade de processamento da computação. O aumento acontece ano a ano, acontece exponencialmente. Em 1900 a potência dobrava a cada três anos, em 1950 a cada dois anos e em 1980 a cada ano e meio. Hoje ela dobra há cada 11 meses. O que leva as empresas a fabricarem máquinas cada vez mais rápidas e inteligentes. Segundo o prestigiado pesquisador e futurista norte americano, Ray Kurzweil, em 2029 o computador terá a inteligência humana. A afirmação carrega certo

41 SEM TRABALHO

exagero, uma vez que, dificilmente computadores atingirão a inteligência emocional e a criatividade humana. Mas, em relação a aptidões operacionais a evolução dos computadores já é realidade.

Considerando o modelo capitalista atual, dificilmente grandes corporações e bancos dispondão de capital para adquirir máquinas que executem o serviço de vários homens e em menor tempo optarão por manter uma grande base de trabalhadores formais. E lá se vai o emprego de operários, técnicos, engenheiros, contadores, administradores, etc.

A palavra de ordem é: adaptação. Mas adaptação não remete instantaneamente a uma mudança radical. Adaptar-se não quer dizer que um bombeiro hidráulico deva esquecer sua habilidade e virar um enfermeiro/cuidador da noite para o dia, porque o mercado de saúde e bem estar estará aquecido. Adaptar-se para o século XXI tem mais a ver com desprender-se de alguns arquétipos como o do “Empregado de carteira assinada”. Talvez no século XXI não ter a carteira de trabalho assinada não seja um problema.

As mudanças que a que a tecnologia está trazendo às nossas vidas estão aos poucos moldando nossos comportamentos. Cada vez menos existe separação entre digital e real, entre online e offline.

Trata-se de um caminho sem volta e o trabalho precisa evoluir. Como devemos nos preparar para essa nova economia? Como os governos estão se preparando para essa nova economia?

A economia criativa, a economia solidária e a economia do bem estar apresentam-se como principais opções dos trabalhadores no século XXI. Estes mercados deverão abrigar a maioria dos profissionais. Governos de todas as nações já estão atentos, secretarias de Economia Criativa e de Economia Solidária e políticas de bem estar social aumentam ano a ano pelo globo.

Enquanto trabalhadores devemos mirar esses mercados, mas isso não implica necessariamente em escolher uma nova profissão. O século XXI também precisará de pedreiros, marceneiros, encanadores, vidraceiros, contadores, administradores. Os chamados empregos de colarinho azul(técnicos) ou branco(executivos).

Ongs, agências de publicidade, produtoras de videogames, escritórios de design, agências de turismo, hotéis, universidades abrigarão a maioria dos trabalhadores de colarinho branco. Com a vantagem

destes profissionais poderem trabalhar em áreas relacionadas a seus hobbies.

A economia solidária e a economia de bem estar, por sua vez, abrigarão muitos trabalhadores de colarinho azul. O trabalho no campo, as cooperativas de manufatura, restaurantes, hortas comunitárias, feiras livres, garantirão o trabalho de engenheiros agrônomos, técnicos mecânicos, garçons, lavradores, vendedores.

Sem falar nas inúmeras profissões que deverão surgir devido a nova onda de automação. E cujos postos estarão diretamente ligados àqueles que conseguirem trabalhar e se adaptar bem às novas tecnologias e a presença de robôs em seus escritórios, lojas e fábricas. Isso porque trabalhar com robôs em breve será uma realidade para muita gente.

Escambo digital

Alheio ao mercado outro sistema aparece como uma alternativa em ascensão nesta virada de século, uma tendência que promete ir longe nos próximos anos, o sistema de trocas. Com o advento da Internet o sistema de trocas encontrou na internet um território para voltar ao cotidiano das pessoas, a exemplo dos anos que precederam a era industrial. Trocar produtos na era digital não é algo antiquado e

aspirar uma sociedade pautada no sistema de trocas não é nada utópico.

A cultura do século XXI pede inovação social tanto quanto tecnológica.

O sistema capitalista, inclusive, já adotou o modelo. Empresas milionárias como E-Bay e Mercado Livre, apesar de terem no sistema de vendas seu ponto forte, também permitem trocas. E esse escambo digital já está sendo praticado em centenas de sites na Internet.

A iniciativa mais bem sucedida até o momento é o movimento **Freecycle**, uma rede de troca de bens a nível local, que atualmente funciona em mais de noventa e cinco países. No Brasil vinte e nove cidades possuem comunidades do movimento que funciona via grupos de discussão na internet. Nos grupos pessoas disponibilizam objetos que não usam mais, assim que uma pessoa demonstra interesse ela combina com o membro doador a entrega ou retirada do objeto. Mas vale destacar que o objetivo da *free-ciclagem* não é apenas obter bens gratuitamente e sim evitar que objetos ainda utilizáveis porem nas lixeiras. O Freecycle parte da premissa que já existe muitos produtos no mundo, logo, mesmo que eu não queira mais um sofá ou eletrodoméstico alguém pode querer. O princípio do

movimento é estender ao máximo o tempo de vida útil dos produtos fazendo com que as pessoas colaborem umas com as outras, ora doando ora recebendo.

Trazendo a ideia do sistema de trocas para o trabalho, sites já oferecem serviços semelhantes em que um profissional oferece seus serviços em troca de outro serviço ou produto. Oferece-se de tudo na rede, do aluguel do sofá de casa para mochileiros ao aluguel do próprio carro, bem como tempo para passear com cachorros. E esse escambo digital daqui pra frente deverá influenciar também o dia a dia das comunidades. Com menos empregos formais e mais tempo livre, trabalhadores de colarinho azul e branco como marceneiros, eletricitistas, encanadores, babás, animadores de festa, técnicos de informática, contadores, professores, entre outros, podem muito bem utilizar da prática do escambo para trocar seus serviços por um produto ou outro serviço com vizinhos do bairro em que vivem.

Assim temos mais um modelo que se retroalimenta, no qual as pessoas colaboram entre si, no qual um vizinho ajuda o outro. O século XXI pode até acenar com menos empregos formais de carteira assinada, mas trabalho, como podemos notar com a prática do

sistema de trocas, não faltará e construir redes de troca de serviços, num mundo sem empregos, será vital para a sociedade.

Vamos construir juntos esse futuro. Por isso esse é o tema do próximo capítulo – **“Do DIY para o DIC”**.

DO DIY PARA
O DIC

Quebrando paradigmas

Lembre-se da última banda que você curtiu ou da última notícia que leu. Agora responda como você teve acesso a essa informação? É grande a possibilidade do leitor responder que foi por meio de um colega via twitter, blog, Orkut, Facebook, Msn ou algo parecido ante um veículo tradicional de mídia. Isso porque uma das principais quebras de paradigma advindas da cultura digital foi a ascensão do amador/receptor.

Se antes a comunicação acontecia de um para muitos (ex: da Rede Globo para todos os brasileiros), ela agora, com a Internet, acontece de muitos para muitos. Se antes éramos tidos como agentes passivos, hoje todos podemos ser produtores de conteúdo e até mesmo canais de informação.

Qualquer pessoa pode abrir um blog ou twitter e começar a opinar sobre política, os problemas de seu bairro ou sobre seu hobby preferido. É a chamada Web 2.0.

Junto a essa quebra de paradigma da comunicação, outro paradigma posto à prova pela cultura digital foi a soberania do direito autoral e das patentes científicas. A cultura hacker, progenitora da Internet, propiciou que muitas informações, antes fadadas a pequenos nichos, se tornassem de conhecimento coletivo.

Com o surgimento de novas tecnologias, sobretudo a Internet, a cultura, enquanto conhecimento, atinge cada vez mais indivíduos antes segregados, diminuindo assim o abismo entre a educação e a formação dos indivíduos de diferentes classes sociais. O Software Livre, a ascensão das redes sociais na internet, assim como a causa da Cultura e da Informação livre são responsáveis diretos por essa transformação, a ponto de fazer o mercado e o poder público discutir a revisão das chamadas leis de propriedade intelectual.

Hoje as pessoas têm acesso à informação suficiente para adquirirem o conhecimento que quiserem. Na Internet encontram gratuitamente aulas de prestigiadas instituições de ensino como Harvard, MIT e FGV. Comunidades de prática ensinam o passo a passo para construção de softwares a sites. O “você quer, você pode” ganhou status a ponto do chamado DIY(Do it yourself), o famoso “faça você mesmo” se tornar uma bandeira da cultura digital.

Do DIY(Faça você mesmo) para o DIC(Faça coletivamente)

Muitos empreendedores do Vale do Silício, expoente polo tecnológico dos EUA, construíram suas carreiras embasados por esta cultura. Aliado a isto, no campo da filosofia tais empreendedores

encontraram no Objetivismo, da filósofa norte-americana Ayn Rand, que defende os direitos individuais em busca da felicidade e o direito a propriedade criada pelos esforços individuais, um modelo a ser seguido.

No lugar do tradicional modelo “escola, faculdade e emprego formal”, muitos jovens, sobretudo norte-americanos, a partir dos anos 70 optaram por aprender computação de maneira autodidata e criaram suas empresas na garagem de casa, muitas vezes abandonando a faculdade.

Empresas de sucesso do século XX como Apple e Microsoft tiveram suas origens nesse tipo de comportamento e o nome de seus fundadores, respectivamente, Steve Jobs e Bill Gates são lendários na Era digital. Ambos não terminaram a faculdade, mesmo assim se tornaram soberanos em seus mercados.

Mas o sucesso de Jobs e Gates apresenta um efeito colateral perigoso no mundo contemporâneo. A influência que suas iniciativas bem sucedidas, mesmo sem grandes aportes financeiros ou apoio governamental, faz com que muitos interpretem erroneamente que hoje, na era digital, do boom dos apps(aplicativos), basta ter uma garagem e uma boa ideia para enriquecer.

O objetivismo de Rand adotado por muitos empreendedores, bem como a fé indisciplinada na cultura do DIY, corrobora com a ideia excludente do “sonho americano” e do self-made man. Reforça a ideia do “aos vencedores tudo e aos perdedores nada”. O aprender sozinho e investir em um negócio próprio, hoje, numa economia da informação, numa economia criativa, são sim cada vez mais viáveis, mas não garantirão a sobrevivência de todos. Muitos talentos podem se perder num mercado pautado exclusivamente no modelo objetivista, do cada um por si.

Engenheiros de software podem criar programas bons, mas que de repente não consigam ser viáveis economicamente; bons educadores podem não conseguir uma escola para lecionar; ilustradores podem não conseguir bons trabalhos por conta própria; um jogador de futebol talentoso do interior pode não ser encontrado por um olheiro, uma boa banda de rock pode não ser descoberta porque, de repente, seus integrantes não tem dinheiro para arcar com a conta da banda larga, o que viria a prejudicar sua promoção virtual.

Muitos fatores podem prejudicar o desenvolvimento dos profissionais, até mesmo dos mais talentosos.

Acredito que uma saída para esses impedimentos esteja mais próxima do que imaginamos. Talvez a um clique. É preciso que nos distanciemos do “Eu”. É preciso dar uma folga ao nosso “ego”. É preciso que nos distanciemos de nós mesmos para que alcancemos a “liberdade de ver os outros”, um modelo defendido pelo escritor David Foster Wallace, em um **discurso de formatura** para os formandos da Universidade de Kenyon nos Estados Unidos em 2007.

Em seu discurso Wallace pontua que somos seres egocêntricos. Todas as experiências pelas quais passamos tem sempre, um ponto central absoluto: nós mesmos. Trata-se de uma configuração padrão, o que torna difícil enxergar o outro. Os pensamentos e sentimentos dos outros precisam achar um caminho para serem captados, enquanto o que sentimos e pensamos é imediato, urgente, real. A liberdade de ver os outros seria uma evolução que devemos buscar.

Defendo que enxergar os outros seja a saída para que mais pessoas consigam ocupações no futuro. Vivemos um momento oportuno para passar do DIY(faça você mesmo) para o DIC (Do it collectively - Faça coletivamente). Digo isso porque o mundo contemporâneo vive com a Internet uma situação curiosa. Você já reparou como as pessoas, por intermédio de fóruns e tutoriais, ajudam umas às

outras no ambiente virtual? Já reparou como elas colaboram entre si para promover causas, mesmo sem se conhecerem e o mais espantoso não cobram nada por isso?

Redescobrimo a ética hacker

Essa atitude foi herdada dos pioneiros da internet, os hackers. Trata-se de uma ética hacker. O pesquisador brasileiro Dalton Martins pontua bem no e-book Para entender a Internet:

“O hacker tem um jeito de ser, tem um foco, tem um interesse. Gosta de vivenciar desafios e gosta de aprender com seus próprios limites. Mas, um ponto que diferencia fundamentalmente o hacker de outras pessoas que também gostam de desafios é que o hacker utiliza uma parte significativa do seu tempo documentando e compartilhando a forma como ele conseguiu vencer um desafio e, dessa forma, permite que outras pessoas possam aprender com suas descobertas. É uma atitude que possui em seu Dna um desejo íntimo de construir um mundo a partir de uma inteligência coletiva, a partir da colaboração entre as diferentes formas que as pessoas possuem de resolver seus problemas.”

O espírito colaborativo, próprio dos primeiros hackers, influenciou positivamente a web como a conhecemos hoje. Recuperar esse espírito e colocá-lo conscientemente em prática pode render grandes conquistas no campo do trabalho.

Vamos fazer juntos?

Crowdsourcing & Crowdfunding

Na era digital as pessoas foram alçadas a uma posição importante no mundo. O capital social advindo do universo colaborativo da web tem se mostrado uma ferramenta de grande poder, o que impacta a sociedade. Com a ascensão da Internet, tanto a ética hacker como os ideais da cultura livre aumentaram sua influência. Nas redes sociais, com o auxílio de sites peer to peer, as pessoas trocam entre si programas de computador, games, música, filmes. Em fóruns de discussão debatem como sanar problemas dos mais diversos. E num patamar mais elevado se prestam até mesmo a pensar soluções para o mundo e para os negócios de grandes empresas como é o caso do site **Innocentive**, uma plataforma de inovação aberta que aceita pedidos de resolução de problemas por parte de seus usuários cadastrados, dentre eles grandes empresas e governos.

Esse fenômeno de troca de informações entre as pessoas para solucionar um problema ou promover conhecimento responde pelo nome de Crowdsourcing. O modelo é uma excelente alternativa para combater o objetivismo da cultura DIY.

Isso não quer dizer que o DIY seja algo ruim. O “faça você mesmo” é positivo, mas algumas pessoas têm dificuldade com a prática. Passamos anos nos bancos escolares ouvindo instruções de como proceder para aprender, quebrar esse paradigma da educação ainda levará algum tempo. Por ora é preciso estar atento para aqueles que não se sentem confortáveis com o “Faça você mesmo”. Aprender sozinho pede uma disciplina, uma autogestão, que muitas pessoas não têm. Mas na Internet existem alternativas de aprendizado para essas pessoas. Sites como o Livemocha, por exemplo, permitem que as pessoas aprendam outros idiomas com pessoas de outras nacionalidades. No lugar de aprender sozinho aprendem com os outros. Na maioria dos cursos sem pagar nada.

Outra alternativa, sobretudo, para a realização de projetos que necessitam de aporte financeiro, é o crowdfunding, prática na qual as pessoas de maneira colaborativa obtêm capital para iniciativas de interesse coletivo através da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa.

Sites como o norteamericano **Kickstarter** e os brasileiros **Vakinha** e **Catar-se** funcionam como plataformas nas quais os usuários submetem seus projetos para conseguir dinheiro para financiá-los. Bandas já produzem CDs e shows por meio do modelo, bem como cineastas e autores viabilizam suas obras por meio da colaboração de fãs. O potencial de transformação proporcionado por estes sites é tão grande que tem levado grandes pesquisadores da cultura digital a considerar o modelo das plataformas de crowdfunding como o mais promissor para o futuro. Tim O'Reilly, é um desses pesquisadores, autor da expressão "Web 2.0" e entusiasta do software livre, O'Reilly declarou recentemente que considera a Kickstarter a empresa de tecnologia mais importante desde a criação do Facebook, talvez, ainda segundo ele, a mais importante a longo prazo. O entusiasmo em relação a estes sites se deve, além da possibilidade de viabilização de projetos, à autonomia proporcionada pelo modelo aos criadores que antes, quando patrocinados, ficavam a mercê das vontades do investidor. E o mais importante realiza sonhos, que se antes eram sonhados sozinhos, hoje com tais plataformas podem ser compartilhados o que torna mais fácil transformá-los em realidade.

Um exemplo bem sucedido de projeto viabilizado por crowdfunding é o “**Cidade para Pessoas**”, da jornalista brasileira Natália Garcia. O objetivo do projeto era visitar cidades européias, consideradas como exemplos de urbanismo e planejamento público, para produzir uma pesquisa multimídia com ideias para adoção de soluções urbanísticas para as cidades brasileiras. A jornalista submeteu o projeto no Catarse no início de 2011, visando arrecadar vinte e cinco mil reais para financiá-lo. Em menos de um mês a jornalista conseguiu levantar o dinheiro com a colaboração de 285 pessoas. Em 2011 ela percorreu sete cidades europeias (Copenhague, Amsterdam, Londres, Paris, Lyon, Strasbourg e Freiburg) entrevistando arquitetos, engenheiros e políticos sobre soluções adotadas por suas cidades. Em tempo, desde seu primeiro embarque, em retribuição aos seus mecenas virtuais, Natália publica regularmente no seu blog matérias sobre soluções urbanísticas que podem colaborar com a qualidade de vida das pessoas e com a promoção da cidadania.

Outro exemplo interessante sobre essa cultura colaborativa é o coletivo Fora do Eixo, uma rede de produtores culturais que promove o intercâmbio de bandas independentes de diferentes regiões do Brasil para tocar em outros estados que não o seu de origem. As bandas a princípio tocam por um cachê menor, mas ao mesmo

tempo passam a fazer mais shows(participam de festivais do coletivo) e em regiões diferentes da sua base, o que colabora para que o trabalho das bandas passe a ser conhecido por mais pessoas. Produtores de diferentes estados interagem por meio da internet, planejando festivais e shows. O resultado: No lugar das poucas cenas locais de anos atrás o Brasil hoje conta com uma cena de música independente nacional mais forte.

Coletivos como o Fora do Eixo deverão ser mais comuns no futuro, e nas mais diferentes áreas, de designers à artesãos, de educadores à cineastas, uma vez que possibilitam ao profissional produzir regularmente e em diferentes estados, garantindo assim sua renda e sobrevivência.

A cultura colaborativa, dos coletivos, das vaquinhas, do fazer com o outro têm um grande potencial de desenvolvimento no século XXI. Aliado ao “Faça você mesmo” podemos pensar num modelo no qual as pessoas aprenderão sozinhas, mas construirão com os outros. Um belo antídoto para erradicar o individualismo do capitalismo, do chamado sonho americano, um sonho que, se existe, na prática tem se mostrado difícil de ser alcançado, no muito uma realidade para poucos, não mais que o tal 1% das pessoas mais ricas alvo dos protestos do movimento Occupy.

Mas se o sonho americano não é uma realidade, o potencial criativo, intelectual e de desenvolvimento humano dos outros 99% da população, os mais pobres, é. Por isso diante de uma boa ideia ou projeto não se acanhe em perguntar para alguém, seja na sua comunidade ou na web, “Vamos fazer juntos?” Uma predisposição fundamental para a concretização da ideia central do nosso próximo tema – **“Criando valor local”**.

**CRIE VALOR
LOCAL**

Os donos do mundo

Um a pesquisa do Instituto Federal de Tecnologia da Suíça, publicou em 2011 que um pequeno grupo de corporações controla a economia global.

Os pesquisadores do instituto estudaram 43.060 multinacionais, a partir de uma base de dados de 37 milhões de empresas e investidores de todo o mundo, datada de 2007. O resultado do estudo foi surpreendente. Num primeiro momento da pesquisa somos apresentados a uma rede de 1.318 companhias que, de acordo com a pesquisa, juntas possuíam a maior parte das ações de empresas de alta confiabilidade e lucratividade e de manufatura do mundo, representando cerca de 60% dos lucros operacionais globais.

Já num segundo momento a pesquisa apresenta uma espécie de "super-entidade" formada por 147 empresas que possuem parte ou a totalidade da propriedade umas das outras. Segundo o estudo, esta "super-entidade", embora represente menos de 1% das multinacionais do mundo, comanda 40% da riqueza gerada pelas outras 42.913 empresas da pesquisa.

Essa rede exclusiva de corporações é formada principalmente por instituições financeiras(grandes bancos) que realizam transações umas com as outras. Essa interdependência nos negócios é perigosa uma vez que, quando uma dessas empresas decreta falência acaba atingindo todas as outras. São ligações como essas que fizeram com que a quebra do banco Lehman Brothers em 2008, se tornasse um desastre global.

Hoje, a maioria das economias do mundo está de alguma maneira ligada a esse pequeno grupo de corporações, logo, as crises que os atingem se esparramam por todas as classes sociais. Isso torna governos muito dependentes da vontade das diretorias dessas empresas , pois estimula a corrupção e a passividade dos países frente às práticas adotadas por elas no mercado.

No mundo contemporâneo grandes corporações se apresentam como responsáveis pela criação de valor, pela riqueza e pelos empregos. São os donos do mundo.

Mudando o jogo

Dependemos direta ou indiretamente das grandes corporações seja na forma de seus produtos ou nos empregos que nos oferecem. Mas, com relação a este último, o cenário pouco promissor que vem se desenhando para os empregos formais no futuro, fará com que a nossa dependência em relação aos postos de trabalho das grandes corporações se reduza drasticamente. Podemos com isso nos assustar ou enxergar no desemprego uma oportunidade de mudar o jogo.

Os donos do mundo só o são devido a nossa dependência à atual configuração da economia global. Reduzir a nossa dependência e a influência dos valores pregados pelas grandes corporações em nossas vidas pode nos levar a um processo de transição, do atual “Mundo das Marcas” para um “Mundo das Pessoas”.

Corporações tem como objetivo obter lucro acima de qualquer coisa, substituir a mão de obra atual por máquinas que produzam mais e mais rápido será uma processo natural para elas. A saída para os trabalhadores desempregados se dará em muitos casos com iniciativas locais, de rua, de comunidade. Buscar opções como a produção e o comércio local, cooperativas de crédito e trocas de serviços poderá garantir a ocupação de milhares de trabalhadores.

Mesmo hoje, ainda longe da eminência de uma crise de desemprego aguda, já é importante incentivar o comércio local. Douglas Rushkoff no livro "Life Inc – How capitalism conquered the world" apresenta um curioso dado norteamericano que imagino deva se repetir em outras nações. Segundo o autor para cada dois postos de trabalho criados pela Walmart nos EUA, três trabalhadores de comércio local perdem seu posto. As grandes empresas trazem oportunidades de trabalho, mas ao mesmo tempo fragilizam o comércio local. E assim que mais máquinas forem adotadas pelo supermercado provavelmente a equação será ainda pior, poderemos chegar no ZERO contratações vs TRÊS empregos locais a menos, e num pior cenário o fechamento da vendinha, da padaria e do açougue do bairro. Não é interessante para as grandes corporações promover o comércio, mas sim evitá-lo. A natureza de grandes supermercados como o Walmart é dominar todo o mercado.

Esqueça o Walmart, compre do Seu Zé

Vivemos um mundo novo, a mesma tecnologia que nos deu poder e independência para produzir e adquirir conhecimento, também nos toma empregos. No mundo contemporâneo é preciso se organizar para sobreviver. Adaptar-se à nova configuração do mundo digital é necessário e o mais curioso é que a solução não está em nos

tornarmos todos especialistas em máquinas, a inovação social apresenta-se como uma alternativa muito mais promissora.

Valorizar o comércio local, por exemplo, é algo que já podemos colocar em prática; bem como optar por um empréstimo de cooperativa de crédito (leia mais no capítulo 07 | pág 82); colaborar com uma comunidade prática; afiliar-se a uma cooperativa (leia mais no capítulo 06 | pág 38); trocar serviços com vizinhos e doar objetos que não usamos mais, também são.

Criar valor local é mais fácil do que parece e condição sine qua non para sobrevivermos num mundo sem empregos. Mas, é algo que só virá estabelecer-se quando a criação de valor local, de tão comum, possa ser assimilada como cultura em vez de apenas mais uma prática.

Assim a construção de uma economia que venha contemplar a todos depende da criação de valor local, já a transição do modelo de uma “sociedade de marcas” para uma “sociedade de pessoas” pede ainda mais empenho, mas pode se dar da mesma maneira, aos poucos, com iniciativas locais. Tratarei disso no próximo capítulo - **“De baixo para cima”**.

DE BAIXO PARA CIMA

Ras-le-bol

2011 ficou marcado em todo o mundo como o ano dos protestos. Tanto que naquele ano a revista Time colocou a figura do “Protester” (manifestante) na capa da sua prestigiada edição de final de ano como sendo a “Personalidade do Ano”. Da praça Tahir no Egito às manifestações do “Churrasco da gente diferenciada” no Brasil, o mesmo sentimento levou as pessoas às ruas. A angústia de que por mais que elas se esforcem, trabalhem e estudem, talvez, nunca venham a alcançar a tão sonhada “qualidade de vida” vendida pelo modelo capitalista. Isso porque o bem comum parece cada vez mais distante da pauta principal daqueles que detêm poder de transformação no mundo, ou seja, nossos governantes e as diretorias das grandes corporações. Os franceses têm uma expressão para esse sentimento de impotência, Ras-le-bol.

A população do mundo inteiro padece hoje desse sentimento de frustração, seja em países de regimes totalitários como o Irã, passando pelo regime comunista chinês até as “democracias” ocidentais. As pessoas mesmo nos países democráticos sabem que não podem contar com os governos. A democracia da qual dispomos hoje se assemelha mais a uma plutocracia, um governo dos ricos, pelos ricos e para os ricos. Não existe alternativa verdadeira quando

vamos às urnas hoje, sempre nos deparamos com as mesmas caras e os mesmos partidos. Nossas opções não diferem muito das de países como China, Rússia, Venezuela e Cuba comumente execrados pelas nações “democráticas” como anti-democráticas.

Optar por um candidato de esquerda ou direita dá no mesmo. O bem comum da sociedade parece distante diante da atual configuração política. Mesmo as empresas comprometidas com o desenvolvimento social e sustentável e que mantêm programas nessas áreas de perto não nos parecem tão predispostas para o bem comum quanto pelo lucro. Basta uma crise para que programas sociais sejam encerrados e trabalhadores dessas áreas demitidos. Sem contar a isenção de impostos proveniente dos “projetos sociais” que se não existisse, certamente, em muitos casos, significaria o fechamento dessas ações sociais por parte de várias empresas.

Por essas e outras o mundo em 2011 parece ter acordado para o fato de que vivemos uma crise social, de valores. Vivemos numa sociedade que é movida pelo dinheiro e só. A expressão “mais desenvolvimento” quer dizer mais grana, a expressão “crescimento do PIB” também. Mas esse crescimento quando acontece fica fadado àquele 1% das pessoas e empresas mais ricas do mundo.

O grande desafio do mundo no século XXI é construir uma rede mundial de pessoas na qual, todas sejam agraciadas com o valor criado pelos bens que produzem, para que usufruam de uma qualidade de vida sem apertos. A solução, no entanto, não virá de cima, cobrar de governantes e grandes empresas pode custar muito tempo e não dar em nada. Melhor olhar para baixo ou para o lado.

De baixo para cima

Hoje a crise econômica é profunda, atinge diretamente os jovens e não oferece uma saída fácil no horizonte para os países industrializados. Diante dessa confusão, com menos dinheiro e empregos, ou as pessoas se matam ou elas passam a se importar umas com as outras. Ficar com a última opção é sem dúvida a melhor escolha. Em época de crise não podemos contar com o mercado. Mais fácil pedir uma xícara de açúcar para o seu vizinho do que fiado no Walmart.

Mesmo acostumados ao modelo “cada um por si”, defendo que com a crise poderemos adotar um modelo de interdependência muito mais saudável. Ao passarmos a valorizar a criação de valor local começaremos a prover um crescimento orgânico da comunidade na qual estivermos inseridos.

Ao darmos início a uma cooperativa, uma ONG, uma horta comunitária, um rodízio de automóveis ou outras opções de trocas de serviços, ampliaremos a força do capital social na sociedade.

Fortalecer o capital social é imprescindível para a transição de uma “sociedade das marcas” para uma “sociedade das pessoas”. O capital social tende a ser uma das principais moedas no século XXI, hoje, porém, este por si só, bem como uma ideia social transformadora, não garantem grandes investimentos. Dificilmente um governo, corporação ou uma grande fundação de solidariedade investirá muito dinheiro em uma iniciativa recente. Em governos e mercados como o brasileiro então, as chances são ainda menores. O capital social é encarado como as startups de tecnologia nos EUA nos anos 80, são investimentos de alto risco.

Por isso é importante lançar mão do espírito “Faça você mesmo” com a colaboração das pessoas mais próximas para fazer com que sua comunidade passe a criar valor local, seja por meio de oficinas educativas e socioculturais, trocas de serviços, cooperativas, comunidades de prática ou outras iniciativas.

Já existem inúmeras iniciativas que acontecem alheias ao governo ou a investimento de grandes empresas. Ongs e cooperativas realizam belos trabalhos nas mais diversas áreas, da produção agrícola à educação. E é importante salientar que muitos destes trabalhos já são reconhecidos. Renomadas instituições financiadoras de projetos sociais como a Ford Foundation, MacArthur Foundation, Gates Foundation, entre outras já injetam recursos em iniciativas bem sucedidas.

Mas é necessário espírito empreendedor. É importante dar o primeiro passo, começar a fazer pelo bem comum, pela sobrevivência e o desenvolvimento social da comunidade. Colaborar com o outro é algo que contamina, logo, toda a comunidade se envolve. É assim que grandes organizações sociais começaram no Brasil, como são os casos do **Afro Reggae**, que realiza oficinas socioculturais em diversas comunidades carentes do Rio de Janeiro, e a **Casa do Zezinho**, que realiza um projeto educacional em favelas da zona sul de São Paulo. Ambos os casos começaram como iniciativas isoladas de seus idealizadores, os empreendedores sociais José Júnior e Tia Dag, e logo foram abraçadas pelas comunidades onde atuam. O sucesso de suas ações, por sua vez, fez com que recebessem atenção de várias instituições da sociedade, grandes empresas, governantes

e até celebridades. E com o prestígio de um trabalho bem feito veio naturalmente o financiamento de inúmeros projetos sociais.

O sucesso alcançado por José Junior e Tia Dag está alinhado à nova reconfiguração do trabalho no século XXI. No lugar de buscar oportunidades de trabalho em grandes empresas ou órgãos públicos, o empreendedorismo social. No lugar de se sujeitar a um trabalho do qual não se gosta, se empenhar em atividades que lhe tragam satisfação e prestígio junto à comunidade. E como podemos notar em inúmeras entrevistas à televisão concedidas pelos dois empreendedores, o sucesso alcançado por eles à frente de suas organizações garante, mais do que a sobrevivência desempenhando algo que gostam, um sorriso sempre presente em seus lábios. Tia Dag e José Júnior são profissionais realizados cujo trabalho ajuda a melhorar a vida de milhares de pessoas. Suas ocupações lhes rendem satisfação pessoal, significado e capital social suficiente para viabilizarem com o governo e empresas novas iniciativas transformadoras.

Capital social: uma moeda forte

Assim, seja envolvido com o terceiro setor, com uma horta comunitária, com uma cooperativa ou com uma comunidade de prática, o mais importante é ter iniciativa e resiliência para fazer acontecer. E mesmo que o projeto prospecte apenas colaborar com uma rua, a dedicação empregada por todos os envolvidos certamente criará um capital social relevante, uma moeda de troca forte para a comunidade sobreviver no século XXI. E o mais importante significará o acréscimo de mais um tijolo na construção da ponte que nos levará para uma sociedade mais justa, que no lugar de priorizar o dinheiro, priorizará as pessoas.

Porque o capital social é o dólar da nova economia que vem se desenhando, seja ela a criativa, a solidária, a do bem estar ou a social. Se nós sentiremos falta do dinheiro? Bem, eu não disse que ele vai acabar, mas certamente o atual modelo não reinará sozinho, como o leitor poderá conferir no próximo capítulo - **“E aí vai pagar como?”**

E AÍ VAI

PAGAR COMO?

Conselho de Pai

Desejando motivar os filhos para o trabalho meu pai costumava argumentar que “do homem sem dinheiro até o rastro é feio” ou simplesmente que “o homem sem dinheiro não presta”. Cresci escutando esse tipo de afirmação da boca do meu velho e isso sempre me intrigou. Mais crescido, já um adolescente pseudo-rebelde, me perguntava como podia um homem tão amável e boa praça, que criou sete filhos priorizando valores humanos, pensar de maneira tão capitalista.

Hoje, no entanto, percebo que as afirmações dele eram, e ainda são, apenas uma constatação da configuração da sociedade na qual vivemos. Para proteger os filhos do “mundão” meu pai explicava que sem dinheiro dificilmente alguém nos levaria a sério, se interessaria por nós ou nos ajudaria. As frases fortes que ele soltava, e que ainda solta aos 70 anos, sobre a importância de se ter dinheiro, eram ditas sempre com um tom amargurado e firme, como se nossa dependência do dinheiro fosse algo imutável, uma corrente atada aos nossos tornozelos para sempre.

Escravos do dinheiro

Tal corrente nos prende desde a invenção da moeda centralizada e das primeiras corporações na Idade Média. Substituímos nossa liberdade de criar, investir e realizar transações por conta própria pela terceirização dessas atividades para as grandes corporações, sobretudo, os bancos privados.

Ter dinheiro se tornou fundamental para sobrevivermos. O escambo de outrora foi suprimido pela revolução industrial e governos atrelados às instituições financeiras se incumbiram de garantir uma única moeda corrente nos países. Comerciantes e bancos passaram a não aceitar mais produtos e trocas de serviços, apenas papel moeda. Assim, comprar alimentos, manter a casa e criar os filhos ficou diretamente relacionado a obter um emprego, a única saída para ganhar dinheiro.

Aos poucos a autonomia dos trabalhadores foi cedendo e o capital se tornou o ponto principal de nossas vidas e o Mercado Financeiro se tornou a maior indústria da nossa sociedade, detentora de 60% da riqueza produzida entre as maiores empresas do mundo.

Esse corporativismo aliado à publicidade, ao sonho americano e ao mantra capitalista do “você quer você pode” moldou a sociedade. Damos uma importância inestimável ao dinheiro, o perseguimos a

todo custo, a ponto de ao ter um emprego que pague bem, muitos passem a se sentir superiores às outras pessoas.

Dinheiro no lugar de amigos

O dinheiro influencia nossas motivações, e para pior. Um estudo publicado na revista científica *Science*, em 2006, revelou preocupantes conseqüências relacionadas à influência do dinheiro. As pesquisadoras Kathleen D. Vohs, Nicole L. Mead and Miranda R. Goode em *“The Psychological Consequences of Money”* por meio de nove experimentos chegaram à conclusão de que o dinheiro favorece uma atitude auto-suficiente e egoísta das pessoas, colaborando para um distanciamento destas em relação ao senso de comunidade.

Durante os testes as pesquisadoras, expuseram dois grupos de pessoas diante de tarefas similares, como formar uma frase com palavras embaralhadas, montar uma pilha de objetos e observar uma proteção de tela.

No entanto, um grupo foi exposto a símbolos sobre dinheiro enquanto o outro foi exposto a imagens aleatórias. Por exemplo, o chamado grupo do Dinheiro na tarefa da frase teve de criar uma frase com a palavra dinheiro, já na tarefa da pilha de objetos foi dado

a eles notas de dinheiro do jogo banco Imobiliário, enquanto na tarefa de observação a proteção de tela trazia uma cédula de dólar.

Após tarefas como estas os dois grupos foram colocados juntos para realizarem outras atividades. Ao analisar o comportamento dos participantes as pesquisadoras chegaram a resultados curiosos:

Quando foi dada uma tarefa difícil e avisado que teriam ajuda à disposição se necessitassem, as pessoas do grupo do dinheiro demoraram mais para pedir ajuda.

Quando solicitadas a ajudar, as pessoas do grupo do dinheiro gastavam menos tempo ajudando.

Quando solicitadas a mover sua cadeira para que pudessem conversar com alguém, as pessoas do grupo do dinheiro deixavam um espaço maior entre as cadeiras.

Quando solicitadas a escolher uma atividade de lazer, as pessoas do grupo do dinheiro eram mais propensas a escolher uma atividade que pudessem realizar sozinhas no lugar de outra que envolvesse outras pessoas.

Quando as pessoas do grupo do dinheiro eram convidadas a doar parte do dinheiro que lhes foi pago pela participação no experimento, elas deram menos do que aquelas que não foram induzidas a pensar sobre dinheiro.

As pessoas do grupo do dinheiro agiram de maneira menos coletiva e solidária. Elas foram influenciadas pelo dinheiro mesmo sem saber conscientemente desta influência.

Analisando os dados coletados com o estudo as pesquisadoras creditaram a atitude auto-suficiente do grupo do Dinheiro à herança da sociedade capitalista. De acordo com elas à medida que as sociedades iniciaram a utilizar o dinheiro, a necessidade de depender da família e dos amigos diminuiu, e as pessoas se tornaram mais independentes. Desta forma, concluíram que o dinheiro aumenta o individualismo e diminui as motivações comunitárias, um efeito facilmente identificado no comportamento das pessoas hoje em dia.

Menos empregos. Menos dinheiro.

E aí, vai pagar como?

O dinheiro é a tabula rasa da sociedade capitalista. Parafraseando Oscar Wilde quando eu era criança, ao ouvir meu pai ressaltar a importância do dinheiro na sociedade pensava que o dinheiro era a coisa mais importante do mundo. Hoje, assim como Wilde, tenho certeza.

Mas, vivemos um momento de crise, como apresentado nos capítulos anteriores, a previsão para a próxima década é de menos empregos formais. Postos de trabalho serão extintos, muitas pessoas ficarão desempregadas, logo, não terão dinheiro.

A crise do desemprego fará com que as pessoas se voltem para os outros. Será recorrer ao próximo ou se estepar sozinho. Sairá fortalecido da crise um modelo econômico mais amistoso ante ao acúmulo irrestrito dominante atualmente. As cooperativas deverão aumentar, bem como moedas alternativas.

Iniciativas de moedas sociais como a da favela do Conjunto Palmeiras da cidade de Fortaleza-CE, deverão aparecer em outras comunidades . A moeda social circulante na comunidade cearense é um exemplo

de economia solidária. Por meio do Banco Palmas, uma cooperativa sócio-econômica, foi implantada uma moeda local chamada Palma que movimentou nos últimos três anos mais de R\$ 5 milhões (cerca de 4 mil operações de crédito, na qual os avalistas são os próprios moradores pautados pela moral e boa índole do requisitante) na comunidade formada por pouco mais de trinta mil habitantes.

Outras moedas como a chamada Bit Coin, também poderão surgir. O Bitcoin é uma moeda virtual, criada em 2009, livre da intermediação de grandes bancos(xô taxas), que permite o pagamento pela internet e que já movimentam cerca de \$70 milhões de dólares no mundo. Qualquer pessoa pode instalar um programa de computador chamado de “minerador” para emití-las (no entanto o processo é longo, uma unidade demora cerca de três meses para ser liberada) ou comprar com dinheiro convencional.

E o Bitcoin está em ascensão. Cerca de sete milhões de bitcoins estão em circulação no mundo e a previsão é de que até 2013 dez milhões estejam circulando. No mundo cerca de 700 estabelecimentos comerciais, entre restaurantes, lojas de roupas e livrarias passaram a aceitar a moeda no último ano. E se no começo de 2010, uma unidade de bitcoin valia menos de 1 centavo de dólar, uma projeção

de agosto de 2011 apresentou que a unidade em média estava sendo negociada por cerca de 10 dólares — uma alta de 200 000%.

Considerando essas alternativas, tanto a Palma da favela cearense, como o bitcoin da internet e movimentos como o freecycle, de troca e doação de produtos, me fazem crer num mundo melhor mesmo com menos dinheiro. Precisamos entender que o que chamamos de dinheiro “de verdade” também é virtual. O dinheiro só tem valor porque as pessoas acreditam no seu valor. A única diferença entre o Real, o Dólar, o Yen e novas possibilidades como o BitCoin, a Palma ou o cartãozinho de vale 1 serviço de uma comunidade de troca é a confiança.

Confiar num sistema econômico mais plural irá colaborar com a sobrevivência das pessoas num mundo sem empregos. Gastar seu dinheiro na sua comunidade (favorecendo o comércio local); investir em cooperativas de crédito local como o Banco Palmas ao invés de grandes bancos; estimular a expansão de moedas alternativas como o bitcoin e aceitar os muitos vales serviços que irão surgir como alternativas válidas ante a maneira como nos relacionamos com o dinheiro hoje será uma grande saída.

Amigos no lugar do dinheiro

Agora, o prazer de gastar, seja uma moeda social, virtual ou um vale, com quem conhecemos então será ainda mais recompensador.

Pesquisadores da University of British Columbia nos Estados Unidos constataram que gastar dinheiro com outras pessoas promove a felicidade. Os pesquisadores Elizabeth W. Dunn, Lara B. Aknin e Michael I. Norton apresentaram a conclusão no relatório *“Spending Money on Others Promotes Happiness”*. Nele os acadêmicos defendem que mais importante do que a quantidade de dinheiro que se ganha, é a maneira como gastamos que está diretamente ligada à sensação de bem-estar e felicidade.

Durante o estudo foram realizados três pesquisas: um estudo transversal derivado de uma pesquisa nacional; o acompanhamento de um grupo ao qual foi lhes dado uma quantia de dinheiro para gastar como quisessem e um estudo em que os participantes foram designados a gastar com outros ou consigo mesmos. Nos três casos, a hipótese-teste, de que gastar com outros traz mais satisfação, se confirmou.

Os participantes na maioria dos casos manifestaram estarem mais felizes ao gastar com algo para ou com alguém.

Podemos com o estudo verificar que mesmo que a configuração padrão de nossa existência remeta à individualidade e ao egocentrismo - uma vez que todas as nossas experiências têm como referência nós mesmos - é no outro que encontramos mais satisfação. O olhar do outro nos valida. Somos seres sociais e essa predisposição a sentir-se mais feliz ao gastar com os outros certamente virá colaborar com a nossa adaptação ao mundo novo que vem se desenhando. Um mundo com menos dinheiro, mas ao mesmo tempo com mais interações sociais. Um mundo no qual fazer algo bom com alguém, mesmo que não haja dinheiro envolvido, já trará satisfação para a nossa existência.

Uma saída para desapegar-se do dinheiro

O sonho americano do self-made-man, do querer é poder, fez escola no século XX e colaborou para a construção de uma sociedade na qual o ter sobrepõe-se ao ser. Tenho dinheiro, tenho uma casa, tenho um carrão, portanto sou feliz. Ledo engano, quando constatamos que são nas experiências compartilhadas que obtemos mais prazer. Como pontuou o filósofo Alain de Botton em uma palestra para o TED em 2009, talvez o babaca se achando a bordo de uma Ferrari seja apenas um cara carente, talvez ele só queira um abraço ou ser desejado. No fundo, ele só quer uma experiência

social. Nos concentramos tanto em ganhar dinheiro e comprar coisas que nos esquecemos do primordial para termos uma vida satisfatória, que é o passar bons momentos com outras pessoas. Mas, mesmo cientes disso ainda desejamos muitas coisas, queremos muito dinheiro, queremos ganhar na loteria.

A quebra desse paradigma da importância do dinheiro é um processo que só se dará com boa vontade e perseverança. Mas num mundo com menos dinheiro disponível para a maioria da população, certamente será mais fácil mudar a atual configuração do sistema operacional no qual a sociedade está sendo rodada. Trocar para um software social implicará em reduzirmos essa importância do dinheiro. E uma boa dica para lidar com essa transição pode vir do conselho de um velho filósofo grego, Epicuro. Para o filósofo a felicidade residia em três pontos principais: A Amizade, A Liberdade e A Reflexão.

Amizade

Já está mais do que provado que é na validação do outro que nos sentimos vivos. Logo, para ser feliz precisamos de boas companhias. Precisamos do outro, precisamos de amigos. Um mundo com menos

empregos e menos dinheiro implicará no estreitamento das relações sociais, na recuperação dos laços fortes. Isso fortalecerá as relações interpessoais, as amizades.

Liberdade

A crise do emprego nos dará liberdade para apostarmos em nossos sonhos. O sistema de trocas de serviços, a economia criativa e a economia do bem estar poderão proporcionar que mais pessoas trabalhem com algo que realmente gostem ou que lhes traga satisfação por colaborarem com a qualidade de vida de outro indivíduo. A vida em comunidade permitirá mais tempo livre, bem como muitos serviços da economia digital permitirão o crescimento do home-office. Teremos mais pessoas desenvolvendo suas atividades em casa, vendo seus filhos crescer e convivendo com vizinhos. Muitos se libertarão dos cartões de ponto, dos congestionamentos estressantes, das salas cinzentas e dos galpões abafados.

Reflexão

O início do século XXI tem sido marcado pela revolução que a cultura digital vem imprimindo no mundo, bem como a insatisfação das pessoas com relação às medidas adotadas pelos seus governantes. A

cultura digital proveu acesso ao conhecimento por meio da cultura livre da Internet. As pessoas tendo acesso a mais informação se viram de repente enganadas. Não há empregos para todos, não há muito dinheiro para todos, pouquíssimos podem ser superstars.

A crise mundial de 2008 expôs a todos. Pegou o mundo de calças curtas. O Occupy Wall Street é um movimento de maioria branca com ensino superior. É o coração norte americano, a classe média sentindo-se enganada pela propaganda do “sonho americano”. No Brasil, o presidente Lula chegou a dizer que a crise de 2008 se tratava de uma crise de olhos claros em alusão aos países anglo-saxões e a saúde do mercado nacional frente à crise. Estava errado, a crise é global, a inequidade social do 1% de ricos ante os 99% de pobres também se aplica ao Brasil.

A desigualdade social nunca foi tão gritante no mundo, mas esta constatação por parte da grande maioria da sociedade é um sopro de esperança para o futuro. A sociedade após os inúmeros protestos globais em 2011, parece ter finalmente acordado para o outro, para a importância da interdependência. Começamos como defendia Epicuro a refletir, a pensar sobre o mundo no qual estamos inseridos. E essa simples constatação por si só já nos auxiliará para encararmos os dias que virão de recessão econômica e menos empregos. Pois refletindo saberemos exatamente onde estaremos pisando o que nos

possibilitará sanar os problemas que virão. Certamente muitas soluções surgirão e para colocá-las em prática não dependeremos só de nós mesmos, precisaremos uns dos outros.

Em tempo, como diria uma **velha canção** do rock nacional “A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão e arte”[...] “a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade”. Utilizamos o dinheiro para garantir nossa sobrevivência, para realizar sonhos, para nos divertir, para nos distrair, para nos sentirmos vivos. Agora, num mundo com menos dinheiro para a maior parte da população (digo maior parte porque os mais ricos ainda terão muito dinheiro) como serão afetados temas essenciais à nossa qualidade de vida como **alimentação, habitação, lazer, educação e espiritualidade**? Tratarei de cada um desses temas nos próximos capítulos.

SACO VAZIO
NÃO PARA
EM PÉ

Garantindo o leitinho das crianças

Frase batida de muitos raps e outras músicas de protesto a afirmação de que a “a maioria das pessoas não vive, apenas sobrevive” segue, apesar das muitas canções que a citam, bastante atual. A maioria das pessoas não trabalha com o que gosta. Trocamos os melhores anos de nossas vidas, damos nossas horas mais produtivas durante o dia, enfrentamos longos congestionamentos, tudo de olho apenas no salário do fim do mês. O principal motivo de nos sujeitarmos a essa situação é a necessidade de garantirmos a nossa sobrevivência e de nossos dependentes. Para lançar mão de outra frase muito comum no Brasil, trabalhamos para “garantir o leitinho das crianças”. E garantir comida na mesa não é nem um pouco barato para quem é pobre. No Brasil, por exemplo, 40% do orçamento familiar correspondem a gastos com alimentação. Daí nosso eterno medo da inflação, porque quando os alimentos sobem a qualidade de vida dos mais pobres diminui. A vida fica mais apertada.

Sabemos que saco vazio não para em pé, só sobrevivemos porque comemos. Mas, num mundo com menos empregos e menos dinheiro, como os mais pobres farão para se alimentar? Como comprarão comida?

Crise dos alimentos

Em 2008 quando a Europa sentia o baque da crise financeira mundial foi produzido alimento suficiente para alimentar onze bilhões de pessoas no mundo. A maior parte, no entanto, não foi consumida por seres humanos. Cerca de metade serviu para alimentar animais e uma boa parte foi parar nos tanques de automóveis norte-americanos (o etanol à base de milho move muitos SUVs nos EUA). No mesmo ano pessoas em todo o mundo - sobretudo as de países mais pobres - sofreram com uma forte crise de alimentos motivada pela alta da inflação dos grãos.

Michael Pollan, "Knight Professor" de Jornalismo na Universidade de Berkeley e autor de livros como "Food Rules" e "In Defense of Food: An Eater's Manifesto," foi convidado na época pela revista Newsweek para comentar a crise dos alimentos. O especialista na ocasião explicou que a crise tinha origem em três fatores: a inflação do milho que levou à alta de outros grãos como o trigo e a soja; a dependência da indústria agrícola para com o petróleo; e o apetite crescente de países como a Índia e a China por carne. No primeiro fator, a inflação do preço do milho, devido ao novo mercado dos bio-combustíveis, fez com que muitos agricultores abandonassem outras plantações para plantar milho, isso por consequência levou à alta do preço de outros grãos devido à

escassez. Quanto ao fator do petróleo, a alta do preço dos barris na época influenciou diretamente a produção da indústria agrícola que depende de combustível fóssil para fertilizantes, pesticidas, processamento e transporte. Agora o fator mais curioso da inflação dos grãos na época foi o fato do aumento da demanda por carne. Isso porque a maior parte dos grãos do mundo é utilizada para alimentar animais, não pessoas. Em seu depoimento Pollan também explicou que a carne é um uso muito ineficiente desses grãos, uma vez que são necessários 10 quilos de grãos para produzir apenas 1 quilo de carne. E ainda segundo o pesquisador, haveria grãos suficientes para todo o mundo se nós realmente os comêssemos e não usássemos para produzir carne.

Ao mesmo tempo as terras produtivas no mundo são recursos preciosos e finitos. Considerando que no futuro teremos um mundo com menos empregos e menos dinheiro, no qual uma crise de comida seria ainda mais séria e desastrosa, devíamos estar usando nossas terras férteis para plantar comida para pessoas, não para alimentar gado de corte ou garantir a continuidade dos carros prevendo uma derrocada da indústria petroleira.

Reduzir o consumo mundial de carne — ou alimentar nossos animais de maneira diferente (por exemplo com capim, simples assim) — deixaria mais grãos para os famintos no mundo. Bem como reduzir a

frota de automóveis de nossas ruas, investindo mais em transportes públicos de qualidade ao invés de jogar boa parte da produção agrícola nos tanques de SUVs e sedãs. Porque o biocombustível, é sim uma energia limpa, preferível ante ao petróleo, mas não muda o cenário caótico dos congestionamentos das grandes metrópoles e da reclusão dos automóveis tripulados por uma só pessoa. Pelo contrário, colabora para a manutenção do status quo da individualidade e do egocentrismo que as pessoas apresentam hoje dentro de seus carros no trânsito.

Compra-se terras férteis para plantar (e lucrar)

A possibilidade de uma crise dos alimentos no futuro já faz com que grandes transnacionais e até mesmo países sondem terras para adquirir em países como o Brasil. Estima-se que cerca de 50.000.000 Km² do território brasileiro(o que equivale às áreas dos estados de Alagoas e Sergipe juntos) já esteja nas mãos de grupos estrangeiros.

A previsão de uma crise dos alimentos, verdadeira ou não, motiva países a promover atualmente uma verdadeira corrida de bilhões para adquirir terras férteis pelo planeta e, assim, garantir seus suprimentos no longo prazo.

Com esse cenário se formando e nossa percepção do capitalismo já podemos imaginar que as grandes áreas de terras férteis serão rapidamente tomadas pelas corporações. Muito provavelmente estas empresas não estarão dispostas a compartilhar alimentos de graça. Assim, podemos prever que sim, haverá comida no futuro, muita comida por sinal. Mas assim como acontece hoje, provavelmente muitos ainda passarão fome. Atualmente é produzido alimento suficiente para prover todas as pessoas do mundo com 2.720 quilocalorias por dia, mas mesmo assim 965 milhões de pessoas no mundo não comem o suficiente para serem consideradas saudáveis.

Ficar esperando caridade das grandes corporações e empenho sério dos governos para garantir a alimentação de todas as pessoas não me parece muito esperto, pode demorar muito, melhor então bater na porta do vizinho.

Quem planta come

A fome é hoje o primeiro item na lista dos 10 maiores riscos para a saúde humana, segundo um relatório da OMS(Organização Mundial da Saúde). A fome mata mais pessoas anualmente do que AIDS, malária e tuberculose juntas.

Mas, não vamos nos desesperar com a possibilidade de uma crise dos alimentos. Existem soluções.

Atualmente nos Estados Unidos, por exemplo, menos de 1% da população trabalha no campo produzindo alimentos. São pouquíssimas pessoas se dedicando a algo que deveria ser natural. Some a isso o fato de que quase 10% da população norte-americana está desempregada, temos aí um quadro enorme de pessoas que já devem estar tendo dificuldades para preencher a geladeira. Então eu pergunto: Por que essas pessoas não plantam o próprio alimento? Que tal plantarmos? Bem, é isso que milhões de pessoas já fazem no mundo e daqui para frente muitas outras farão. Chama-se cultura de subsistência, nossos antepassados faziam, não é nenhuma novidade, a gente aprende na escola, é o plantar para consumo próprio, com a grande vantagem de produzir alimentos mais saudáveis, livres de agrotóxicos.

Hortas Caseiras

Podemos plantar para comer e se engana quem pensa que são necessárias grandes áreas para se ter uma horta caseira. Às vezes basta uma garrafa pet. Não acredita? O movimento chamado “**WindowsFarm**” ensina como. Iniciado em Nova York e com adeptos em outras grandes cidades do mundo como Hong Kong,

Vancouver, São Paulo e Chicago o movimento promove um sistema de cultivo hidropônico (geralmente utilizando garrafas PET e outros materiais descartáveis) junto às janelas de casas ou edifícios. Nos pequenos compartimentos é possível cultivar diversos gêneros de verduras, legumes e até frutas. A idéia é bastante simples e no site do movimento encontramos instruções detalhadas em PDF sobre como montar a nossa fazendinha vertical. Basta apenas dedicar um pouco de tempo, para pegar gosto e desenvolver a habilidade necessária para o cultivo da sua pequena horta caseira e conseqüentemente garantir o seu sustento.

Hortas comunitárias

Mas talvez você tenha uma família grande e a horta caseira seja muito pequena para suas necessidades, daí uma boa opção são as hortas comunitárias. Muitas ONGs e governos pelo mundo já incentivam e investem na criação de hortas comunitárias. No Brasil, por exemplo, o Ministério do Desenvolvimento Social(MDS) em parceria com estados e municípios mantém o Programa Hortas Comunitárias. O MDS disponibiliza técnicos para a implantação da horta, bem como as primeiras sementes e mudas, já os governos locais entram com o terreno e os moradores dos bairros contemplados com seu trabalho. Toda a produção abastece famílias

que moram perto dos terrenos e são cultivados geralmente alface, tomate, couve, espinafre, repolho, alho, rabanete, beterraba e cenoura, entre outras verduras e legumes. Caso a produção ultrapasse a demanda local os moradores podem se organizar para vender o excedente, gerando assim renda para a comunidade.

Com o tempo, as hortas recebem a participação de toda a comunidade, mesmo aqueles que não se beneficiam diretamente da produção passam a colaborar seja doando sementes para novos plantios ou disponibilizando água para os produtores regarem a horta.

Mas não é preciso esperar o auxílio do governo para começar uma horta comunitária.

Qualquer um pode expor a ideia da criação de uma para sua comunidade e construí-la de maneira colaborativa. Mesmo o investimento não é tão caro. Segundo o MDS o custo médio por horta, durante um ano, é de R\$ 550. Um investimento de cerca de R\$ 46 por mês para a comunidade. Organizando-se é possível arrecadar a quantia necessária todo o mês entre os moradores de um bairro ou comunidade. Podem ficar isentos da vaquinha aquele mais apto a mexer com a terra ou o vizinho que disponibilizar o terreno. E mesmo que a situação financeira da comunidade não possibilite

levantar o dinheiro, sites de financiamento coletivo como o Vakinha, Catar-se e o Move-re são boas opções para tentar viabilizar a construção da horta. É sempre bom lembrar, na economia digital não devemos nos esquecer da solidariedade online. Tem muita gente na internet disposta a colaborar com projetos bacanas e sustentáveis.

Restaurantes Populares

Outra alternativa para amenizar o sofrimento diante de uma suposta crise da comida, seria a ampliação de programas como o Bom Prato do governo do estado de São Paulo. O Bom Prato é um restaurante popular que vende refeições a preços simbólicos para a população de baixa renda. As pessoas pagam R\$ 1 pelo almoço e R\$0,50 pelo café da manhã. É comida de qualidade, saborosa e nutritiva, e que cabe no bolso dos mais pobres. Atualmente são servidas cerca de 40 mil refeições diariamente nas 31 unidades do programa espalhadas pelo estado.

O trabalho desenvolvido pelo governo de São Paulo, considerando um mundo com menos renda no futuro, é um bom modelo para outros estados brasileiros, ONGs e até mesmo nações copiarem. E além do fornecimento das refeições cada unidade cria 20 empregos diretos entre administradores, nutricionistas, cozinheiros, auxiliares de cozinha, motoristas, serviços gerais e faxineiras. Ou seja, trata-se

de um programa que colabora com a garantia da dieta alimentar básica da população e com a geração de postos de trabalho.

A gente não quer só comida

Acredito que as alternativas apresentadas neste capítulo em conjunto com a solidariedade das pessoas, os programas das secretarias de bem estar social dos governos e as obras sociais de inúmeras instituições assistencialistas poderão garantir a comida no prato de todos.

Mas nosso dinheiro não é gasto só com comida. Também gastamos para nos divertir, para passar bons momentos. Você se lembra? A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão e arte. Como faremos para nos divertir com menos dinheiro? Esta questão é o tema do próximo capítulo – **“TGIF”**.

TGIF

TGIF

Independente do país, atualmente existe um fenômeno que acontece todas as sextas-feiras no mundo. Durante todo o dia devices conectados às redes sociais apresentam a sigla TGIF (Thanks God It's Friday), em bom português “Obrigado Deus É Sexta-feira”.

A sigla é presença certa nos trend topics do Twitter, nas imagens do Instagram, nos gifs da blogosfera e em posts do Tumblr e do Facebook. Todas as publicações celebram a chegada do final de semana. Party time!

As pessoas anseiam pelo fim do expediente da sexta-feira. A verdade é que a maioria não gosta dos seus empregos, não fosse pelo salário, dificilmente a maioria dedicaria as suas 44 horas semanais de trabalho para suas atuais ocupações. Por isso, mesmo antes de sexta já pipocam comentários nas redes sociais como “Falta muito para sexta?” ou “Deus dá pra correr o tempo e fazer a sexta-feira chegar logo?”.

Bem, trabalhamos para suprir nossas necessidades básicas e também para nos divertir. Precisamos de dinheiro para o barzinho do happy hour, para a balada do final de semana, para irmos a um restaurante, para o futebol society de quarta-feira, para o cinema com a namorada(o), para viajarmos com os amigos ou com a família, para

pagar a banda larga da internet, para comprar jogos de videogame, livros, revistas, ou seja, para tudo que escolhemos espontaneamente para nos divertir e nos entreter.

Todas essas opções de lazer e entretenimento custam dinheiro. Agora, se realmente o futuro reservar menos empregos formais, como faremos para nos divertir sem dispor de uma renda fixa?

A resposta é fácil e as opções são inúmeras. Mas, assim como os temas já tratados nos capítulos anteriores, pede certa adaptação de nossa parte.

Cultura a um clique

A revolução causada pela cultura digital na sociedade é aliada do nosso entretenimento no século XXI. O enfraquecimento dos suportes físicos ante aos formatos digitais, como por exemplo, as substituições do cd pelo mp3 e de livros e revistas por versões eletrônicas para tablets e e-readers, colaboram para a produção de produtos mais baratos. Smart Tvs conectadas à internet já nos proporcionam locar filmes via streaming por uma quantia mais barata e cômoda do que ir até uma locadora. Também há milhares de obras (músicas, filmes, livros e revistas) disponibilizadas hoje com

licenças livres à nossa disposição para download. Sem falar nos programas de troca de arquivos, que apesar de infringirem direitos autorais, permitem o acesso de milhões de pessoas a obras que estas talvez não pudessem comprar.

Talvez o leitor se pergunte, mas sem dinheiro como pagaremos pela banda larga para termos acesso a esses produtos culturais? Fique tranquilo, isso não será um problema. Já está em prática na maioria dos países planos de ampliação da banda larga, bem como de acesso gratuito à Internet por meio das tecnologias 3G e 4G para celulares e outros devices móveis.

É preciso entender que no século XXI ter acesso a Internet é algo fundamental na vida das pessoas. Trata-se de um serviço tão importante quanto ter eletricidade ou água tratada. Os serviços dos bancos e instituições públicas já acontecem em sua maioria pela Internet, logo, é dever dos governos prover a todos a possibilidade de acesso, seja por meio de ilhas de wi-fi ou 3G gratuitos ou planos econômicos de banda-larga.

Assistir filmes, ouvir música, jogar um videogame ou ler não serão atividades que irão requerer (de fato, hoje já não requerem) muito dinheiro.

Quanto a dispor dos devices necessários para ter acesso a rede, seja ele um PC, smartphone ou tablet, isso também não será um grande

problema. Com a evolução da tecnologia o preço dos devices certamente cairá e em breve toda a população deverá dispor de um aparelho com acesso à internet a um preço acessível. Só para dar uma ideia da inclusão que está por vir, já existe um protótipo de computador chamado Rasperry Pi comercializado a módicos \$35 dólares. O Pi trata-se de uma placa de circuito impresso (do tamanho de um cartão de crédito) com entradas HDMI, ethernet, USB, AV e para cartão SD. O aparato conta com 256 MB de processamento e sistema operacional é GNU/Linux, que conectado a um monitor, faz tudo que um computador médio faz. Com o Pi você pode:

Navegar na internet, editar textos, rodar aplicativos diversos e assistir vídeo em HD. Tudo isso, repito, a módicos 35 dólares.

Shows à R\$ 8 reais e cinema de graça

Com relação a programas para se fazer fora de casa, também há soluções. Basta nos adequarmos a elas.

Com a grana curta esqueça cogitar de ir a festivais de música que custem R\$ 100, R\$ 200 ou R\$ 300. Fuja de cinemas que cheguem a R\$ 30 o ingresso + refrigerante + pipoca. Se você não tiver uma renda fixa alta, não terá cabimento encarar esse tipo de programa.

No Brasil já existem inúmeras instituições que promovem atividades culturais e recreativas gratuitas ou a preços simbólicos. Instituições como o SESC SP, o MIS (Museu da Imagem e do Som de São Paulo), o Centro Cultural Banco do Brasil, o Itaú Cultural e o Instituto Moreira Salles, todos com unidades na cidade de São Paulo, são exemplos de centros culturais que oferecem uma programação cultural diversificada e de alta qualidade, sempre gratuita ou a preços que cabem no bolso de todos.

Uma sessão de cinema no Cine SESC, por exemplo, é de graça. Bem como nas sessões de cinema de todas as unidades da instituição. Já um show de um artista internacional como a cantora e guitarrista americana Kaki King, por exemplo, saiu à R\$ 8 reais nas unidades do SESC nas quais a artista se apresentou em março de 2012.

A qualidade da programação sociocultural do SESC SP chama atenção em todo o Brasil a ponto de muitos defenderem a nomeação do seu diretor regional, o professor Danilo Santos de Miranda para o cargo de Ministro da Cultura do país.

Instituição privada sem fins lucrativos, o SESC (Serviço Social do Comércio) foi criado em 1946 e é mantido por uma taxa de 1,5% sobre a folha de pagamento das empresas brasileiras, um modelo de financiamento único no mundo. Uma das características marcantes

da entidade é a sua abrangência. Ela está presente em todas as capitais dos Estados, nas principais cidades de porte médio e até em pequenos municípios turísticos. Mas é no estado de São Paulo que sua atuação na área da cultura é mais notada. A instituição mantém 32 unidades no estado, em sua maioria centros culturais e desportivos. Mas a instituição oferece também atividades de turismo social, programas de saúde e de educação ambiental, programas especiais para crianças e terceira idade, além do programa Mesa Brasil, de combate à fome e ao desperdício de alimentos, e o programa Internet Livre, de inclusão digital.

Por atuar com destaque em diferentes áreas o trabalho do SESC já é reconhecido no mundo. Em março de 2012, o prestigiado jornal americano New York Times, publicou uma matéria sobre a instituição. Na reportagem Nan Van Houte, diretora do Instituto teatral da Holanda e ex presidente da Rede Internacional de Performances artísticas contemporâneas, disse que o modelo institucional do SESC deveria ser copiado por todos os países. Ainda na mesma entrevista a gestora cultural holandesa também disse que integrar tudo, ter teatros, piscinas, bibliotecas, restaurantes, workshops e exposições, no mesmo prédio, como o SESC faz, é inteligente porque proporciona que a cultura se torne parte do dia a dia, e não uma coisa à parte na vida das pessoas.

Assim, incentivar a construção de mais instituições como o SESC ou as citadas anteriormente poderia ampliar as opções culturais e de lazer da sociedade.

Em tempo talvez o leitor tenha notado que muitas das instituições citadas trazem o nome de bancos ou como o SESC são mantidas por taxas aplicadas às grandes empresas. Bem, nada mais justo do que fazer com que os bancos (protagonistas da crise de 2008) e corporações com seus lucros bilionários arquem com a nossa diversão hoje e ainda mais no futuro não é mesmo?

Você faz a festa

Ok, o modelo das instituições sócio-culturais é bacana e parece funcionar. Mas e se a banda que você quer assistir ao vivo ou o filme que você quer ver não estiverem na programação dessas instituições. Bem, daí a dica para essa geração de desempregados conectados é fazerem vocês o show desejado acontecer. Foi isso o que fez um grupo de cinco amigos do Rio de Janeiro em 2010. Cansados de verem bandas alternativas estrangeiras desembarcarem no Brasil apenas para shows em São Paulo ou Porto Alegre, os amigos cientes de que havia público na cidade maravilhosa para tais artistas, lançaram o “**Queremos**”, um site de financiamento coletivo (crowdfunding lembra?) de shows. Com a vinda do músico Mike

Snow ao Brasil naquele ano cotaram com os produtores da banda o cachê do show, bem como a locação de uma prestigiada casa de shows do Rio, o lendário Circo Voador. De posse dos valores, os amigos desenvolveram um site com um formato inédito de arrecadação: dividiram por fatias as quantias em dinheiro a serem arrecadas do público para garantir o valor necessário para a produção do evento na cidade, e com a possibilidade de reembolso caso a bilheteria cobrisse o valor investido. Com a colaboração de 60 “cariocas empolgados”, como eles batizaram os financiadores da empreitada, e o apoio de algumas empresas, conseguiram alcançar o valor necessário para a realização do show. E o mais bacana é que com a venda de 800 ingressos extras garantiram o reembolso total das sessenta pessoas que colaboraram com o financiamento coletivo. As pessoas investiram seu dinheiro para ver o show que queriam e no final acabaram assistindo de graça a apresentação.

Um modelo de sucesso bastante simples e possível de ser aplicado em outros eventos culturais.

Fãs por meio de cotas garantem o pagamento para trazer a banda/exposição/mostra e arcar com a produção. Caso o dinheiro

arrecadado não seja suficiente, o mesmo é devolvido sem custo algum.

Após a confirmação da arrecadação inicial, o evento está garantido e começa a venda de ingressos. Aí é só os fãs espalharem pelas redes sociais.

Quanto mais ingressos forem vendidos, mais o fã investidor recebe de volta. E se o número requerido for atingido, o fã investidor recebe o reembolso integral e assiste ao evento de GRAÇA!

Crowdfunding, financiamento coletivo, vaquinha, chame como quiser. Funcionou no Rio e pode funcionar em qualquer lugar do Brasil e do mundo.

Mais amigos. Menos dinheiro.

Como apresentado no capítulo sobre dinheiro, gastar nosso tempo com as pessoas que gostamos é o que realmente nos faz felizes. Fazer atividades em grupo nos garante mais alegria e satisfação. Assim, mesmo que sejamos pegos no futuro por uma crise de empregos, o lazer e a diversão poderão ser exercidos tranquilamente por quem conta com boas amizades.

Quando se tem amigos precisamos menos de dinheiro para o lazer. Para jogar bola basta um parque, uma quadra pública ou até mesmo a rua. Para comprar a bola em muitos bairros do Brasil o que viabiliza a redonda é a boa e velha vaquinha. Para ver um bom filme ninguém precisa ir num cinema de shopping no século XXI. Basta abrir o laptop ou procurar um centro cultural bacana nas grandes metrópoles. Para comer bem, o restaurante fino pode dar lugar para um jantar a dois, uma reunião de amigos em casa ou um picnic - experiências muitas vezes mais saborosas.

Com amigos podemos tentar viabilizar um show, uma exposição ou uma festa. E não necessariamente na casa de espetáculos ou no centro cultural dos sonhos, pode ser no barzinho da vila, na escola, na ONG do bairro.

Passar bons momentos, dar risada, confraternizar, isso tudo tem muito mais a ver com ter bons amigos do que com ter dinheiro. Talvez, no século XXI, mesmo com menos empregos e uma renda mais apertada, a gente possa promover esses valores a uma posição de ainda maior destaque na sociedade. Quem sabe neste século

materializemos a ideia de que rico, rico mesmo, seja o sujeito com um bando de amigos e não aquele indivíduo com carteira e a poupança cheia de verdinhas.

Porque se pararmos para pensar, veremos que o ato de se divertir está mais ligado às coisas que nos fazem sorrir e se sentir bem do que simplesmente fazer dinheiro num emprego que odiamos, para gastar com produtos e serviços caros e que muitas vezes nem precisamos. Portanto, importe-se menos com quanto você leva na carteira ao sair de casa e mais com a qualidade das suas companhias. Se você tiver bons amigos eles não se importarão se você leva no bolso dinheiro suficiente para uma garrafa de cerveja barata ou uma caríssima garrafa de whisky importado.

Bons amigos apreciam a nossa presença e só. Assim, forme seu bando, aproveite os bons momentos e certifique-se de que ao voltar da diversão você tenha um bom lar, com uma boa cama, para recuperar as energias. Porque um lar é outro item primordial para a nossa qualidade de vida. Falarei sobre isso no próximo capítulo – **“Teto”**.

TETO

Não há melhor lugar no mundo do que o nosso lugar

Não há lugar no mundo como a casa da gente. O filósofo britânico George Edward Moore dizia que *“o homem percorre o mundo inteiro em busca daquilo que precisa e volta para casa para encontrá-lo”*.

Isso porque é no conforto de nossos lares que encontramos acolhimento e nos sentimos mais seguros e livres para tirarmos as armaduras do dia a dia e poder voltar a ser a gente mesmo.

Seja por proteção física, conforto espiritual ou material, o bem estar das pessoas está diretamente ligado a ter um lugar no qual, ao final de um dia duro de trabalho, o indivíduo possa buscar abrigo. Ter uma casa com espaço suficiente para seus moradores conviverem em harmonia e dignidade é imprescindível para uma recarga plena de energia. Mas, neste início de século XXI, ter um lar que garanta abrigo, conforto, segurança, espaço, dignidade e um ambiente saudável ainda é uma realidade distante para milhões de pessoas em todo o mundo.

Cerca de 100 milhões de pessoas vivem nas ruas. Mais de 1 bilhão de pessoas vivem em favelas. Nos grandes centros urbanos um em cada três habitantes vive em alguma favela ou comunidade sem estrutura básica, como água tratada, eletricidade ou saneamento básico.

No Brasil, especificamente em São Paulo, um em cada cinco habitantes mora em alguma favela e uma pesquisa do IPEA(Instituto de Pesquisas econômicas Aplicadas) revela que 35% dos brasileiros que vivem nas cidades não possuem moradias dignas. Na China 194 milhões de pessoas também vivem essa dura realidade. Mesmo os Estados Unidos, a “nação mais poderosa do mundo” de outrora não escapa. Quase 4 milhões de pessoas vivem em trailers ou em casas de lata nos tradicionais trailer parks e desde 2007, início da recessão, pipocam por todo o país as chamadas tent cities(cidades das tendas), uma nova versão americana das favelas. Essas neofavelas, constituídas principalmente por barracas, já estão presentes em pelo menos 55 cidades do país. Obra dos cerca de seis milhões de americanos que perderam suas casas para os bancos durante a crise de 2008.

Urbe inchada

É urgente que o mundo dê atenção especial ao tema habitação. As grandes metrópoles não param de crescer. Estima-se que em 2050 cerca de 75% das pessoas deverão viver nas cidades - atualmente 53% da população mundial vive em centros urbanos – até lá São Paulo deverá receber em média 25 novos habitantes por dia e

idades como o Cairo, Los Angeles e Londres receberão por dia, respectivamente, 23, 9 e 6 habitantes cada. Teremos espaço e residências para tanta gente?

A resposta a julgar pela atual configuração da sociedade não é animadora. Como o verso de “A cidade” (canção clássica da banda Nação Zumbi) define *“a cidade não pára a cidade só cresce. O de cima sobe e o de baixo desce”*. Está cada vez mais caro conseguir pelo modelo capitalista comprar uma casa. O incômodo já acomete a classe média, daí o porquê da habitação ser uma das bandeiras de movimentos como o Occupy Wall Street.

No Brasil uma pesquisa mostra que o preço dos imóveis em São Paulo ou no Rio de Janeiro virou coisa de gente rica a ponto de sair mais barato, por exemplo, comprar um apartamento em Paris com vista para a Torre Eiffel.

No Rio só em 2011, o metro quadrado teve um aumento de 34,9%. Um apartamento médio de 80 m² no Leblon, área nobre da zona sul da cidade custa R\$ 1.372.480. O valor é mais caro que o equivalente em Paris. Na cidade referência de moda e estilo, morar ao lado da torre Eiffel custa R\$ 1.200.000.

O preço exorbitante se repete em outras metrópoles pelo mundo. Em Londres um apartamento de dois quartos e sala, em uma região central, não sai por menos de R\$ 2.193.000. Já em Nova York, dois quartos em 80 metros quadrados no badalado Upper East Side custa, na média, a bagatela de R\$ 1.572.060,00.

No futuro morar em uma região de fácil acesso ao trabalho e centros comerciais exercerá ainda mais influência na nossa qualidade de vida e o m² dessas regiões privilegiadas provavelmente atingirá patamares assombrosos.

Com imóveis nas regiões centrais cada vez mais caros o crescimento demográfico das grandes cidades é certo. E com a eminência de um mundo com menos empregos, logo, menos renda, teremos mais favelas. A projeção da ONU é que em 2030 do atual 1 bilhão de pessoas que vivem nas favelas passemos a 2 bilhões.

Se morar no centro será privilégio de barões, comprar uma casa em regiões mais afastadas também não será tarefa das mais fáceis. O m² na cidade de São Paulo, por exemplo, custa em média R\$ 6.295,00. No Brasil chegamos ao ponto de um apartamento pequeno de 60m²

com preço estimado em R\$ 100.000,00 ser considerado barato em muitas regiões urbanas do país.

Num mundo sem empregos, com menos renda para os mais pobres adquirir a casa própria será uma tarefa árdua. Contar com o auxílio do governo para realizar o sonho da casa própria será a única alternativa para milhões de pessoas. Logo, os governos que não investem fortemente na área da habitação, como é o caso do EUA, por exemplo, terão que direcionar mais recursos para garantir esse item primordial para o bem estar de seus cidadãos.

Uma mãozinha do governo

O Brasil conta com sólidos programas de habitação. Instituições como a CDHU(Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo) e a COHAB (Companhia de Habitação) - que conta com unidades em vários estados do país - constroem casas para a população de baixa renda, com prestações que se adequam ao orçamento das famílias.

Já o programa Minha Casa Minha Vida do governo federal concede financiamentos amistosos para famílias de classe média com renda de R\$ 4.900 para regiões metropolitanas e municípios com

população igual ou superior a 250 mil habitantes, e R\$ 3.900 para as demais regiões do país.

Mas, a alta dos imóveis brasileiros já fez com que o governo reajustasse sua política de financiamento. Para proporcionar a equivalência dos valores dos créditos aos dos valores praticados no mercado imobiliário o governo aumentou o teto dos financiamentos em 2011. O teto para imóveis localizados nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal passou de R\$ 130 mil para R\$ 170 mil. Nas demais capitais, o valor máximo do imóvel dentro do programa foi elevado de R\$ 100 mil para R\$ 150 mil. Já para municípios com população a partir de 250 mil habitantes ou integrantes de regiões metropolitanas, o valor máximo passou de R\$ 80 mil para R\$ 130 mil. Outra mudança acertada foi a elevação do valor máximo para cidades com população a partir de 50 mil habitantes, de R\$ 80 mil para R\$ 100 mil.

Fortalecer tais programas será fundamental para o país conseguir sanar os problemas com moradia de 7 milhões de brasileiros que moram em favelas.

Mas, apesar das políticas públicas exemplares o Brasil poderia fazer mais, muito mais. Segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, mais de 52 milhões de pessoas vivem no Brasil em assentamentos precários, sendo que 15,6 milhões vivem sem água encanada, 34,6 milhões sem esgoto ou fossa séptica e 5,2 milhões sem serviços de coleta de lixo.

O problema de moradias nas grandes cidades poderia ser amenizado se os imóveis vazios - que correspondem a 2/3 do déficit habitacional do país, de 8 milhões de moradias - pudessem servir de casas decentes para muitas famílias. Forçar o uso social dos imóveis vacantes nas áreas centrais é algo possível, uma vez que muitos deles se encontram inadimplentes de impostos há anos. O Estatuto das Cidades, uma lei nacional cujos princípios básicos são o planejamento participativo e a função social da propriedade, possui instrumentos que possibilitam o município a forçar o uso social das propriedades abandonadas e inadimplentes, mas isso não vem ocorrendo.

Ocupa-se

Em São Paulo, enquanto o cumprimento da lei não ocorre, milhares de pessoas ocupam prédios abandonados sem a mínima estrutura.

Existem na cidade, 290 mil imóveis que não são habitados e segundo registro da Secretaria Municipal de Habitação, 190 mil famílias que não tem onde morar.

Não é por acaso que as ocupações de edifícios abandonados tem sido cada vez mais recorrentes nas grandes cidades brasileiras. O movimento dos sem teto ganhou força em 2011 com ocupações bem organizadas lembrando os **squats** europeus.

Squats, são construções ou casas abandonadas ocupadas por grupos, algo como um MST urbano, com regras preestabelecidas para uma boa convivência entre seus moradores. As pessoas ocupam os espaços e os utilizam para viver, trabalhar, se divertir. Espalhados pelas principais capitais européias existem squats urbanos, campestres e em balneários, e de gente de todo tipo, de pessoas mais velhas, com um ambiente mais tranquilos, meio intelectual, à squats gays, de punks, artistas plásticos e ravers.

Na Inglaterra existe até um grupo especializado em invadir mansões abandonadas e ocupá-las. O Belgravia Squatters, liderado pelo milionário, isso mesmo, milionário, Mark Guard invade mansões em nome de grandes corporações estrangeiras na capital Londres e

outras grandes cidades do país, que conta com 300 mil imóveis abandonados. Podem aderir ao grupo todos aqueles que não disponham de 400 libras semanais, média para arcar com um aluguel na capital inglesa.

A água e a eletricidade, tanto nas ocupações do centro de São Paulo como nos squats europeus, são na base da gambiarra, é tudo gato. Apesar de essa contravenção nos projetar a um ambiente caótico ambos os movimentos, na maioria das ocupações, apresentam um nível de civilidade altíssimo entre seus moradores, que solidários entendem os dramas uns dos outros e se esforçam para viver bem em comunidade. Outro pecado comumente cometido por nós é achar que essas pessoas invasoras não trabalham, o que não é verdade, a maioria o faz, só que não ganham o suficiente para pagar um aluguel.

Obviamente, os governos, não se sensibilizam e a todo custo, tentam zelar pela propriedade e trabalham na desocupação dos imóveis. Muitas vezes de maneira truculenta. E é aí que mora a hipocrisia da nossa atual sociedade. Expulsando as pessoas dos centros, na maioria das vezes devido a especulação imobiliária, os governantes corroboram com o declínio da comunidade e com a violência. Na

maioria dos prédios brasileiros abandonados proliferam pontos de venda e consumo de drogas. Precisamos entender que a melhor forma de se combater a insegurança é a ocupação, não o isolamento. As ruas dos centros da cidade, ao fechar o comércio se tornam vazias e amedrontadoras. Incentivar a ocupação dos 290 mil imóveis abandonados de São Paulo, por exemplo, pelos sem tetos seria a solução do bem comum. Mantê-los abandonados é a política do 1% ante os 99% em ação. Certamente com mais pessoas habitando as regiões dos prédios abandonados aumentaria também a sensação de segurança dos moradores dessas regiões.

Imóveis abandonados em regiões privilegiadas das grandes cidades são uma realidade em todo o mundo. Muitas dessas propriedades estão em nome de grandes empresas internacionais, longe do alcance da fiscalização pública. Em muitos casos nem os governos sabem quem são os proprietários, que podem muito bem estar lavando dinheiro ou evadindo impostos por meio delas. Num mundo sem empregos fazer desses imóveis o teto de milhões de pessoas sem dinheiro para pagar um aluguel quanto mais comprar uma casa é uma saída ousada, mas de mãos dadas ao bem comum e por isso deve ser considerada. Já permanecer inerte ao problema da habitação e permitir a destruição de casas tomadas de milhões de

peças pelos bancos, como aconteceu recentemente nos EUA após a crise de 2008, é que é um afronte e um mal a ser combatido pela sociedade neste século.

Entender essa necessidade de prover o bem comum para todos, em todos os sentidos, desde ter o que comer, locais para se divertir e ter uma boa casa para morar é o grande desafio da nova geração. Algo que passa muito pela Educação que devemos praticar desde já. Por isso esse é o tema do próximo capítulo – **“Prazer em aprender”**.

PRAZER EM APRENDER

A escola datou

No futuro a maioria das crianças de hoje trabalhará com alguma profissão que ainda não existe e a ocupação destas crianças estará ligada às economias criativa, digital, solidária e do bem estar.

Hoje todo país no mundo se esforça em adequar sua grade curricular para as transformações advindas da cultura digital, mas nenhum parece perceber que é o atual modelo pedagógico das escolas seu maior problema. Um modelo centenário sem familiaridade alguma com a realidade que vem se desenhando no horizonte. Os atuais gestores da educação querem educar crianças para assumirem seus papéis na sociedade. O “assumir seu papel na sociedade” a que eles se referem podemos traduzir por assumir os papéis na economia, no mercado de trabalho. Mas num mundo sem empregos educar para o mercado de trabalho é muito, muito equivocado.

“O que você vai ser quando crescer?”, “Você precisa estudar para ser alguém na vida”, “Se você estudar o bastante certamente conseguirá um bom emprego”. Frases comuns como essas, empurradas para as crianças desde os primeiros anos escolares, já não surtem qualquer efeito. As crianças crescem e quando adolescentes já não vêm

sentido algum em ir à escola. Isso porque a maneira como o conteúdo das matérias é passada aos alunos remete à época da invenção do atual modelo pedagógico instituído na era industrial. Os alunos são submetidos a temas diversos num mesmo dia sem que o professor relacione o conteúdo transmitido com o dia a dia do aluno. “Pra que diabos serve o cateto de hipotenusa?” ou “Qual o sentido de se decorar a tabela periódica” são questões que pipocam nos cérebros dos alunos. Na ausência de uma boa resposta eles logo decidem por si só, que tais conhecimentos não devem servir para nada. Tratamos nossos alunos como operários, tocamos o sinal de entrada, de intervalo e saída. Os orientamos para que sejam obedientes a todo preço e disciplina é uma palavra sagrada. Formamos escriturários e apertadores de botões e parafusos.

Outra prova da mentalidade industrial, está em separar os alunos em ambiente similares ao chão das fabricas, separando-os por lotes. Uma mentalidade de linha de produção na qual as crianças são separadas por idade, como se a idade fosse algo determinante para que os alunos venham a se integrar a sociedade. Imagine um diretor recomendando um aluno: “Quer contratar um jovem, leve esse de 1987, tivemos uma ótima safra em 87. Mas não leve os de 92, são muito rebeldes”. Lol.

Os gestores da educação não se importam com o fato de que crianças, independente da idade tem habilidades e peculiaridades de aprendizado diferentes umas das outras. Uma mais nova pode superar outra criança mais velha em matemática e ao mesmo tempo ser menos eficiente em geografia ou história ante a mais velha. Também existem crianças mais aptas a aprender no período da tarde ou em pequenos grupos do que em grandes como acontece regularmente na maioria das escolas.

Certo é que as escolas de hoje ainda são organizadas como no passado, valorizam o conhecimento utilitarista, linear, acadêmico, padronizado, de uma única resposta certa. Sintetizando elas formam empregados. Mas os gestores se esquecem de conceitos como vitalidade, criatividade e diversidade que serão muito mais utilizados pelas crianças ao se tornarem adultas no século XXI. Conceitos estes que estimulam o pensar diferente, a inovação, o surgimento de empreendedores e artistas.

O mais triste é que em troca da atenção dos alunos, restrita a pouca interatividade e muita disciplina, é prometido um diploma, que como já sabemos, não quer dizer mais nada. Graduados recentemente no

ensino superior no Brasil, Chile, Espanha e EUA sabem bem do que eu estou falando.

Os jovens vão para escola para adquirir conhecimento para ingressar na sociedade(entenda mercado de trabalho), mas num mundo sem empregos isso pode ser muito perigoso. Imagine lidar com uma geração inteira de jovens desiludidos, enganados pelo sistema de ensino que os prometeu um bom emprego em troca de dedicação escolar. Lembram-se dos riots londrinos no qual jovens foram às ruas na Inglaterra, revoltados com a falta de oportunidades de trabalho e serviços sociais, então, o mesmo fenômeno pode ocorrer em uma escala muito maior no mundo todo. Para evitar que isso ocorra é necessária a quebra do paradigma da carteira assinada, da exacerbada importância que damos aos empregos. É preciso uma reconfiguração da sociedade com novos valores, portanto uma nova cultura, algo possível somente por meio de uma nova educação. A escola datou, precisamos encarar de maneira diferente os bancos escolares, precisamos repensar a educação.

Castrando gênios

Ken Robinson, um prestigiado educador inglês, viaja o mundo ministrando palestras sobre novos conceitos que a educação deveria adotar no século XXI. Em alguns de seus discursos o educador

costuma citar um estudo curioso. Segundo Sir Robinson, o pensamento divergente - a habilidade de ver várias respostas possíveis para uma única questão - é algo fundamental para o futuro da sociedade, mas tal habilidade está perigosamente ameaçada. Para provar seu ponto de vista argumenta que 98% das crianças, entre 3 e 5 anos, pesquisadas no estudo citado, são consideradas gênios do pensamento divergente. Entre crianças de 5 e 8 anos a porcentagem cai para 32%. Já entre adolescentes diminui ainda mais para 10%.

O educador almeja com os números mostrar que todos nascemos aptos para identificar várias soluções para um problema, no entanto, a escola nos faz acreditar que só existe uma resposta correta para cada pergunta. Conforme os anos na escola vão passando nos tornamos menos aptos ao pensamento divergente.

Em um mundo com menos empregos e menos dinheiro, a sobrevivência de maneira ordeira da sociedade certamente passará por uma grande inovação no campo social, que só poderá acontecer com a quebra de vários paradigmas já apresentados neste livro como a desvinculação de nossas vidas com a profissão que exercemos, o despreendimento com o dinheiro (papel moeda) e o desenvolvimento do espírito colaborativo ante o individualismo promovido pelo

capitalismo. E o pensamento divergente será de grande ajuda para a transição de uma sociedade na qual para nos considerarmos cidadãos temos de estar empregados para uma mais calcada no social e no colaborativismo. Pensar diferente é o que poderá nos levar a entender a sociedade que está se desenhando e o mais importante encontrar soluções para os problemas que certamente aparecerão por decorrência de prováveis crises de identidade, de desemprego, de alimentos e de renda.

Prazer em aprender

É preciso mudar a mentalidade que nos motiva a ir à escola. Hoje buscamos conhecimento, sobretudo, para melhorar nossos currículos. A motivação principal é sempre nos aperfeiçoar para garantir um bom emprego. Com um futuro de empregos insuficientes para toda população tal motivação cai por terra. Não tem sentido.

Mas o fato de não ter sentido corrobora com um clichê de palestrantes motivacionais, que apesar de batido faz muito sentido. É comum ouvirmos que para nos sentirmos realizados profissionalmente devemos trabalhar com o que gostamos. Na prática, não é algo fácil de se realizar, nem todos podem ser

jogadores de futebol ou artistas. Mas num mundo sem empregos adquirir conhecimento específico para trabalhar numa área que apesar de não gostarmos pague bem ou apresente mais oportunidades deixará de ser realidade. Poderemos passar então a nos dedicar mais àquelas disciplinas que realmente gostamos. Independente de nos tornarmos aptos para um emprego o motivo principal que nos guiará será o prazer. O ato de estudar se tornará mais prazeroso.

A educação não formal, aquela praticada espontaneamente, extra sala de aula, também será importante pela sua genuinidade e dará a tônica no século XXI. Das aulas de futebol de salão, artes marciais, culinária, enfermagem, artesanato, teatro, música, edição de vídeo e inclusão digital, na maioria dos casos gratuitas e promovidas por ONGs e instituições, é que virão as cabeças pensantes capazes de fazer a ponte entre a atual configuração da sociedade para uma sociedade colaborativa e menos dependente de grana e empregos.

E é nisso que os educadores devem se concentrar daqui em diante. Não que as disciplinas formais da escola linear|tradicional devam desaparecer, estas apenas devem se adequar a realidade que vem se desenhando, incluindo educação não formal na grade, tornando o currículo convencional mais significativo, aproximando-o do dia a dia dos alunos e dando autonomia para que estes manifestem seus

interesses, o que viria a colaborar para o desenvolvimento de suas habilidades natas. Os educadores devem desde já passar a jogar limpo, com menos foco no “educar é importante para conseguir uma vaga no mercado de trabalho” e mais foco no “educar é importante para conceber cidadãos conscientes, críticos e inovadores”.

Como diria o professor e pesquisador Jean Piaget, tão citado pelos educadores, mas pouco compreendido:

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.”

Uma motivação bem diferente do atual modelo centenário da Educação, mais preocupado em criar mão de obra para as corporações do que indivíduos pensantes.

Certo é que, independente de nossa formação ou motivação, ainda trabalharemos, talvez não tanto quanto hoje, mas ainda dedicaremos parte de nosso tempo para atividades laborais pelo simples sentido de existência ou pertencimento. Falarei disso no próximo capítulo – **“Aqui é trabalho”**.

AQUI É
TRABALHO!

O Trabalho e o Mito da Caverna

Platão em o “Mito da caverna” expõe uma situação na qual algumas pessoas vivem acorrentadas dentro de uma caverna e de costas para entrada que por sua vez está obstruída por um muro de pedras que só permite a entrada de um filete de luz no topo. As pessoas nascidas na caverna têm para si que o mundo todo se restringe à caverna. A luz é pouca e as sombras projetadas nas paredes, bem como as vozes das pessoas que passam do lado de fora, são entendidas respectivamente como seres das sombras e eco das vozes dos próprios moradores da caverna. Após apresentar tal cenário o filósofo expõe uma reviravolta, imagine que um dos moradores da caverna se livre involuntariamente das correntes e que este mesmo homem, por acaso, ao investigar o filete de onde vem a luz tenha acesso ao lado de fora, passando a conhecer outras pessoas, a natureza, sons e cores novas, um verdadeiro choque ao seu entendimento de mundo. Por fim o filósofo provoca o leitor a imaginar o que aconteceria com o homem se este retornasse à caverna e disse-se aos outros moradores da escuridão o que ele havia descoberto. Platão defende que provavelmente os seres da caverna não levariam a sério seu antigo morador e este correria sérios riscos, desde ser ignorado até, caso fosse agarrado, morto por

eles, por ser tomado por louco, amaldiçoado e mentiroso.

Bem, na sociedade atual nós vivemos como os seres da caverna de Platão. A sociedade moderna há mais de cem anos roda com o software do capitalismo. Estudar, ter uma profissão, ter a carteira de trabalho assinada, trabalhar, conseguir um cargo de chefia, ganhar bem, consumir muito, e ser bem sucedido é a nossa caverna. O capitalismo nos faz acreditar que ser feliz invariavelmente passa por tais etapas. Essa é a realidade desde a época de nossos bisavós. Uma verdade estabelecida pelo tempo e corroborada pelos nossos pais e professores desde a tenra infância ao nos educar para ser “alguém na vida”.

Trabalho logo Existo

A sociedade atual oferece poucas alternativas de escolha que propiciem a uma pessoa viver bem sem ter um emprego formal. As correntes atadas aos nossos pés são culturais. A mentalidade da maioria das pessoas segue uma fórmula do sucesso, que é: se eu trabalhar mais duro serei mais bem-sucedido. E se eu for mais bem-sucedido, então serei mais feliz. Esse pensamento fundamenta grande parte dos nossos estilos de paternidade, de educação, de gestão e a maneira como motivamos nosso comportamento.

Mas nunca ficamos satisfeitos porque assim que alcançamos um sucesso alteramos as regras do que é sucesso para um novo patamar. O aluno na escola fundamental obtém boas notas, mas logo é condicionado a obter notas melhores para entrar na melhor universidade, ao conseguir tal façanha é cobrado a conseguir um bom emprego, tendo um bom emprego deve atingir suas metas das vendas, bater os colegas, ocupar um cargo de chefia, e mesmo que chegue ao cargo de CEO de uma grande corporação continuará sendo cobrado com metas ainda mais altas, ano após ano. A maioria das pessoas simplesmente relaciona felicidade ao sucesso profissional, mas tal sucesso é inalcançável devido a cultura do beta - de que sempre pode-se melhorar algo – esse under construction sem fim do “crescimento econômico” cuja ganância não conhece limites. Mesmo assim seguimos ignorantes como os seres das cavernas.

Aqui é trabalho!

A mentalidade de que quem trabalha presta e quem não trabalha é vagabundo é a regra. Fulano é bom para minha filha casar porque é trabalhador. Sicrano é admirável porque trabalha dobrado, faz hora extra sem fazer cara feia. Esta é a vida.

Hoje defender modelos econômicos e estilos de vida alternativos ao american way of life é correr o risco do protagonista do mito da

caverna e passar por ingênuo, sonhador, maluco. Num mundo sem empregos, no entanto, isso pode mudar. Mas não sem que uma crise de identidade tenha que ser contornada. O brilho forte do sol nos olhos do ser da caverna de Platão deve tê-lo incomodado, mas certamente este ficou maravilhado com o mundo que desconhecia. Fazer com que as pessoas se desapeguem do trabalho não será fácil, milhares de olhos arderão, mas a descoberta das alternativas ao capitalismo, a verdade que se apresentará, vai ser encantadora. Utópico? Não, mas vai dar trabalho.

O arquétipo do trabalhador honrado é muito forte. No Brasil a frase “Aqui é trabalho!” é comumente empregada para justificar conquistas, objetivos e metas alcançadas. Muricy Ramalho premiadíssimo técnico brasileiro de futebol, eternizou a frase no imaginário nacional em 2009 após uma vitória de seu time na época, o São Paulo, ao bradar a frase à beira do gramado para as câmeras de Tv. Um time campeão pra ele é resultado de homens trabalhadores, muito treino e, muito suor. Uma verdade sem dúvida, mas que também carrega um efeito colateral desagradável, uma vez que corrobora com o ideal exploratório dos empresários responsáveis pelo surgimento da indústria de que o trabalho engrandece o homem e mais, justifica sua existência. Uma mensagem até certo ponto louvável que deveríamos respeitar não fosse pelo fato de que

os homens que fizeram questão de propagar esse ideal - os industriais da revolução industrial - tiveram segundas intenções nada louváveis, a saber enriquecer explorando mão de obra exploratória e mal-remunerada.

Certo é que hoje se todos os empregos fossem extintos teríamos uma séria crise de identidade, independente se conseguíssemos rapidamente sanar problemas como moradia e alimentação. A maioria das pessoas tem no trabalho o sentido de suas vidas. O trabalho as proporciona significado, validação e pertencimento. O trabalho faz as pessoas se sentirem vivas e uteis. Ficar sem emprego, não trabalhar, deixaria milhões de pessoas sem rumo. Por isso é preciso ter em mente que, mesmo num mundo sem empregos formais, certamente os homens irão desempenhar atividades laborais em suas comunidades. O Homo Faber não está com os dias contados o escravo de colarinho branco/azul sim.

Movimento Slow

Junto a essa mentalidade intocada temos a velocidade do mundo moderno que não colabora nem um pouco para que possamos parar e refletir sobre nossas escolhas. Tecnologias como celulares e o e-mail fizeram com que levássemos mais serviço para casa. Como se

oito horas de trabalho do horário mais produtivo do ser humano não fossem suficientes.

A velocidade do mundo moderno acelerou processos, a tecnologia que muitos pensaram que traria mais civilidade e tempo livre, por ora, só fez com que padrões aumentassem a demanda de trabalho e cobrassem mais agilidade e produtividade. Essa loucura veloz é responsável por doenças modernas como o estresse e por isso já incomoda a ponto de existir iniciativas a fim de combatê-las.

O **movimento slow** é uma delas. O movimento começou em 1986 na Itália por meio do Slow food uma iniciativa que buscava promover a prática de refeições mais saudáveis e com tempo suficiente para apreciá-las, uma resposta aos fast foods. Desde então o movimento ganha adeptos por todo o mundo e busca desacelerar as pessoas com aplicações em outros âmbitos essenciais da nossa existência como o sexo, a saúde, o trabalho, a educação e o lazer a fim de promover a qualidade de vida.

Desacelerar é uma boa pedida para prevenir uma crise séria de identidade global no caso de uma futura crise de desempregos.

Reduzindo a jornada de trabalho

No Brasil de acordo com um instituto de pesquisas sindicais, o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) a redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais teria o impacto potencial de gerar em torno de 2.252.600 novos postos de trabalho no país. Um número que salta aos olhos de qualquer trabalhador desempregado.

Agora e se nos permitíssemos uma solução ainda mais ousada. Que tal pensar em jornadas semanais de apenas 30 horas? Foi o que fez o empresário André Garcia, dono da Estante Virtual, site que reúne 1.484 sebos de 249 cidades brasileiras, com acervo total de 21 milhões de livros usados. Iniciativa inovadora no país que rende a Garcia um faturamento na casa dos seis dígitos. Mas ainda mais inovador é a política de recursos humanos da empresa. Adepto do ócio criativo – teoria do sociólogo italiano Domenico de Masi que sugere um sincretismo entre trabalho, lazer e estudo –, André e seus funcionários trabalham em média seis horas por dia. Uma política previamente pensada para garantir tempo livre para ele e seus funcionários.

O tempo livre que lhe cabe Garcia gasta pedalando pela orla do Rio de Janeiro ou tocando pandeiro em um bloco do carnaval carioca. Tão sério quanto seu compromisso com a lucrativa Estante Virtual é

o compromisso com o direito de se divertir ou simplesmente não fazer nada. Um compromisso reafirmado todo dia ao olhar para a cabeceira de sua cama na qual deposita exemplares de livros como “Direito à Preguiça”, de Paul Lafargue.

Agora imagine um mundo cuja maioria dos empregos funcione com jornadas de trabalho reduzidas como as praticadas por Garcia ou então, ainda menores, de 4 horas. Quantos postos de trabalho surgiriam? Muitos certamente, milhões de novos postos. Uma solução que pode ser aplicada pouco a pouco desde já. A sua adoção, quem sabe, às vésperas de uma crise do emprego no futuro poderia colaborar para um cenário menos desesperador, ao dispormos de um mercado de trabalho mais humano e menos explorador, no qual as pessoas trabalham menos para que mais pessoas possam trabalhar.

A beleza da preguiça

O exemplo da Estante Virtual e a redução da jornada de trabalho são inspiradores, principalmente ao nos darmos conta de que teríamos muito mais tempo para gastar com as pessoas e atividades que gostamos.

Uma redução da jornada de trabalho colaboraria para que nos reencontrássemos, faria com que fizéssemos as pazes conosco ao realizar ações que nos trouxessem mais prazer. Faria com que reencontrássemos o prazer de sentir prazer.

A leitura de cabeceira do fundador da Estante Virtual é uma boa obra para nos preparar para esse novo cenário do século XXI, caso venhamos a passar menos tempo trabalhando. “O Direito à Preguiça” de Paul Lafargue foi escrito em 1880 e é uma resposta a um livro chamado “O Direito do Trabalho”. Diferente de “Direito à Preguiça”, ninguém se lembra da obra. Já o livro de Lafargue é lembrado até hoje e tem ensinamentos que podem nos ajudar a superar o cabresto da importância do trabalho que nos move. Vejamos alguns:

1) “Sejamos preguiçosos em tudo, exceto em amar e em beber, exceto em sermos preguiçosos.”

2) “O trabalho é a causa de toda a degenerescência intelectual, de toda a deformação orgânica. Comparem o puro-sangue das cavaliças de Rothschild, servido por uma criadagem de bímanos, com a pesada besta das quintas normandas que lavra a terra, carrega o estrume, que põe no celeiro a colheita dos cereais.”

3)“Os filósofos da antigüidade ensinavam o desprezo pelo trabalho, essa degradação do homem livre; os poetas cantavam a preguiça, esse presente dos Deuses.”

4)“Jeová, o deus barbudo e rebarbativo, deu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal; depois de seis dias de trabalho, repousou para a eternidade.”

5)“O provérbio espanhol diz: Descansar es salud (Descansar é saúde).”

6) “A nossa época é, dizem, o século do trabalho; de fato, é o século da dor, da miséria e da corrupção.”

7) “Introduzam o trabalho de fábrica, e adeus alegria, saúde, liberdade; adeus a tudo o que fez a vida bela e digna de ser vivida.”

8)“Que se proclamem os Direitos da Preguiça, milhares de vezes mais nobres e sagrados do que os típicos Direitos do Homem; que as pessoas se obrigue a trabalhar apenas três horas por dia, a mandriar e a andar no regabofe o resto do dia e da noite.”

9) “O trabalho desenfreado é o mais terrível flagelo que já atacou a humanidade.”

10) “A paixão cega, perversa e homicida do trabalho transforma a máquina libertadora em instrumento de sujeição dos homens livres: a sua produtividade empobrece-os.”

Palavras visionárias de um homem que contemplou apenas o início da era industrial. Imagine o que nos diria Lafargue hoje. Tenho certeza que não seria nada bom.

Sim, o futuro reserva menos empregos formais, mas convenhamos depois de ler as palavras de Lafargue, isso não é um problema tão difícil de superar não é mesmo?

Mas para aqueles que mesmo diante de mais tempo livre se vissem compelidos à depressão ao ser despedido ou ao ter sua jornada de trabalho reduzida, uma saída oportuna também pode ser encontrada na espiritualidade. Na busca de um Deus ou uma crença. Falaremos disso no próximo capítulo – **“Religare”**.

RELIGARE

Desligare

Países mais desenvolvidos são menos religiosos. É o que nos revela o sociólogo Phil Zuckerman no livro "*Society Without God – What the Least Religious Nations Can Tell Us About Contentment*" [Sociedade sem Deus – O que as nações menos religiosas podem nos dizer sobre satisfação]. Segundo Zuckerman diferente do que religiosos, políticos conservadores e fiéis imaginam e defendem, uma nação sem Deus não está fadada ao caos e a imoralidade, muito pelo contrário. Ao identificar as nações menos religiosas do mundo o pesquisador descobriu que a maioria apresenta melhores condições de vida para a população quando comparadas aos países mais religiosos. Países escandinavos com baixa religiosidade, são em geral países ricos, extremamente morais e com forte apreço pelos valores humanos, apresentando baixos índices de criminalidade, zelo especial com os mais velhos, boa distribuição da riqueza, educação forte, hospitais que funcionam bem, auxílio maternidade, seguro desemprego, baixíssimo índice de analfabetismo, entre outros. Tais países aparecem com excelência nos mais diversos indicadores de bem estar social e qualidade de vida. E diferente do que muitos imaginam ao associarem os escandinavos à depressão e suicidas, países como a Suécia e Islândia não aparecem sequer entre os 20 países mais depressivos. Pelo contrário, apresentam um alto grau de satisfação.

A Dinamarca, por exemplo, foi apontada por uma pesquisa da universidade de Leicester como a nação mais feliz do mundo e os dinamarqueses apresentam historicamente uma baixa relação com as religiões. A pedra fundamental desses países? Igualdade e liberdade de expressão.

Pesquisas

O escritório norte americano de pesquisa e estatísticas Gallup divulgou em 2010 uma pesquisa que amparava o argumento de que quanto mais religiosos são os habitantes de um país, mais pobre ele tende a ser. A pesquisa realizada em 114 nações mostrava uma forte correlação entre o grau de religiosidade da população e a renda "per capita". Países considerados exemplos de sociedade e distribuição de riqueza como Suécia, Dinamarca, Japão, Holanda, Alemanha e França aparecem entre os menos religiosos. Já países com sérios problemas de desigualdade social como Índia, Brasil, Iraque e Indonésia apresentam alto índice de religiosidade entre seus habitantes.

No Brasil, presente na pesquisa com uma renda per capita de US\$ 10 mil, 87% das pessoas consideram a religião parte importante de suas vidas.

O ponto fora da curva da pesquisa ficou por conta dos Estados Unidos, que apresenta uma renda per capita de quase US\$ 50 mil, mas um alto índice de religiosidade entre seus cidadãos girando em torno de 65%, um índice antagônico à média dos outros países ricos, que é de 47%.

Os números da pesquisa nos mostram que, com exceção dos EUA, os países mais desenvolvidos tendem a ter uma relação mais distante com as religiões. Dados de censos colhidos desde o século 19 e apresentados durante um encontro da American Physical Society, em 2011, indicam que a religião pode ser extinta em nove nações ricas. A pesquisa identificou uma tendência de aumento no número de pessoas que afirmam não ter religião na Austrália, Áustria, Canadá, Finlândia, Irlanda, Holanda, Nova Zelândia, Suíça e República. A Holanda, por exemplo, é hoje um país de igrejas vazias. Quase 70% dos holandeses não se associam a nenhuma religião.

Religare

Em entrevista a um popular programa de TV, Zeca Pagodinho, um prestigiado músico brasileiro disse ao entrevistador que o dinheiro o distanciou da igreja e que ele sentia falta, mas ao mesmo tempo percebia que o que lhe aproximava anteriormente da religião eram as dificuldades do dia a dia.

Com acesso a serviços sociais de qualidade e condições financeiras seguras, as pessoas dos países mais desenvolvidos por passarem menos dificuldades tendem a sofrer menos, logo, recorrem menos às religiões. Em épocas de crise, no entanto, esse quadro tende a se reverter, países como Espanha e Grécia abalados pela crise financeira mundial já apresentam uma alta no número de fiéis. Tal qual sugeriu o cantor brasileiro no programa de TV as dificuldades levam as pessoas a procurar amparo no lado espiritual.

Em geral, as religiões ajudam os fiéis a lidar com a pobreza, oferecem esperança, satisfação emocional e significado, compensações para os sofrimentos e insuficiências desta vida no outro mundo, seja o paraíso ou outra vida na Terra.

É da natureza humana buscar algo que avalize o viver em meio às crises. As religiões há milhares de anos tem se beneficiado dessa busca do ser humano e provavelmente se beneficiarão ainda mais. Num mundo com menos empregos, crises de identidade, de trabalho e de falta de alimentos as crises virão a colaborar com o aumento das pessoas em busca de significados para suas vidas.

A paz de espírito advinda das religiões me parece uma colaboração necessária para atravessarmos as crises que porventura vierem da reconfiguração de um mundo com menos empregos.

No entanto, a adoção de uma religião por si só não garantirá uma transição igualitária, de uma sociedade pautada na dependência do dinheiro para uma sociedade colaborativa.

Tal transição não passa necessariamente por esta ou aquela religião, mas encontra no sentido etimológico da palavra religião uma inspiração como explica o escritor e mestre das graphic novels Alan Moore:

“A palavra religião não tem nada a ver com espiritualidade, mas com união, ligação em torno de algo. Nesse sentido, o Marxismo é uma religião. As várias escolas da Física também o são. O problema é que as religiões, no sentido que conhecemos a palavra hoje, criam dogmas, que são limitações ao pensamento – e isso nunca é uma coisa boa.”

Na linha do pensamento de Moore podemos considerar a reunião de um grupo de pessoas em torno de um assunto ou objetivo comum, uma religião. Assim os manifestantes do Occupy Wall Street são uma igreja, a galera do **churrascão da gente diferenciada** são outra igreja. Ambas compartilham a mesma crença “a do saco cheio de ralar para sobreviver enquanto os mais ricos se tornam cada vez mais ricos”, com a vantagem de não terem dogmas, de buscarem assim como os

satisfeitos cidadãos escandinavos apenas a igualdade e a liberdade de expressão. Por isso os fiéis dessas neoigrejas querem mudanças. Os jovens desses movimentos em sintonia com a origem latina da palavra religião – religare – querem religar-se.

O atual modelo da sociedade pautado pelos valores capitalistas e interesses econômicos com uma crise aguda de empregos será posto em cheque. Substituir esse modelo por um mais democrático focado no bem comum ante ao capital, focado no já batido, mas fundamental “ser” ao “ter”, pode ser a religião do século XXI. Devemos nos religar para darmos início a uma nova sociedade.

Solução utópica?!

Uma vez por ano milhares de pessoas de diferentes lugares do mundo se reúnem em algum ponto do planeta para compartilhar ideais de paz, amor e uma nova espiritualidade conectada à natureza. O evento se chama **Rainbow Gathering**. Surgido em 1972 no Colorado (EUA), contemporâneo ao movimento hippie, o Rainbow se espalhou pelo mundo e, desde então, são feitos os encontros em locais de matas, rios e cachoeiras, bem distantes das grandes metrópoles dominadas pelo sistema capitalista.

A organização do evento é realizada de maneira colaborativa, todo o acampamento é levantado com a ajuda de voluntários.

Durante um mês os adeptos convivem em um ambiente tranqüilo, livres de horários e preocupações, com atividades diversas ministradas pelos próprios participantes. Práticas hindus, rituais xamânicos, artesanato, meditação, massagens, são algumas das opções para passar o dia.

Todas as atividades são precedidas por saudações em círculo. Dispor as pessoas em roda é uma vivência antiga, o círculo representa a horizontalidade. É um símbolo de união e igualdade. Diferente dos valores praticados nas cidades, das relações verticais e hierárquicas, na comunidade Rainbow não existem chefes ou superiores, o círculo representa a igualdade.

Ao término dos dias de reclusão em meio à mata, vivendo em comunidade e reconectando-se consigo mesmos, os membros da família Rainbow retornam às suas casas e espalhados pelo planeta buscam viver a mudança que eles gostariam de ver no mundo – uma sociedade em harmonia com a natureza, sem líderes estabelecidos e sem o individualismo e o materialismo que predominam no mundo capitalista.

A família Rainbow acredita ter a missão de criar uma sociedade capaz de conviver harmonicamente com a natureza, a exemplo dos povos

tribais. Existe uma profecia da tribo Hopi dos índios americanos que defende que quando a Terra estiver chorando e os animais morrendo, uma tribo de pessoas virá para salvar o planeta. Segundo a profecia os guerreiros dessa tribo seriam chamados de guerreiros do arco-íris. A família Rainbow seria a vanguarda desse movimento de salvação do planeta.

Uma nova crença

Imaginar a proliferação de sociedades idílicas como a Rainbow Family no atual cenário mundial soa utópico, mas traz consigo um forte recado de que é possível uma sociedade com estilos de vida alternativos que passam bem longe de carrões importados e shoppings centers. Encarar o exemplo da família rainbow como um modelo a ser seguido por toda a sociedade é ilusório, mas entender que tal modelo pode ser mais um dos caminhos a se seguir é pertinente. Num mundo com menos apego ao dinheiro e que será reconstruído de baixo para cima, comunidades idílicas que produzam a própria comida e vivam em harmonia com a natureza naturalmente irão habitar o mundo ao lado de centros urbanos high-techs.

Provavelmente os integrantes da família rainbow não serão os responsáveis pela salvação do mundo, mas com seu estilo de vida utópico certamente são responsáveis por mais um tijolo na

construção da ponte que nos levará da atual sociedade individualista para uma mais harmônica e coletiva.

Como diria o escritor uruguaio Eduardo Galeano mesmo que as utopias estejam sempre além de nossas possibilidades, presentes lá no horizonte, dois passos a nossa frente, independente de quanto caminhamos, estas (as utopias) servem exatamente para isso: servem para nos fazer caminhar. Assim mesmo que não alcancemos um modelo de sociedade ideal alcançaremos um modelo melhor.

Por isso independente da religião de cada um será necessário adotarmos mais uma crença, a crença de que uma sociedade mais plural e democrática, cuja riqueza produzida seja bem distribuída para todo o planeta, com foco no bem estar social, num mundo sem fome e com abrigo para todos, seja algo possível de ser alcançado. Pois as crenças por mais absurdas que se apresentem são capazes – a exemplo da fé dedicada a inúmeras religiões - a nos levar a estados mentais superiores. As crenças funcionam como um gatilho que apertamos para escapar das loucuras do dia a dia e que ao mesmo tempo nos fazem reconectar com nós mesmos e aquilo que nos é fundamental - e que passa longe de questões como o dinheiro ou sucesso profissional -, resumindo, nossos relacionamentos humanos e nossa tranquilidade espiritual.

O capitalismo hegemônico que experimentamos neste início de século XXI apresenta rachaduras, ainda assim é o grande guarda-chuva que cobre o mundo. Sua hegemonia só nos parece inabalável porque acreditamos, somos xiitas em relação a ela. Acreditar num mundo mais colaborativo é crer que, paralelo ao capitalismo existem modelos econômicos e estilos de vida que podem conviver harmonicamente na sociedade ao lado da cultura do capital. Alternativas concretas para aqueles que não queiram mais, ou que não possam mais (desempregados), darem suas vidas em troca de um contracheque.

Por isso é preciso acreditar que a sobrevivência em uma sociedade sem empregos e com menos dinheiro é possível. E isso pede a quebra de sólidos paradigmas, pede resiliência e porque não, fé. A busca pelo paraíso pode não se dar pela morte ou contato divino, talvez uma sociedade harmônica só dependa da gente e de nosso compromisso com o outro e o bem comum. Crer é o primeiro passo. Pode parecer algo distante considerando nossos líderes políticos com suas democracias de fachadas. Pode até parecer impossível, mas como se gritava e pintava-se nos muros em Paris, no lendário maio de 1968, "seja razoável: exija o impossível". Quem é jovem e está desencantado com o mundo precisa acreditar, quem tem filho pequeno também.

E já que falamos de religião neste capítulo nada como quebrar alguns dogmas. A crença por um mundo melhor não sataniza ou condena, o capital, o lucro, nem mesmo todos os empresários e políticos. Existem grandes empresas, bem como políticos que se esforçam para a concretização do bem comum em suas comunidades. Veremos no próximo capítulo que a transição para uma sociedade mais solidária já conta com o apoio de grandes empresas e alguns governantes. Um processo de transformação – **“De cima para baixo”**.

**DE CIMA
PARA BAIXO**

Imagino um futuro com mais políticos comprometidos com o bem comum do que aproveitadores corruptos, e empresas tão preocupadas com a qualidade de vida das pessoas quanto com o lucro. Parece difícil de acreditar, mas já está acontecendo.

Voluntariado político

Imagine um país onde vereadores não recebem salários, apenas um computador e um auxílio de R\$ 280. Deputados federais recebem pouco mais que um professor e não contam com residência oficial, auxílio moradia, passagens aéreas, gabinete, imunidade parlamentar, assessoria parlamentar, motoristas ou qualquer outro tipo de regalia tão comum nas sociedades “democráticas”. Pois este país existe, falo Suécia.

No país escandinavo os políticos trabalham de casa, sem luxo ou privilégios. Mesmo aqueles que contam com alguns auxílios, como os deputados, têm benefícios que não chegam nem perto dos concedidos aos paparicados políticos brasileiros. Os apartamentos funcionais na capital do país que atendem aos deputados tem de 18m² à 40m², não contam com serviço de quarto, serviço de lavanderia ou copa. Tudo deve ser feito pelos próprios parlamentares, que são responsáveis por lavar a própria roupa, manter a copa comunitária limpa e arrumar o apartamento.

A tão defendida transparência nos dias de hoje, em tempos de **wikileaks**, já é uma realidade sueca há 200 anos. Todo cidadão sueco tem acesso às contas públicas, processos licitatórios e de gastos dos parlamentares que podem ser acessados por internet ou conferidos pessoalmente nas câmaras e parlamentos.

Ser político na Suécia implica em compromisso com o bem comum, vereadores prestam basicamente serviço voluntário, deputados por sua vez, por despenderem mais tempo com assuntos de ordem pública recebem, mas um salário justo, nada que se assemelhe à realidade brasileira na qual deputados somando todas suas regalias chegam a ganhar mais de R\$ 100 mil reais por mês. Diria até que ser político na Suécia é quase uma vocação religiosa.

Fica a pergunta: Por que outras nações, ditas democráticas não copiam o modelo sueco? Eu não sei a resposta, mas é pelo modelo sueco que eu arriscaria uma saída para a democracia mundial.

Políticos transformadores

Não é que só existam políticos compromissados com o povo na Suécia. Imaginar que todo político brasileiro é corrupto é equivocado. Existem sim governantes preocupados com o bem estar da população.

No Brasil, o ex prefeito da pequena estância turística Santo Antonio do Pinhal-SP, Sr. José Augusto Guarnieri Pereira é um deles.

Pereira assumiu o executivo municipal em 2009, quatro anos depois é considerado um dos melhores administradores que a cidade já teve.

Santo Antônio do Pinhal sempre foi vista como uma cidade satélite de Campos do Jordão, badalada cidade turística da Serra da Mantiqueira, famosa pelo seu Festival internacional de Inverno. Desde os anos 80 Campos recebe milhares de turistas, já Santo Antônio sempre foi vista como uma opção bucólica ante ao agito da cidade vizinha. Santo Antônio sempre fora o primo pobre.

Tal cenário começou a mudar com a chegada de Pereira a prefeitura. A verba municipal do município advinda, sobretudo, de pequenos e médios agricultores, 63 pousadas, 32 restaurantes e pequenos estabelecimentos de comerciantes rendeu nas mãos do prefeito.

Quem visita Santo Antonio se depara com uma pequena cidade, quase um vilarejo, com cerca de seis mil e quinhentos habitantes e um centro turístico bonito, bem conservado, de praças e logradouros bem cuidados. A boa aparência da cidade em conjunto com a instalação de novos empreendimentos na cidade como restaurantes e bares de qualidade tem atraído cada vez mais turistas, a ponto do patinho feio da serra da Mantiqueira de outrora, já ser considerado

um roteiro auto-suficiente para quem busca as delícias da serra, com boas opções de lazer e hospedagem similares às outras cidades turísticas serranas.

O aumento dos turistas nos finais de semana já é consenso entre os moradores. É nítida a satisfação desses para com a atual administração. E engana-se quem pensa que a preocupação de Pereira se restringe apenas ao turismo. Na área da educação a maioria das crianças em idade escolar está matriculada e aquelas que moram na zona rural contam com transporte de qualidade para chegar às escolas do município. O Pronto Socorro local funciona bem, com pouquíssimas reclamações, o índice de violência é um dos menores do país, e em 2012 a cidade foi a primeira a aprovar a implantação da “Renda básica de cidadania”. O programa refere-se a uma quantia paga em dinheiro incondicionalmente a cada cidadão residente no município. O valor é distribuído pelo poder público de forma igualitária, não importando o nível social ou disposição para o trabalho de quem recebe. O objetivo da retribuição é garantir o direito inalienável de todos usufruírem de uma parte das riquezas produzidas na região. 6% dos impostos angariados pela prefeitura mensalmente serão destinados ao fundo que deve ser repartido entre os cidadãos a partir de 2013. Uma iniciativa pioneira da administração de Pereira e que assim como o Bolsa Família,

programa de assistência de renda às famílias pobres que atende 13 milhões de famílias brasileiras, que começou como uma iniciativa pontual na cidade de Campinas, pode servir de laboratório e exemplo para uma implantação futura em âmbito nacional. Um benefício que certamente irá colaborar com o senso de cidadania daqueles cidadãos mais pobres, ao prover-lhes mais um auxílio para que tenham condições de garantir suas necessidades básicas por meio do seu quinhão de direito da produção de valor gerada pela comunidade.

Vale ressaltar que a iniciativa de Pereira é o tipo de programa verdadeiramente democrático, uma vez que contempla todos os cidadãos, independente da renda ou classe social, agindo na contramão do assistencialismo oportunista.

Como meter a mão no cofre das grandes empresas

Num mundo perfeito a melhor filantropia por parte das corporações seria que estas **pagassem o imposto devido aos cofres públicos, sem apelar para brechas jurídicas e paraísos fiscais**. No entanto, quando o assunto é o empresariado, não percamos tempo com teorias, melhor partir para os atalhos da isenção e do abatimento de impostos. Nada comove mais um empresário a doar seu dinheiro do

que ganhar algum benefício fiscal em troca. Pode não ser de uma integridade admirável, mas vale a pena apostar nisso.

De acordo com o World Giving Index, principal estudo sobre filantropia do mundo, os Estados Unidos são o país com mais doadores. Cerca de 65% da população americana já fez alguma doação na vida. O Brasil só aparece no ranking na 85ª posição(num ranking de 153 países), com apenas 26% de sua população tendo praticado alguma caridade pecuniária.

Em 2009 os filantropos americanos movimentaram US\$ 303 bilhões. Para estimular as empresas a mexerem no bolso, o governo americano dá abatimento de até 10% nos impostos. Já no Brasil o máximo que uma pessoa física ou jurídica consegue obter de dedução nos impostos é um índice de 6%.

Governos como o brasileiro e até mesmo o americano, na falta de políticas públicas satisfatórias que realmente confirmem dignidade a todas as pessoas mais pobres deveriam ampliar os benefícios fiscais.

O Brasil, por exemplo, tem vivido um boom em sua economia, mas mesmo com o mercado aquecido o governo não dá bom exemplo ao destinar apenas 0,3% do PIB para a filantropia, um número abaixo da média mundial que é de 0,8%.

Se as ações sociais não podem ter investimentos mais substanciais para salvar os milhões de brasileiros que ainda vivem em condições de miséria, seria oportuno ao menos proporcionar às grandes corporações melhores oportunidades de redução fiscal por meio de ações filantrópicas.

Em um momento de crise de alimentos ou de empregos, a filantropia e a solidariedade das pessoas serão providenciais. Criar mecanismos que estimulem grandes empresários (porque sim, ainda existirão muitos ricos) a doar dinheiro será mais uma saída, da qual governos não poderão negligenciar. Será apelar a isto ou enfim, apelar para o mais improvável, mas a saída ideal, a ampliação da fiscalização e cobrança séria dos tributos a ver das grandes empresas com o Estado.

Empresas transformadoras

Não é pecado lucrar. Países como o Brasil com uma forte influência cristã tem incutido em suas sociedades a ideia de que não existem pessoas ricas que não escondam por trás de suas conquistas grandes pecados. A própria origem da palavra não colabora. Lucro vem do latim *lucrum*, que significa vantagem. Levar vantagem traz colado à expressão, a ideia de algo bom mas questionável. No entanto, lucrar é algo natural, desde os sistemas de trocas que antecederam o papel

moeda, levar alguma vantagem em uma negociação faz parte do jogo.

Lucrar não é o pecado das empresas. Os pecados de muitas empresas passa por:

- # Não se preocupar com a qualidade de vida de seus colaboradores;
- # Não se preocupar com a fabricação de produtos de qualidade que não lesem os consumidores;
- # Utilizar práticas questionáveis de cobranças duvidosas;
- # Não contar com uma assistência pós-compra que funcione;
- # Não se importar com a geração de um impacto social positivo nas comunidades onde estão inseridas, sem poluir o meio ambiente ou provocar caos, como especulação imobiliária, redução drástica de empregos locais, entre outros pecados.

Obviamente não são todas as empresas que cometem todos esses pecados, mas invariavelmente, a maioria escorrega em algum deles. Grandes corporações, por sua vez, como os grandes grupos financeiros – principais responsáveis pela crise de 2008 - costumam praticar todos.

Ter uma empresa lucrativa, muito lucrativa, não é condenável, pelo contrário, pode ser muito admirável, principalmente se a empresa em questão tiver a preocupação de não cometer os pecados citados no parágrafo anterior.

David B. Wolfe, Rajendra S. Sisodia e Jagdish N. Sheth, professores de administração e marketing de algumas das mais influentes universidades americanas e com longa experiência auxiliando algumas das maiores empresas do mundo dão a receita para que os empresários não cometam tais pecados no livro *“Os segredos das empresas mais queridas”*. Segundo eles para sobreviver no futuro “as empresas de todo tipo e tamanho devem conscientemente moldar suas culturas em torno da ideia de que estão aqui para ajudar os outros a viver suas vidas com um maior nível de satisfação, para espalhar a alegria e o bem-estar, para elevar e educar, para auxiliar seus empregados e clientes a realizar seu potencial”.

A principal tese defendida pelos autores é a de que o futuro pertence às empresas que se preocuparem igualmente com os interesses de todas as pessoas que se relacionam com ela. Fornecedores, funcionários, clientes/consumidores, vizinhos, governo, ou seja, toda a sociedade.

Devaneio dos autores? Não mesmo. No livro eles entrevistaram pessoas em todo o mundo que responderam quais empresas elas

mais amavam. Como resultado levantaram as 28 empresas mais queridas do mundo, entre elas Amazon, BMW, Commerce Bank, eBay, Google, Harley-Davidson, Honda, Johnson & Johnson, New Balance, Timberland, Toyota e Whole Foods.

Entrevistando CEO's , colaboradores e outros stakeholders encontraram muitas semelhanças entre elas. A mais comum: todas apresentam um cuidado especial no relacionamento com acionistas, trabalhadores, fornecedores, consumidores, a sociedade em geral. São empresas que se preocupam com as pessoas.

Mas o resultado mais impressionante veio ao analisarem as dez mais queridas. Tais empresas pagaram a quem investiu nelas oito vezes mais que o conjunto das 500 maiores empresas. Tiveram rendimentos superiores mesmo quando comparadas com outros grupos de empresas selecionados pelos critérios tradicionais de boa gestão e bom desempenho. As empresas mais queridas deram 1.026% de lucro entre 1996 e 2006, contra 122% das 500 maiores empresas, de acordo com pesquisa do escritório de análises econômicas Standard & Poor.

Lucrar dessa maneira certamente não será tido como pecado. Políticos, ao pensarem o desenvolvimento econômico, bem como os empresários ao pensarem expansões, devem encarar o lucro sob um

novo prisma. Como sugere o jornalista Paulo Lima, editor da revista Trip em um editorial de abril de 2012 da publicação:

“O dinheiro é uma energia como a água. É importante que venha de uma fonte limpa, que tenha seu curso garantido e respeitado, que possamos com nosso trabalho e nossas atitudes garantir que ela possa fluir naturalmente com vigor, irrigando todas as partes do terreno para que surjam frutos e alimentos para todos. E, principalmente, que não seja excessivamente desviada e represada, porque essa energia é muito forte e as conseqüências nesse caso costumam ser devastadoras.”

Humanizar para lucrar

Não se preocupar com as pessoas, com a satisfação destas no atual cenário contemporâneo da cultura digital é correr sérios riscos. Com as redes sociais qualquer vacilo das grandes empresas pode virar um grande problema de imagem em sites como facebook e twitter. Andar na linha, adotar políticas mais humanas e sustentáveis acaba saindo mais barato do que arcar com grandes campanhas de marketing para contornar uma crise. Paralelo a isso temos a questão da longevidade. Com as pessoas vivendo mais, a preocupação do “ser” ao “ter” provavelmente ganhará cada vez mais valor. Optar por produtos mais sustentáveis e produzidos em condições de trabalho

justo serão fatores decisivos de compra quando esse pensamento se tornar vigente.

E esse cenário não é algo com que as grandes empresas devam se preocupar apenas no longo prazo. Pelo contrário.

Hoje se 80% das marcas desaparecessem o público nem notaria. É isso o que revela a pesquisa “Meaningful Brands for a Sustainable Future” (Marcas importantes para um futuro sustentável) do Havas Media Lab da Universidade de Harvard. A pesquisa também revela que 85% dos consumidores em todo o mundo esperam que as empresas se envolvam ativamente na resolução de questões socioambientais.

Assim, para as empresas sobreviverem no século XXI será preciso uma atitude transformadora destas dentro da sociedade. Importar-se com questões como relacionamento, democracia, ajuda, bem-estar, alegria, educação, saúde, meio-ambiente, cidadania e qualidade de vida será tão importante quanto a ganância empregada hoje para encontrar novas maneiras de obter mais lucro. Para continuar lucrando no futuro as empresas deverão adotar um modelo de gestão mais social, humano. Será isso ou a falência.

No próximo capítulo teremos mais algumas pistas de como será esse mundo de – **“Marcas Significativas e Empresas Queridas”**.

**MARCAS
SIGNIFICATIVAS
&
EMPRESAS
QUERIDAS**

Como se tornar uma empresa querida

Em 2011 a Patagonia, empresa americana que produz equipamentos para atividades ao ar livre, virou notícia em diversos sites do mundo por causa de uma iniciativa curiosa. A empresa disponibilizou em seu site um serviço gratuito que facilita a venda de segunda mão de produtos com sua marca. Mas, sem intermédio de colaboradores da grife ou cobrança de taxa, simplesmente qualquer pessoa querendo se desfazer de uma peça da marca poderia oferecer o produto pelo preço que achar conveniente para outro usuário do site.

A iniciativa me traz a cabeça o slogan batido de um sem número de propagandas brasileiras: “Deu a louca no gerente!”

Pois é, Yvon Chouinard, presidente e fundador da Patagonia, disse que o motivo é incentivar as pessoas a reutilizar roupas em bom estado, em vez de comprar novas. Um jeito de ajudar o meio ambiente.

A empresa que tem na sustentabilidade um de seus principais valores, com a iniciativa reforçou ainda mais sua responsabilidade social. Certamente vem perdendo algumas vendas, mas ganhou prestígio e significado (capital social) entre escaladores, trilheiros, praticantes de esportes outdoor, ou seja, seu público-alvo.

A decisão arrojada da empresa de Chouinard vai ao encontro das atitudes necessárias para o crescimento inteligente das empresas no século XXI. Está alinhada à sustentabilidade, é focada nas pessoas, é criativa e se concentra mais no resultado positivo promovido nas pessoas do que nos custos da ação.

O crescimento inteligente

Se existe uma palavra no mundo moderno que perdeu o seu significado é a palavra “desenvolvimento”. Desenvolvimento hoje é entendido como ganhar mais dinheiro. Ponto. Políticos e corporações ocasionaram a crise financeira de 2008 por causa desse “desenvolvimento”. E quando se trata desse “desenvolvimento” o bastante não existe, o melhor está sempre por vir. Como se fosse obrigação das empresas e nações lucrar sempre mais e mais.

O crescimento econômico estimulado por países e adotado pela maioria das corporações é burro. Burro porque é insustentável (pautadas, sobretudo em matérias primas finitas), injusto (vide a questão do 1% de ricos VS os 99% de pobres) e perigoso como nos provou a crise de 2008 pela qual a maioria dos países ainda tem os pés enlameados.

É preciso como defende o pesquisador Umair Haque, diretor do Havas Media Lab da Universidade de Harvard, que as empresas adotem um modelo de crescimento inteligente. Haque, autor de livros como *“The New Capitalist Manifesto: Building a Disruptively Better Business”* e *“Betterness: Economics for Humans”*, é um dos principais teóricos do chamado capitalismo construtivo.

Blogueiro da prestigiada revista de economia *“Harvard Business Review”* em seus livros e postagens na web Haque costuma apontar o caminho das pedras para que os empresários adéqüem suas empresas ao futuro. Para ele a próxima revolução será institucional e o crescimento inteligente só é possível se a empresa entender que no século XXI:

Tornar-se sustentável não é uma alternativa é uma prioridade

São as conexões, os relacionamentos, não as transações que criam valor.

São as Pessoas, não os produtos que criam valor.

A criatividade, não a produtividade é que cria valor.

Os resultados sociais, não as receitas é que criam valor.

A competição é uma prática obsoleta.

O amanhã é hoje. A hora da transição “empresa capitalista para empresa significativa” é agora.

Marcas Significativas

Umair Haque também responde pela pesquisa “Meaningful Brands for a Sustainable Future” (Marcas significativas para um futuro sustentável) que revelou que a maioria das pessoas sequer notaria se 80% das marcas existentes no mundo desaparecesse.

Um dos motivos apontados por Haque desse alto índice de marcas irrelevantes na vida das pessoas é a maneira como nos relacionamos com os produtos. Segundo o pesquisador as marcas a principio nos influenciavam por serem funcionais, depois passaram a se destacar as aspiracionais (atual fase em que vivemos, mas em queda) e no futuro se sairão melhores as que forem significativas.

Basicamente ele define uma linha histórica em que as marcas eram **funcionais** (você precisa de um produto/serviço, a empresa te oferece e pronto), passaram a ser **aspiracionais** (marcas como sinônimo de status e personalidade) e estão caminhando para serem **significativas**.

No futuro, considerando um mundo com menos empregos e supostas crises ambientais, de alimentos e identidade dificilmente marcas sem apelo social sobreviverão. Marcas que apresentarem cuidados com o bem estar social e responsabilidade com o meio ambiente, marcas que realmente fizerem a diferença na vida das pessoas, por sua vez estarão a salvo.

E provavelmente tais empresas estarão ao lado do povo, sendo as primeiras a defender sistemas democráticos mais condizentes com a vontade dos cidadãos e não mancomunados com interesses corporativos. Empresas como veremos no próximo capítulo, defensoras de uma real - **“Democracia, Corporacia Não”**.

**DEMOCRACIA
CORPORACIA NÃO**

Lobby governante

Brasil, Estados Unidos, Rússia ou Austrália, não importa, em qualquer canto do mundo governos são altamente influenciados pelo lobby de grandes empresas. É favorecendo contratos e negócios com tais empresas que políticos corruptos lucram com a posição de poder que lhes é conferida pelos cargos públicos.

No lugar do bem comum, a maioria dos governantes coloca os próprios interesses e as vontades de instituições privadas como norteadores da administração pública. O interesse particular desses políticos é difícil de ser provado – um bom escritório de advocacia sempre consegue contornar um escândalo por mais bizarra que seja o enriquecimento desmedido do acusado – já as políticas protecionistas para as empresas vem regularmente justificadas no discurso de que são para defender a indústria nacional e por fim garantir a manutenção de milhões de empregos.

Certo é que nesse jogo de interesses quem sai perdendo são os cidadãos. Sempre há dinheiro para salvar bancos e grandes indústrias da falência, como vimos no auge da atual crise financeira, mas dificilmente o mesmo empenho e grana é despendido para serviços sociais que visem melhorar a qualidade de vida das pessoas.

No mundo moderno o lobby das grandes empresas paga os políticos para tomarem decisões que venham ao encontro dos interesses

corporativos. Licitações públicas são um grande negócio para o bolso dos administradores públicos, bem como legislar em sintonia com as indústrias. E o bem comum? Bem, para a maioria dos políticos essa expressão só faz sentido nos discursos das campanhas eleitorais.

Corporacia

O atual modelo democrático não é democrático. Na maioria dos casos as pessoas votam em candidatos pré-estabelecidos por partidos políticos que não diferem muito uns dos outros. Quem acompanha política há tempos já sabe que não existem diferenças entre um partido de esquerda e outro de direita. Ambos os lados estão comprometidos com grandes empresas, principais financiadoras de suas campanhas.

Um cidadão que deseje se candidatar a um cargo público deve procurar um partido político, este por sua vez deve ser forte, deve ter uma base sólida de filiados, do contrário o aspirante a um cargo público não conseguirá se eleger por falta de coeficiente eleitoral. Mas mesmo que o aspirante consiga se filiar a um partido forte e tradicional, este terá de ser escolhido pela liderança do partido para que seu nome seja aceito para concorrer ao cargo pretendido, seja ele de vereador, prefeito, deputado ou presidente.

O atual modelo partidário serve para frear iniciativas pessoais, serve para que aqueles que estão no governo e a frente dos partidos fortes se mantenham como governantes.

Culpar os eleitores por manter tais nomes no poder não é justo. Lembra, as opções são sempre as mesmas, figurinhas repetidas, cartas marcadas dos partidos. E os cidadãos em países como o Brasil, onde o voto é obrigatório, não tem escolha, que não seja votar. Votar em alguém em quem não acreditam e que os governará por quatro anos. Q-U-A-T-R-O.

Não bastasse termos poucas escolhas nas urnas, ainda temos que agüentar a escolha por um longo período. E mesmo que o político dê motivos de sobra para que seja cassado, como eu disse anteriormente, bons advogados certamente conseguirão mantê-lo no cargo até o fim do mandato.

Agora após eleito o político está livre para mandar e desmandar. Leis são discutidas apenas pelos governantes, a opinião da população dificilmente é consultada. Referendos populares são raros e assuntos polêmicos ou de valor questionável são votados em sessões fechadas ou no calar da madrugada.

O atual modelo democrático é “corporocrático”. Favorece as corporações. Trata-se de uma “corporacia”. Governantes fazendo dinheiro com benesses oferecidas a empresários, algo possível

apenas devido aos cargos públicos que ocupam. Na defesa de suas políticas corporativas os governantes dizem que as mesmas são benéficas para a população, pois geram postos de trabalho, e exibem balanços que atestam ora o crescimento do PIB, ora o crescimento do consumo interno. O que eles não mostram é que a riqueza do PIB e o crescimento do mercado interno escondem sérios efeitos colaterais. A maior parte da riqueza gerada fica restrita a elite e o mercado interno aquecido, geralmente, vêm acompanhado de uma alta no número de pessoas endividadadas.

É urgente reverter esse quadro de mensuração do progresso. E isso passa obrigatoriamente por eleger governantes que não confundam nível de consumo com qualidade de vida.

Dá pra fazer diferente

Municípios brasileiros com polos industriais de expressão são inúmeros, mas municípios com serviços sociais condizentes com a receita gerada no município pelas indústrias são poucos. Por isso a cidade de Vinhedo é um exemplo no Brasil.

O polo industrial do município é um dos mais bem estruturados do país, com 280 empresas de vários segmentos. A riqueza produzida no

município e a qualidade de vida do lugar é notável a ponto do maior telejornal brasileiro, o Jornal Nacional da rede Globo de Televisão, chamar a cidade de “condado de Vinhedo” em uma reportagem de 2011.

Vinhedo não tem favelas, 99,7% dos bairros mais pobres têm rede de esgoto, água tratada e coleta de lixo. O índice de analfabetismo é menor que a metade da média nacional. A cidade, localizada no interior do estado de São Paulo, a pouco mais de 70 quilômetros da capital, apresenta educação de qualidade, cobertura de saúde e segurança. Sem dúvida uma das melhores cidades brasileiras para se viver.

E o pulo do gato de Vinhedo não tem nada de inovador. A diferença de Vinhedo para outras cidades brasileiras com polos industriais é simples, o dinheiro arrecadado junto às industriais é gasto em infraestrutura e programas sociais que impactam diretamente a população. Governantes que passaram pela cidade nos últimos dez anos, após eleitos, não deixaram o bem comum no palanque, eles o levaram para dentro do gabinete da prefeitura. Vinhedo conta com uma administração pública que se preocupa com o bem comum e com a qualidade de vida da população. Condição sine qua non para uma boa administração pública, mas uma realidade, infelizmente,

relegada a terceiro plano na maioria das cidades por causa das segundas intenções dos governantes.

Mudando o jogo

Dá pra fazer diferente, colocar o bem comum em primeiro lugar como acontece na cidade de Vinhedo já é um primeiro passo. Mas da para avançarmos além disso. Algumas mudanças passam por:

Reduzir os salários e as regalias dos políticos

Acabar com os altos salários e benefícios dos governantes é uma opção a se considerar. Fazer o cargo público ser visto como vocação e não uma oportunidade de ascender financeiramente seria um divisor de águas na direção da formação de verdadeiros transformadores sociais e não de políticos profissionais como acontece hoje.

Extinguir as legendas partidárias

Nivelar a disputa para o cargo público com a extinção das legendas propiciaria que qualquer cidadão lançasse seu nome como candidato a um cargo público. A prática tornaria a corrida eleitoral mais justa,

pois combateria o protecionismo dos partidos tradicionais. E o mais importante traria novos players para o jogo político.

Acabar com cargos de confiança

Acabar ou diminuir substancialmente os cargos públicos de confiança seria uma maneira de barrar as práticas ilícitas de muitos políticos. Promover a contratação de talentos com apreço pela coisa pública, buscando contratar as melhores cabeças pensantes por meio de concursos públicos para assessorar os políticos eleitos seria oportuno para minimizar a suspeita relação de assessores de confiança e políticos. Um político assessorado por um profissional concursado ficaria mais intimidado para corromper ou calar seu assessor, uma vez que o compromisso deste não passa por servir incondicionalmente o político eleito, e sim servir o povo.

Ampliar os referendos

Incluir a população nas decisões importantes é outra opção. Podemos nos inspirar em movimentos como o Occupy e suas assembléias. Nestas, as decisões só são tomadas depois que todos que manifestam interesse em expor suas ideias, sobre determinado assunto em pauta, fazem uso da palavra. **O Marco Civil da Internet**

brasileira, uma resposta na contramão de projetos como o **SOPA** e a **PIPA**, é um exemplo de que a prática funciona. O projeto colocado para consulta pública pelo governo brasileiro recebeu milhões de contribuições da sociedade e deverá ser votado em 2013 com forte apelo na direção da proteção da liberdade de expressão e privacidade dos usuários.

Com a ampliação dos referendos para mais áreas como educação, saúde e habitação, os compromissos com o bem comum se manteriam firmes mesmo com a alternância de poder entre políticos de diferentes visões de mundo.

Adotar o voto distrital

Promover eleições municipais nas quais os cidadãos votem em pessoas que morem ou mantenham relações próximas com suas comunidades. Assim, uma vez que um vereador seja eleito as pessoas poderão cobrar do mesmo, sem que este possa se esconder, pois saberão onde este mora, onde trabalha, os ambientes que costuma freqüentar. O compromisso do político com essa prática torna-se maior e a sua responsabilidade com a comunidade aumenta.

Reduzir os anos dos mandatos

Quatro anos de mandato é um “contrato” muito longo ao qual a sociedade não deve se sujeitar. Dois anos são mais do que suficientes para saber a que veio um político. E vislumbrando um modelo democrático no qual os assessores sejam profissionais talentosos, concursados e engajados na causa pública, dois anos para mostrar serviço seria o suficiente. Bem assessorado o sucesso da administração do político dependeria apenas das suas iniciativas. E em caso de um bom trabalho, aí sim seria viável reelegê-lo para mais dois anos de trabalho.

Democracia 2.0

Todas as iniciativas apresentada convergem em dar mais poder às pessoas. Trata-se de recolocar a coisa pública em ordem. Uma ordem na qual o cidadão é a figura central da sociedade, aquele que deve ser respeitado e pelo qual todas as decisões devem passar. No século XXI aspirar por uma democracia melhor é aspirar por uma democracia feita por e para pessoas. Algo que, de fato, só virá de cima para baixo. Quando as altas instancias do poder público deixarem de promover uma plutocracia, que privilegia apenas os mais ricos, para promover uma democracia que beneficie a todos. O 100% ante o 1% tão combatido pelas ocupações no mundo.

Vislumbrar uma democracia das pessoas é um sonho distante, mas cada vez mais, um desejo sonhado por mais e mais pessoas, sobretudo os jovens. Uma nova geração que aspira viver uma vida na qual trabalho, lazer e cidadania convivam em harmonia. Uma geração crítica, desafiadora e solidária. Uma geração de **“Transformadores”**.

TRANSFORMADORES

Sonho Brasileiro

Jovens brasileiros, entre 18 e 24 anos, participaram de uma pesquisa chamada “**O Sonho Brasileiro**”. O estudo foi realizado em 173 cidades e 23 estados brasileiros. Cerca de três mil jovens responderam a um questionário cuja principal pergunta era: Qual é o seu sonho? O resultado foi surpreendente e animador.

77% dos jovens declararam que seu bem-estar depende do bem-estar da sociedade onde vivem.

74% dos jovens disseram estar preocupados em fazer algo pelo coletivo no dia a dia.

76% dos jovens acreditam que o Brasil está mudando para melhor.

8% dos jovens foram considerados transformadores. Gente que ganha o sustento transformando o mundo para melhor em iniciativas sem fins lucrativos.

Sintetizando a pesquisa mostra que o principal anseio dessa geração é conciliar trabalho e transformação social.

Geração Y

O resultado da pesquisa realizada no Brasil pela consultoria Box 1824 aborda parte de uma geração que os sociólogos chamam de Geração Y ou Millennials. Uma geração moldada pela influência da mídia e da cultura digital. Por isso acredito que as preocupações dos jovens brasileiros não difiram muito das de jovens de outros países na mesma faixa etária.

Nos anos 50 e início dos anos 60, o objetivo dos jovens era acabar com a carestia do mundo. Eles queriam mais liberdade. No final dos anos 60 e início dos anos 70, o inimigo eram os governos ditatoriais e conservadores. A meta: fazer a revolução. Nos anos 80 e 90, o sonho ficou mais individualista: carreira, dinheiro, sucesso.

Hoje, no entanto, o sonho coletivo dos jovens é herança da geração dos pais que aportaram na vida adulta nos anos 80, e da cultura digital que nos molda diariamente.

Os jovens querem trabalhar, adquirir independência financeira, mas ao mesmo tempo querem colaborar para transformar o mundo em que vivem num lugar melhor para todos.

Os jovens querem casa própria na cidade, chalé no campo e casa na praia como seus pais. Mas, querem conquistar isso com a consciência

tranqüila de que as pessoas que as cercam desfrutem de condições básicas para sobreviver, sem passar fome, frio e com abrigo.

A busca pela propriedade ainda ocupa um grande espaço na cabeça dos jovens, mas divide espaço com uma mentalidade advinda da web, da cultura livre e da cultura colaborativa do **crowdsourcing**. A mentalidade do ajudar sem pedir nada em troca, do construir algo junto com uma comunidade, mesmo sem conhecer todos os indivíduos envolvidos.

A geração Y ainda é muito consumista, mas também é mais preocupada com temas como a sustentabilidade. Ainda sofre forte influencia da mídia, mas preocupa-se com questões políticas e quer participar, quer opinar. E esse desejo de opinião eles levam para todos os âmbitos de suas vidas. Levam para a escola, para o emprego e para as ruas. Questionam professores, discordam de chefes, participam de movimentos como os occupys.

Acostumados com a tecnologia e com muito acesso a informação não tem medo de manifestar o que pensam. Conseguem ao mesmo tempo ser conservadores – se pautam no esquema, “escola, trabalho, bom emprego, propriedade” – e transgressores - vão às ruas reivindicar direitos, políticas sociais mais justas e a cabeça de ditadores.

A Causa Própria

Até 2011, antes dos movimentos à la occupy e primavera árabe, existia um consenso da sociedade em acusar a juventude dos anos 80 até os dias atuais, de não terem uma causa. De serem individualistas, ovelhinhas pacatas de governos e grandes empresas. Discordo de tal pensamento por acreditar que desde os anos 80 existe sim uma causa comum aos jovens de todo o mundo, a causa própria.

Vivendo num mundo de mudanças cada vez mais velozes, impulsionados a ter coisas, adquiri-las rápido e trocá-las mais rápido ainda, os jovens se viram contra a parede, sem opção de escolha. A regra estabelecida: Ter no lugar de ser. Não foi a geração X ou a geração Y que escolheu esse modelo, foram as gerações anteriores. Todas tem sua parcela de culpa. A turma do tropicalismo e da contracultura, por exemplo, comemoraram tanto a liberdade sexual, a liberdade de expressão e o fim da ditadura, que acabaram perdendo o bonde do **neoliberalismo** e quando se deram conta o bonde já estava muito longe pra se atirar pedras, e os gritos de protestos não podiam ser ouvidos. O trilho traçado por líderes influentes no mundo todo nos anos 80, como **Ronald Reagan** e **Margareth Thatcher**, tinha uma única parada: a do para os mais ricos tudo. Não é rico, então se esforce pra chegar lá. Fique rico ou morra tentando.

Ou a juventude acompanhava, corria atrás pra garantir uma vida confortável e digna ou se rebelava, ia pro mato, virava hippie, naturista, sei lá. Não se adaptar ao neoliberalismo implicava em desistir da vida urbana, mas esse com certeza não era um preço pelo qual a maioria das pessoas estivesse apta ou disposta a pagar. Optar pela causa própria, ser individualista, não era uma opção, era questão de sobrevivência.

Muitos cineastas sacaram isso e seus filmes confirmam a regra, a Causa Própria. O que filmes cultuados, por críticos, como **Trainspotting**, **Clube da Luta** e **Edukators** tem em comum? Tem o drama da causa própria, o adaptar-se a fazer dinheiro a todo custo para garantir uma vida confortável.

Trainspotting começa com um Ewan McGregor protestando, “escolha uma carreira, escolha um bom emprego, escolha uma TV bem grande e nova, uma máquina de lavar nova, escolha, escolha, escolha”..., assim por diante. O mundo é um lugar fútil, drogar-se ou andar nos trilhos da na mesma pra ele. Mas depois de certo tempo McGregor passa por uma rehab, diz adeus às drogas, arranja um emprego e depois passa a perna nos amigos, e vai torrar sozinho a grana, que roubou com os camaradas.

Em **Clube da Luta** depois de todo o discurso contra o consumo e de destruir as sedes de empresas de cartões de crédito Edward Norton

se mata. Ao descobrir-se um esquizofrênico o cara pira, prefere a morte à figura de outsider, opositor do sistema. Ele, veja só, não é louco de opor-se conscientemente contra o sistema neoliberal. Aposto que daria tudo para voltar a ter a personalidade que apresenta no começo do filme, a do executivo exemplar que se amarra em decorar o próprio apartamento com os móveis e eletrodomésticos mais modernos do mercado.

Já no longa alemão, *Edukators*, jovens de classe média invadem mansões e aprontam uma baderna com os móveis, reunindo-os em pilhas no meio da sala, jogando-os na piscina e trocando-os de cômodos. Não roubam nada, só os bagunçam, o motivo: fazer uma crítica aos bens dos ricos, como quem diz “Olha quanta coisa vocês tem, é tudo inútil pra gente, não levamos nada”. No final ao serem surpreendidos por um velho rico, com medo de serem denunciados, o seqüestram. No cativeiro o rico lhes dá, talvez, a lição de suas vidas, se mostra gentil, e surpreendentemente muito parecido com os jovens. Mais, o velho rico militou contra a divisão entre Alemanha Oriental e Ocidental e foi simpático às ações dos estudantes franceses no lendário maio de 68. Mas o mundo mudou e mudou muito rápido pra ele, quando se viu adulto já tinha feito dinheiro, muito dinheiro. Talvez o jovem que era não aprovasse o velho rico que se tornou, mas ele não teve muitas alternativas, ou

pegava o trem do neoliberalismo ou ficava, como muitos amigos ficaram, de fora do “desenvolvimento”. Na dúvida, pegou, se foi a melhor opção, o mesmo não sabe. Mas ao menos leva uma vida confortável.

Mais uma vez o neoliberalismo levou uma boa alma nas telas do cinema. Assim como o fez com Ewan McGregor em *Trainspotting*, assim como fez com o Edward Norton no *Clube da Luta* e assim como vinha fazendo com a maioria das pessoas até os protestos que marcaram o mundo em 2011.

A queda da Causa Própria

Ou A resposta dos manifestantes de boutique

A causa neoliberal é acumular e gastar. E por muito tempo foi a nossa causa também.

A atual crise financeira é uma crise dessa causa. É uma crise que deixou exposto as verdadeiras intenções de governos e grandes corporações com a sociedade – fazer dinheiro em cima desta, nada mais.

As manifestações e os movimentos em atividade desde 2011 como a Primavera Árabe, o movimento Occupy, a Spanish Revolution, os

ataques do coletivo hacker **Anonymous**, a popularização do wikileaks, entre outros acontecimentos despertaram inúmeras pessoas, sobretudo os jovens, para os perigos de pautarmos uma sociedade exclusivamente no modelo neoliberal. A pujança econômica prometida pelo neoliberalismo, e defendida até pouco tempo por muitos países desenvolvidos, mostrou seu lado nefasto com a crise de 2008. Um lado no qual apenas os mais ricos saíam beneficiados. De repente os empregos desapareceram e muitas economias ruíram por causa da famigerada ambição dos banqueiros, os timoneiros do neoliberalismo.

Por isso um novo modelo econômico e governamental é o que pedem a maioria dos movimentos. Mas, nada de papo socialista ou comunismo. A maioria dos manifestantes entende que o capitalismo é bom. Explico, é bom no que diz respeito à liberdade das pessoas efetuarem transações umas com as outras. É bom no que diz respeito a Videogames, Tvs de led, internet, discos, filmes, livros, teatro, shows, parque de diversões. O que não é bom é o neoliberalismo. Pois quando se trata de saúde, educação, alimentação e habitação o neoliberalismo se mostra negligente, com ele só tem vez quem tem muito dinheiro, e poucas pessoas tem. Quem não tem que vá chorar ao poder público, mas pode ir sem grandes esperanças, considerando

que o poder público também já vendeu sua alma faz tempo para os propósitos neoliberais.

Assim temos uma geração de jovens que se identifica com o capitalismo, com o consumo e o desejo de propriedade, mas que também está ciente de que as práticas promovidas pelas corporações não são sustentáveis, tão pouco contemplam todas as pessoas de maneira justa. A geração Y quer transparência de governos e empresas. Quer jogo limpo.

Muitos pensadores vêem nesta contradição do querer consumir e ao mesmo tempo cobrar regulamentação mais rígida em cima das empresas, uma dificuldade na busca de uma sociedade menos desigual. Penso diferente, acredito que os líderes políticos do futuro, aqueles que apresentarão políticas mais voltadas para o bem comum, serão os jovens que apresentam essa mentalidade nos dias de hoje. Tais jovens farão a ponte da atual sociedade capitalista para uma sociedade mais significativa. Por ainda cultivarem essa faceta consumista da sociedade conseguirão dialogar com os mais velhos, cujos valores da propriedade e do lucro ainda serão fortes. Ao mesmo tempo estarão em sintonia com os mais jovens, ávidos por políticas mais inclusivas e igualitárias. Assim, compartilhando valores com gerações diferentes levarão vantagem na corrida por votos.

No fim, o fato de muitos chamarem os manifestantes das chamadas ocupações de manifestantes de boutique, por utilizarem gadgets eletrônicos como ipads e iphones, e roupas de grife, poderá ser algo positivo.

Anti-rebeldes

O falecido escritor David Foster Wallace é autor de uma expressão interessante: anti-rebelde. O termo faz alusão a uma atitude oposta à literatura tradicional. Wallace defendia uma nova geração de escritores que não se dedicassem a reclamar que levamos, coletivamente, vidas comoditizadas e sem sentido, cercados de lixo cultural. O escritor ansiava por uma geração de escritores que mostrassem como conseguimos, apesar de tudo (das vidas comoditizadas e sem sentido), conservar algo de humano e mágico, como conseguimos ainda entender os velhos valores e responder emocionalmente a eles, sem cinismo e mecanismos de proteção.

Recorro ao termo anti-rebelde para defender movimentos como o occupy. Entendo que o movimento faz bem quando, no lugar de bater de frente, colocar o dedo na ferida e bradar como o neoliberalismo fede, prefere de maneira ordeira e pacífica, com

resiliência e com recursos tecnológicos modernos, estabelecer uma presença coerente, pautada nas necessidades das pessoas, apresentando propostas alternativas de democracia e modelos econômicos alinhadas a temas caros a todos como saúde, educação, emprego e habitação.

Vejo semelhança na atitude anti-rebelde da literatura com o movimento occupy, porque ambos se preocupam em apresentar novas saídas em sintonia com a realidade das pessoas, sem oba-oba ou confronto. O Occupy Wall Street apenas dá exemplo, mostra por meio de assembléias que todos podem contribuir na tomada de decisões e ressalta que o melhor da vida em sociedade não passa por governos ou sistemas financeiros.

O que os jovens desejam não é descabido. Eles querem uma sociedade mais agregadora e interdependente e ao mesmo tempo também querem empregos, querem ter dinheiro para comprar automóveis e eletrônicos.

Engana-se quem pensa que são contra os empresários, não são. Mas são contra especulação financeira, monopólios, lobbys corporativos e a gritante desigualdade social.

Os jovens dos occupys não são revolucionários à moda antiga, não são rebeldes. São anti-rebeldes. Não queimam bandeiras, não saqueiam ou quebram prédios públicos e privados. Não seguem um líder, são pró-ativos. Querem mudanças, mas sabem que estas só serão possíveis aos poucos. São cientes de que a atual configuração da sociedade apresentará dificuldades na quebra de velhos paradigmas. Por isso são anti-rebeldes, não querem para ontem, mas querem. Sabem que não será fácil, mas estão trabalhando para mostrar que muitas mudanças são viáveis. E o mais importante, contam com um propósito relevante para qualquer pessoa, querem discutir a transição para uma sociedade melhor, mais significativa.

Quem vai fazer a revolução?

Os jovens descontentes por todo mundo não são preguiçosos, vândalos, comunistas, arruaceiros, bichos-grilos ou qualquer outra provocação utilizada para desmoralizá-los.

São, em parte, conservadores, também querem consumir, ser bem sucedidos, possuir bens. Não são diferentes da maioria da população, mas como trazem a questão do coletivo e do bem comum, vívidos em suas mentes, poderão transformar a sociedade quando passarem a ocupar cargos importantes em governos e empresas.

Dentro da máquina pública e de diretorias de grandes empresas, jovens em sintonia com os ideais de movimentos como o occupy poderão agir como o personagem Neo do filme **Matrix**, que invade um sistema de computação para destruir a farsa do mundo virtual. Assim como Neo, esses jovens poderão, num futuro próximo, ao adentrarem o “sistema neoliberal” provocar as mudanças necessárias no que diz respeito às mudanças de cima para baixo na sociedade. Porque em relação às mudanças de baixo para cima, de consciência popular, estas eles já começaram a fazer em praças espalhadas por todo o mundo.

Atualizando o sonho americano

Não que os agentes transformadores se encontrem apenas entre os jovens da geração Y, indivíduos de até 30 anos de idade. É a atitude identificada em muitos desses jovens, a maneira como se relacionam com o mundo por meio da cultura colaborativa, o apreço pela cultura livre, a conscientização em relação à sustentabilidade, a busca pela qualidade de vida e pelo bem comum, a facilidade de se conectarem e o descontentamento com os políticos de sempre e o atual modelo de democracia, que fazem deles potenciais agentes de transformação da sociedade atual para uma mais humana e solidária.

Qualquer pessoa pode carregar as características desses jovens, independente da idade. A reunião dessas características, a vontade de fazer a diferença no mundo, é o que posiciona alguém como apto para colaborar com uma sociedade melhor. A atitude Y pode ser despertada em qualquer pessoa. No fundo, querer mudar o mundo é só uma questão de ser jovem... de espírito.

O resultado dessa incursão de pessoas com novos pensamentos nos governos e empresas pode ser uma sociedade melhor. Quem sabe, uma sociedade mais livre, solidária, colaborativa, justa e democrática, na qual as pessoas consigam viver com mais satisfação, conforto e segurança.

Um sonho? Talvez, por isso minha aposta nos jovens, porque jovens geralmente costumam acreditar em sonhos e mais impressionante ainda, costumam realizá-los. Vislumbrar uma sociedade melhor passa por acreditar nesse sonho, passa por substituir o Sonho Americano por um sonho mais global, um Sonho de Mundo, que diferente do sonho americano, não promove a individualidade e sim a integração e a interdependência.

Mas existem obstáculos duríssimos para que um sonho desses se torne realidade. Como veremos no próximo capítulo será preciso superar – **“Inimigos e Ameaças”**.

INIMIGOS & AMEAÇAS

Um mundo sem empregos para todos, devido à atual configuração da sociedade capitalista, num primeiro momento nos faz projetar uma grande tragédia. Caos. Garantir a qualidade de vida que dispomos hoje, sem que a maioria das pessoas tenha uma renda fixa, é preocupante e certamente será um grande desafio.

Nos capítulos anteriores sugeri algumas direções, mas certamente os caminhos apontados para conseguirmos prover uma boa alimentação, um lar confortável e atividades sócio-educativas para todos, apresentarão obstáculos, sobretudo provenientes de governos e grandes empresas.

A ganância de governantes e CEOs de hoje seria justificável se o motivo de se preocuparem tanto em acumular riqueza para os cofres de seus países e empresas fosse garantir a qualidade de vida de todos os habitantes do planeta no futuro, principalmente diante de prováveis crises como a ambiental; a dos empregos; a dos alimentos(falta de distribuição igualitária entre os continentes); a de energia; a da falta d'água e as possíveis crises financeiras(por causa da especulação dos mercados financeiros) em mercados hoje aquecidos como os dos BRICS.

Mas sabemos que o lucro obtido da ganância de estadistas e CEOs geralmente têm um único destino, as próprias carteiras.

Governantes corruptos

O sociólogo Zigmunt Bauman costuma proferir em suas palestras algumas ideias para a configuração da sociedade no futuro. Inspirado pelas mudanças drásticas ocasionadas pela tecnologia nos últimos cinquenta anos, o sociólogo entende que a sociedade hoje, principalmente por causa da internet, é como um grande país. O mundo encolheu, pessoas de diferentes nacionalidades interagem umas com as outras, negócios são fechados em acordos internacionais, países se intrometem nas políticas e questões sociais e mercadológicas uns dos outros. Logo, pensar em uma democracia global seria algo a ser considerado pelos jovens. A ideia me agrada, sobretudo, se os líderes desta nação global fossem líderes com vocação para o bem comum, pessoas agregadoras, cabeças pensantes de destaque em seus países, gente predisposta a não receber grandes salários em troca da sua dedicação para transformar o mundo em uma sociedade melhor.

O mundo sugerido por Bauman é utópico, mas não é impossível. O levante da primavera árabe com populações derrubando ditadores é prova viva e recente de que as pessoas podem se mobilizar para buscarem mudar a realidade de seus países.

Almejar mudar a maneira como funcionam a maioria das democracias não é tarefa das mais fáceis, principalmente por causa

da atual classe política. A política nos países democráticos é dominada, sobretudo, por famílias tradicionais, oligarquias que se beneficiam do poder conferido a eles pelos cargos públicos. Alterar o sistema “democrático” diminuiria o poder dos políticos profissionais, de sobrenomes conhecidos, temidos e respeitados.

Adequar a democracia para uma configuração mais interdependente entre os países, a fim de garantir alimentos, acesso à tecnologia ou sistema de saúde de qualidade para todas as pessoas, independente dos países onde se encontrem, também será árduo. Os atuais estados nações lidam com cofres trilionários. Seus governantes são os responsáveis por tais cofres, difícil qualquer estadista se predispor a querer dividir receitas com outro país. Tudo em nome dos habitantes, do patriotismo, certo? Antes fosse, mas o grosso do dinheiro nunca é investido plenamente na sociedade.

O Brasil, por exemplo, arrecadou com impostos em 2012 cerca de R\$ 1.6 tri. Agora, se os governantes não têm competência para com toda essa renda garantir alimentação, saúde, educação e habitação de qualidade para todos os brasileiros, onde vai parar todo esse dinheiro, porque em algum lugar boa parte fica retido.

Acabar com os políticos corruptos, como vimos no capítulo 16, passa por mudar as regras da “democracia” atual. O que já é um primeiro passo para a configuração de uma democracia global.

Mas para conseguirmos obter avanços é preciso estar atento às manobras dos políticos profissionais e suas oligarquias. É preciso pedir a cabeça daqueles que não primem pelo bem comum, assim como fizeram os árabes em 2011. Mas, acima de tudo, é preciso eleger candidatos que tenham em mente projetos de leis que ampliem a participação popular e que diminuam os poderes e regalias dos estadistas.

Capitalismo irresponsável e CEO’S gananciosos

A ganância dos empresários é outro obstáculo espinhoso na busca por uma sociedade mais integrada e interdependente.

A maioria dos CEO’S das grandes empresas ainda trabalha com o objetivo da “causa própria” como principal norteador de suas carreiras. Trabalham duro para que suas empresas se superem anualmente, visando unicamente uma bonificação maior a cada ano na participação nos lucros. Só tem olhos para balanços e números, querem fazer fortuna. Estilo Wall Street, zeitgeist do profissional pós-moderno, para o qual o acúmulo de capital é um fim em si

mesmo e não consequência de qualquer trabalho feito com/por paixão ou contribuição social.

Mas, como pudemos conferir no capítulo 15, o sucesso das grandes empresas no século XXI pede compromisso social por parte destas. E de acordo com o livro *“Os segredos das empresas mais queridas”*, os grandes CEOs das empresas mais amadas atualmente ganham menos, como exemplo os pesquisadores do livro citam Jim Sinegal, co-fundador da rede de supermercados Costco, que, em 2005, ganhava em média R\$ 45 mil por mês. Se trabalhasse bem, tinha um bônus anual de R\$ 340 mil. Outras empresas de mesmo porte pagaram no mesmo ano R\$ 20 milhões, em média, aos seus presidentes.

Acabar com a ganância dos grandes empresários e executivos será uma das principais quebras de paradigma para a economia do século XXI. Alterar a configuração padrão do egocentrismo e da causa própria apresentada pelos executivos para uma postura mais solidária, social e solidária é condição sine qua non para construirmos uma sociedade melhor no futuro.

Ameaças burras e recalçadas ao mundo em rede

A internet conferiu às pessoas um poder de comunicação muito grande. Podemos saber o que se passa em todos os cantos do planeta. Abusos de governos tiranos, deslizes de político, erros da grande mídia e práticas ilícitas de grandes empresas são denunciados nas redes sociais. As pessoas produzem conteúdo e o compartilham na rede, seja usando um desktop em casa ou circulando pela rua munidos de um smartphone.

Hoje temos acesso a inúmeras fontes de conhecimento e de informação a qualquer hora e em qualquer lugar. Aprender não passa mais obrigatoriamente por ter que freqüentar bancos escolares. Para sabermos o que se passa do outro lado do mundo não precisamos abrir um jornal ou assistir o noticiário da tv.

Pesquisadores têm chamado esse fenômeno de ascensão do amador. Muitas pessoas já não esperam pelas informações ou por produtos culturais que gostariam de conferir, apuram por conta própria, fotografam, filmam, cantam, editam, contam, ou seja, produzem por conta própria e compartilham com o mundo por meio da internet.

Devido a esse tipo de comportamento está cada vez mais difícil para os publicitários, marqueteiros e relações públicas prever nossas vontades, bem como prender a nossa atenção. Como baratas, desde o advento da internet e das mídias móveis, as pessoas estão

constantemente evoluindo, mudando de comportamento rapidamente, geralmente, influenciadas por uma cultura pop global.

As agências de publicidade não conseguem acompanhar a contento essas mudanças repentinas e suas propagandas dependem investimentos mais altos com retorno menor e incerto, o que as leva a rever seus mecanismos de persuasão constantemente. Ou seja, está cada vez mais difícil para as grandes empresas e governos nos enrolarem.

A internet nos propiciou mais informação e liberdade de escolha e de interação. Por ter como base o conhecimento livre, a internet vem possibilitando a formação de uma geração mais questionadora e bem informada. Um pesadelo para governos corruptos e muitas empresas que se soubessem anos atrás, do poder que a internet conferiria às pessoas, dificilmente a deixariam se desenvolver com a tamanha liberdade como a conhecemos hoje.

E esta liberdade conferida às pessoas pela internet é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade global mais justa e solidária.

Cerceamento da privacidade

Políticos e empresários reacionários incomodados com tamanha liberdade e autonomia propiciada pela internet já começaram nesta

virada de século a colocar planos para tentar diminuir o poder das pessoas no mundo em rede.

Uma das principais práticas é o cerceamento de privacidade. Com o argumento da segurança já se discutem em parlamentos do mundo todo a criação de registros digitais oficiais das pessoas, tal qual um documento de identidade. Alegam que a implementação do documento digital inibiria crimes virtuais e facilitaria o rastreamento de infratores. Balela, certamente crackers rapidamente desenvolveriam sistemas para forjar documentos digitais falsos. A vontade de implementar um sistema de identificação digital mais rígido na verdade passa por outras motivações.

A intenção de muitos políticos que defendem sistemas de identificação de indivíduos na rede é monitorar os passos dos cidadãos para suprimir a liberdade conquistada por estes com a internet. Um sistema de identificação seria algo como a materialização da profecia do big brother, do grande irmão que tudo sabe e tudo vê, descrita no livro "1984" de George Orwell. A implantação de um sistema desses seria um perigo para sociedade, um passo rumo à alienação e um freio à liberdade de expressão e ao direito de ir e vir pelo mundo que a internet proporciona.

É preciso entender que na cultura digital do século XXI, são as grandes empresas e os governos que devem ser o mais transparente

possível. Estes por influenciarem diretamente a vida das pessoas é que devem submeter de maneira clara e acessível suas práticas e políticas para um sistema de monitoramento que possa ser acessado pelos cidadãos.

Com relação à questão da segurança, para identificar crimes virtuais já existe o I.P.(Internet Protocol), que, a grosso modo, é um número de identificação, facilmente rastreável, presente em todos os computadores. Qualquer outra abordagem nesse sentido deve ser vista com desconfiança, portanto deve ser bem estudada e debatida com a sociedade antes de ser colocada em pauta. A questão da transparência, tão em voga atualmente, diz respeito a tornar público documentos de governos e corporações. A mesma medida aplicada ao cidadão comum não passa de cerceamento de privacidade.

Apropriação de dados

Outro motivo que move governantes a querer implantar um sistema de identificação dos internautas na internet são os dados da navegação das pessoas. Muitos almejam colocar as mãos nas informações geradas por nós na internet.

Empresas como Facebook, Google e Twitter não cobram dos usuários pelo acesso de seus serviços. Mas vendem os dados da navegação e

todo tipo de informação disponibilizada pelo usuário para outras empresas especializadas em publicidade personalizada.

Os dados das pessoas é um valioso item neste início de século, é o petróleo do mundo digital. Com as pessoas menos propensas a serem impactadas por campanhas de publicidade macro, voltar o foco para a promoção de ações de marketing personalizado é o caminho mais alinhado a cultura das redes sociais. Naturalmente ter acesso à bancos de dados de milhões de pessoas coloca as empresas pontocom em posição de destaque na economia digital. O assunto é tão sério que em 2012 o Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos na Suíça, trouxe vários painéis e debates sobre o tema. O termo adotado para discutir a questão chama-se “Big Data” e refere-se tanto aos dados das pessoas como a toda sorte de informação digitalizada. Segundo uma pesquisa da consultoria IDC, o mercado global de big data já movimentava US\$ 3.2 bilhões no mundo e a previsão é que atinja a marca de US\$ 16.9 bilhões até 2015. Um crescimento de 40%. Os números expressivos saltam aos olhos de grandes empresários e governantes. Explorar bancos de dados se tornou um negócio muito, MUITO rentável. E com a inclusão digital, com cada vez mais pessoas chegando à internet, as previsões de crescimento do ramo apresentam números expressivos. Segundo a

consultoria Gartner o volume de informação deixado pelas pessoas na internet deve crescer pelo menos 59% nos próximos anos.

Na Era digital dados pessoais são coisa séria e um produto muito valioso. Mas, as pessoas ainda não se deram conta disso. A maioria ao aceitar os termos de usos de sites como Google e Facebook abre mão de seus dados, cedendo espontaneamente - ainda que sem saber, uma vez que ninguém lê os termos de utilização dos sites - suas informações para que as empresas façam o que quiserem com os dados.

Num mundo sem empregos, a consciência do valor dos nossos dados pessoais pode ser uma saída para garantir uma renda fixa para as pessoas. A monetização do big data também deve contemplar os usuários. Já que as empresas anseiam pela efetividade dos anúncios personalizados, nada mais justo que os usuários cobrem pela disponibilidade das informações de sua navegação e conversas executadas na internet.

O assunto é tema delicado e às vezes até mesmo tabu entre as empresas pontocom. Google e Facebook são empresas inovadoras da cultura digital, mas vivem criando empecilhos quando o assunto é recuperação de informações ou pedidos de exclusão de histórico de navegação por parte dos usuários. O Google, por exemplo, é capaz de criar carros que andam sozinhos, sem motoristas, mas diz que é

difícil excluir dados, cria barreiras quando o assunto é dar autonomia para que os usuários optem por querer ou não disponibilizar seus dados. Simplesmente porque dados são um grande negócio. O seu principal negócio.

Projetar um sistema que dê autonomia para as pessoas editarem seus dados na internet ao acessar os serviços de um site, optando se desejam ou não ceder seus dados, bem como pensar numa maneira de remunerar as pessoas que optarem pelo sim, seria o mais justo ao pensarmos numa sociedade mais integrada e interdependente, ainda mais quando vislumbramos um futuro com menos empregos formais e oportunidades.

Uma renda fixa advinda dos nossos dados pode ser mais uma alternativa para driblarmos uma futura crise global dos empregos. Uma política social moderna, uma iniciativa com a cara do novo mundo. Agora, a dúvida é se algum político se habilita/arrisca a propor. Torço para que em breve alguém aborde a questão.

Neutralidade de rede e Censura

Existe uma expressão cunhada pelos fundadores do Google que diz “Não seja mal Google”. A frase é o lema da empresa e diz respeito ao compromisso da empresa se manter fiel à configuração da internet

que proporcionou ao Google se tornar um player gigante no mundo dos negócios da era digital.

Mas que configuração é essa que merece até um voto de compromisso da maior empresa de tecnologia da atualidade? Bem, o “Não seja mal Google” diz respeito, sobretudo, à chamada “neutralidade de rede”, um conceito que significa que todas as informações que trafegam na rede devem ser tratadas da mesma forma, navegando na mesma velocidade. É esse princípio que garante o livre acesso a qualquer tipo de informação na rede, de maneira democrática. Abrir um site de um grupo de mídia tradicional ou o site de um jornal de uma cidadezinha no sertão do Brasil leva o mesmo tempo. As páginas, desde que tenham as mesmas especificidades de tamanho, carregam na mesma velocidade. Mesmo que o grupo o grupo de mídia se dispusesse a pagar por um serviço que fizesse sua página abrir mais rápida ante sites de concorrentes, a prática não seria possível porque tal serviço é proibido.

O Google se desenvolveu beneficiado pela neutralidade de rede, mesmo competindo com grupos milionários da mídia, que investiram muito dinheiro na internet, conseguiu se estabelecer como uma grande empresa no mundo digital.

Mas, a neutralidade de rede às vezes é ameaçada. Corporações e políticos podem votar leis que venham abrir brechas jurídicas para que sites sejam prejudicados, demorando mais para carregar ou simplesmente banidos. Tais brechas, geralmente, vem disfarçadas em leis a favor da segurança no mundo virtual e de combate à pirataria.

Já em países de regimes ditatoriais é comum que as autoridades determinem o corte de acesso a determinados sites que não compactuem com as regras do Estado.

Garantir a neutralidade de rede e combater a censura praticada por regimes ditatoriais contra sites que discordem do governo é uma das principais causas pelas quais as pessoas interessadas na configuração de um mundo mais interdependente e justo devem lutar.

A neutralidade de rede garante a livre concorrência e a circulação democrática de ideias pela rede. É anti-monopolista, contra guetos e elites. Ela agrega e integra. Já a censura à internet deve ser combatida para que abusos como os dos governos americano(no Iraque), sírio(contra seus habitantes), egípcio(contra seus habitantes) e chinês(no Tibet) não passem despercebidos ao restante do mundo, possibilitando assim que as pessoas possam reivindicar de suas nações envolvimento na busca de soluções para acabar com os abusos, e autonomia para que as nações abusadas possam vir no

futuro a gozar realmente de uma verdadeira democracia, na qual seus habitantes tenham poder de escolha e liberdade de expressão.

A internet é um ambiente livre e democrático e deve permanecer assim, pois se apresenta como a principal ferramenta para a circulação de novas ideias no século XXI. Independente da nacionalidade, partido político ou classe social, é por meio dela que alternativas de vida diferentes do “american way of life” podem ser compartilhadas para conhecimento de todos em qualquer parte do mundo. É por meio da internet que ideias para o bem comum como as defendidas neste livro podem se espalhar.

Batalha do copyright

Impulsionados pelo lobby de grandes indústrias como a cinematográfica, a fonográfica, emissoras de Rádio/TV e grandes editoras, muitos políticos vem se dedicando a batalha contra a pirataria.

Projetos de lei apresentados em todo o mundo como o **SOPA**, a **PIPA**, o **ACTA** e a **Lei Azeredo**, visam combater a pirataria e inibir crimes virtuais. Mas todos os casos apresentam brechas que podem coibir a liberdade de expressão e a privacidade das pessoas.

A indústria cultural nesta virada de século apresenta grande dificuldade para entender que o modelo de negócios que a sustentou no século XX não serve para o século XXI. Diferente de prestigiadas instituições de ensino que já disponibilizam as aulas de graça de seus superdoutores na internet ao alcance de qualquer habitante do planeta com acesso à internet, a indústria cultural continua pautando seus negócios no velho esquema do direito autoral. As empresas querem lucrar com a venda das obras. Só que na era digital, desde o surgimento das plataformas P2P, de trocas de arquivos, e outros sites de compartilhamento, as pessoas trocam produtos culturais pela internet indiscriminadamente. Os jovens entendem o compartilhamento de arquivos, seja ele um filme, uma música ou um livro, como algo natural. Baixar um disco, assistir um filme online é comum no dia a dia da maioria dos adolescentes. Logo, todo o esforço empregado pela indústria cultural em campanhas milionárias de combate a pirataria parece ser em vão, uma vez que o comportamento de baixar séries de TV, filmes e músicas já faz parte da vida dos jovens.

Direcionar os milhões das campanhas antipirataria para a idealização de novos modelos de negócios, inovando, seja ao cobrar menos pelo download remunerado (como faz a Apple) ou garantindo o pagamento da obra por meio de patrocínio de grandes marcas (como

faz a gravadora Trama) seria o mais viável para garantir a sobrevivência da indústria cultural. No entanto, as principais corporações da indústria cultural parecem se comportar como jogadores de pôquer inveterados. São como os apostadores que por terem tido certo sucesso no passado ao passarem a perder acreditam cegamente que a qualquer momento a sorte poderá lhes sorrir novamente. Mas como sabemos apostadores crônicos geralmente acabam falindo, cegos, não conseguem enxergar que manter-se fiel ao jogo de outrora só os levará cada vez mais fundo num buraco que eles mesmos estão cavando.

A liberdade proporcionada pela internet pautada na cultura livre já está arraigada no comportamento dos mais jovens. Nada aponta para que estes venham da noite para o dia deixar de baixar produtos culturais na internet. Ter acesso a qualquer tipo de informação é importante para eles. É uma marca do zeitgeist que vivemos hoje, da cultura colaborativa e do conhecimento livre.

Mesmo assim, certamente políticos e grupos de mídia ainda tentarão bastante frear os downloads ilegais e a troca de arquivos entre as pessoas na internet. Cabe a nós ficarmos atentos quanto a legalidade dos projetos que vierem a ser propostos, assim como muitos fizeram diante do SOPA em 2012, blindando a sociedade de qualquer lei

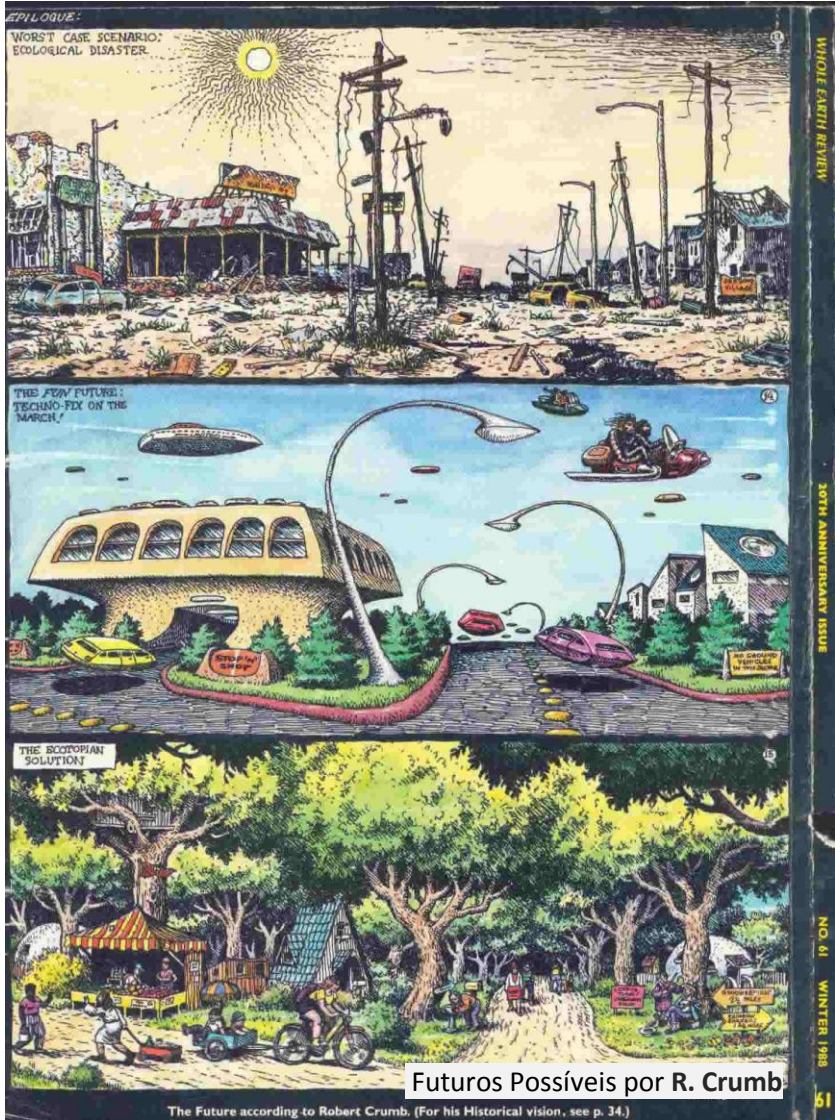
abusiva que venha prejudicar a liberdade de expressão ou cercear a privacidade dos indivíduos em nome de interesses privados.

Com as pessoas entendendo que todo o conhecimento deve ser livre, o vazamento de produtos culturais na internet será cada vez mais natural. Tentar combater a prática é um comportamento retrógrado. Ainda mais quando constatamos que no século XXI, num mundo com menos empregos formais, logo, menos renda, todos sofrerão baques financeiros. Dificilmente cantores se tornarão milionários com a venda de discos(terão de fazer mais shows) e executivos de grandes empresas deverão ganhar bônus menores, ou seja, todo trabalho se tornará cada vez mais uma prática feita por paixão. Dessa forma disponibilizar de graça um disco, um filme ou um livro sobre negócios na internet será cada vez mais comum, até se tornar uma cultura global totalmente aceitável.

E esse paradigma de achar um absurdo dar de graça algo que produzimos é um obstáculo que deveremos superar para desfrutarmos uma sociedade mais justa e solidária no futuro. Cidadãos, governantes e corporações devem se atentar para o fato de que o segredo para o sucesso no século XXI é um só: dividir.

Imaginar um mundo melhor, mesmo sem empregos para todos, passa por acreditar nisso. Passa também por arregaçar as mangas para quebrar os paradigmas que atrapalham a configuração dessa sociedade colaborativa, interdependente e integrada. E como veremos no último capítulo essa verdadeira revolução cultural – **“Começa com Você”**.

COMEÇA COM VOCÊ



Futurismo

Nesta virada de século, com as questões ecológicas na agenda da maioria dos países, termos como sustentabilidade e responsabilidade social estão na moda, dos noticiários aos programas infantis, preocupar-se com o futuro é apontado como algo fundamental para o futuro do planeta. Mas quem realmente se importa? Poucos. A maioria só se interessa pelo presente. E é essa preocupação levada ao campo social e econômico que preocupa muitos pesquisadores.

O pesquisador de mídia Douglas Rushkoff cunhou um termo curioso recentemente: presentismo. O termo diz respeito a um tipo de cultura na qual as pessoas só se preocupam com o presente.

Hoje, apesar das inúmeras campanhas ecofriendly, muitas corporações exploram recursos naturais indiscriminadamente, tudo pela grana. Para que preocupar-se com o amanhã, quando podem ganhar mais dinheiro agora. Um pensamento primitivo no mundo contemporâneo, mas que ainda faz a cabeça de milhões de pessoas.

A maioria das pessoas só se importa com o hoje, querem ganhar dinheiro no curto prazo, acumular para uso próprio, independente se a comunidade onde estão inseridas passa por dificuldades.

Esse é o caso do Brasil, que hoje por gozar de uma economia aquecida e em ascensão pouco se importa com o amanhã ou com a desigualdade social. O país do futuro só quer saber do presente. Então dá-lhe Usina de Belo Monte, Código Florestal pró desmatamento, transposição(milionária e sem fim) do rio São Francisco, especulação imobiliária e financeira, crédito fácil para incentivar o consumo e endividar a população, tudo em nome do “desenvolvimento” – leia-se grana. Posicionamentos como esse fazem as pessoas esquecerem do futuro, faz com que elas não se importem com mundo que deixarão de herança para as próximas gerações. Daí o porquê da importância de pensadores da atualidade se dedicarem a pensar o futuro da sociedade.

Futuro? Que futuro?!

A causa própria, a ambição desmedida e a ganância apresentada pela maioria das pessoas não inspira um futuro muito animador no que diz respeito a uma sociedade mais solidária e colaborativa. Talvez por isso a literatura de ficção científica do século XX apresente tantas histórias com cenários assombrosos retratando a sociedade do futuro. De governos controlando e vigiando as pessoas por meio da tecnologia à reprodução de clones (para transplantes de órgãos de gente rica) e sociedades sorumbáticas dominadas por máquinas.

Esses são os cenários pintados por muitos escritores ao apresentarem suas obras futuristas. No entanto, com a popularização da internet, sobretudo, pela sua natureza pautada na cultura livre e no colaborativismo, no canto oposto à ficção, no mundo acadêmico, muitos pesquisadores como Pierre Levy, Lawrence Lessig, Richard Stallman, J.P. Barlow e Sérgio Amadeu, se mostram otimistas em relação ao futuro da humanidade. A cultura digital os leva a vislumbrar a constituição de uma sociedade mais solidária e interdependente.

O otimismo dos acadêmicos, por sua vez, já encontra críticos entre seus pares. O pesquisador brasileiro Eugênio Trivinho, por exemplo, apresenta uma visão apocalíptica em relação a configuração de uma sociedade pautada na cibercultura. Para Trivinho a tecnologia baseia-se numa lógica marcial, de destruir para introduzir algo novo. Daí o porquê de inúmeras versões de Windows e celulares, no lugar de uma tecnologia estável, tecnologias descartáveis. Dessa maneira a tecnologia para o pesquisador não é inclusiva, pelo contrário ela exclui socialmente as pessoas, uma vez que aqueles que não têm dinheiro (ou vontade) para adquirir gadgets e softwares, ou então se atualizar quanto às novas tecnologias, acabam excluídos, tendo de enfrentar problemas para conseguir empregos, acompanhar processos jurídicos, obter informações diversas, entre outras

dificuldades por não se adaptarem aos avanços tecnológicos. Um processo cíclico pautado em movimentar a economia digital provendo sempre novos produtos sem se preocupar com o gap de excluídos.

Agora, feitas estas considerações, que futuro reservaremos para as próximas gerações? O futuro negro pintado por Trivinho e pela maioria das obras sci-fi ou o futuro azul de dias melhores como o previsto por grandes pesquisadores e acadêmicos?

Um Mundo. Três realidades.

Robert Crumb, famoso quadrinista norteamericano, tem um quadrinho (*a imagem abre este capítulo*) que exprime bem as opções de mundo com os quais podemos legar as próximas gerações no futuro. Publicado na revista *Whole Earth Review*, em 1988, o cartoon traz três quadros. No primeiro, batizado de Desastre ecológico e apresentado como o pior cenário, temos a imagem de um mundo devastado, sem árvores, caótico e sem vida, algo próximo do mundo real mostrado em *Matrix*. No segundo, batizado de Correção Tecno, o desenho apresentado como o cenário mais divertido, traz a imagem de um mundo à la família *Jetsons*, de carros voadores, altamente tecnológico. No terceiro e último quadro é apresentado uma solução ecotópica, o quadrinista retrata um cenário idílico e

bucólico, no qual os alimentos e produtos são vendidos em barraquinhas de feira e as pessoas convivem em harmonia, com direito a passeios de bicicleta por ruas de terra circundadas por uma mata que lembra as cidades interioranas.

Acredito que os três cenários apresentados serão realidade daqui a uns cinquenta anos. Acredito que teremos cidades devastadas devido o presentismo das pessoas e a ganância e a falta de responsabilidade de grandes corporações. Também acredito que existirão urbes high-tech, altamente tecnológicas, com robôs e carros voadores que se guiam sozinhos, de cidades nas quais as pessoas encararão a tecnologia como parte do dia a dia, uma realidade na qual todos aparelhos domésticos estarão interligados e as pessoas poderão se exprimir e interagir com aparelhos por meio de pensamentos. E vejo como muito provável a existência de comunidades ecotópicas, nas quais as pessoas basearão sua convivência por meio do sistema de trocas de serviços e gozarão de mais tempo livre para passar com a família, se divertir com os amigos ou simplesmente não fazer nada. Em alguns casos acredito que tais comunidades ecotópicas serão ainda mais radicais, renegando a tecnologia, como cunhou o escritor e jornalista Tom Rachman, em uma artigo para o jornal The International Herald Tribune, uma sociedade de “românticos offline”,

avessos à correria das grandes urbes e à velocidade do mundo online da cibercultura.

Mas se fosse para apostar, apostaria num mundo híbrido, com os três cenários convivendo e em alguns casos se confundindo, com comunidades ecotópicas super conectadas, ou urbes high-tecs esverdeadas por meio de tecnologias hidropônicas e painéis solares, bem como cidades devastadas, mas lutando para se reerguer apostando em soluções próximas às ecotópicas.

Pinte seu futuro

Preocupado com as previsões catastróficas de muitos colegas o escritor sci-fi Neal Stephenson, propôs no fim de 2011 um projeto à seus pares. Batizado de “Hieroglyph” o projeto visa instigar autores a pensar em um futuro menos sombrio para a sociedade do futuro. Entre as regras do projeto literário, nas palavras do próprio Stephenson: “nada de hackers, nada de apocalipse, nada de hiperespaço”. Ou seja, Hieroglyph é um manifesto para fazer novos autores cogitarem um futuro mais otimista e social.

Fugir do futuro caótico de cidades devastadas, sem empregos, comida e renda para a maioria das pessoas, pede colaboração na

atividade de pensar soluções para o florescer de uma sociedade mais próxima das urbes high-tecs e das comunidades ecoutópicas.

Por isso, o futurismo não deve ficar restrito à Academia e aos escritores de ficção científica. Todas as pessoas devem colaborar na idealização da sociedade do futuro. Todos podemos, desde já, começar a fazer as mudanças que colaborarão para a configuração de uma sociedade melhor. Extinguir o presentismo egoísta permitindo-se pensar o futurismo solidário é um bom começo.

Até mesmo porque como provocou o neurocirurgião Miguel Nicolelis em um encontro de escritores de ficção científica há dois anos, a coisa está preta para os futuristas. Isso porque os cientistas, estão chegando na realidade que muitos escritores inventaram no papel, como robôs, aceleradores de partículas e objetos movimentados com a energia das correntes cerebrais. Está mais do que na hora das pessoas inventarem novas soluções utópicas para o futuro para inspirarem os cientistas a tirá-las do papel. Porque como disse Nicolelis no encontro citado, ele e outros cientistas não fazem ficção científica, escritores sim, mas cientistas conseguem transformar as teorias do papel em realidade, basta inspiração.

Navegar ou ser açoitado

Imaginar uma sociedade contemporânea mais solidária e interdependente é difícil, trabalhar pela mudança de comportamento, para a configuração de uma sociedade menos focada na causa própria e no presentismo é o grande desafio daqueles que se dispuserem a atuar como agentes transformadores da sociedade.

Mas, como pudemos conferir nos capítulos anteriores existem soluções. A questão é que a sociedade hoje apresenta um ritmo com o qual todos estão acostumados, é como se as pessoas vivessem num barco velho açoitado em alto mar devido a um furo no casco. A vida é caótica, a maior preocupação das pessoas diante dessa sociedade é trabalhar para não serem lançadas ao mar. Para restabelecer uma navegação segura é preciso que sejam feitas correções não só no casco, mas em toda a estrutura do barco. Mas como fazer isto em alto mar? Essa é a mesma pergunta que circunda a sociedade moderna, como promover valores como a cultura livre, solidariedade e colaborativismo, quando as pessoas têm que trabalhar duro para garantir a sua sobrevivência e a de suas famílias no dia a dia? Pois esse é um processo que só pode acontecer de maneira gradual, sem precipitações. O navio velho em alto mar deve ter o furo do casco consertado, bem como todo o casco e estrutura trocados a fim de

garantir uma navegação melhor, mais segura. Bem, imagine que por sorte os tripulantes contam com madeira suficiente à bordo para a reforma de todo o barco. Assim, aos poucos começam as obras de reforma, obviamente algumas pessoas se doarão à tarefa mais do que outras, que preferirão apenas ficar agarradas ao barco para não serem arremessadas ao mar. Com o tempo, devido ao empenho e resultados – a vedação do primeiro buraco e a substituição de parte do casco por madeira nova – os primeiros indivíduos que arriscaram suas vidas à consertar o barco ganharão a companhia de mais tripulantes a fim de reformar o barco e garantir uma navegação mais tranqüila e segura, até que todos no barco passem a participar da reforma, fazendo com que o barco deixe de ser uma embarcação acossada para ser um barco numa segura velocidade de cruzeiro.

A metáfora do barco pode ser aplicada na sociedade, uma vez que assim como os tripulantes da embarcação acossada, dispomos de madeira(métodos) suficientes para consertar a sociedade, basta que os primeiros transformadores arregacem as mangas que logo, ao pintarem os primeiros resultados positivos virão novos adeptos a fim de ajudar na construção de uma sociedade mais segura, agregadora, interdependente e solidária. Assim, a configuração de uma nova sociedade não se dará da noite para o dia, assim como o barco

estamos acossados, não existe solução instantânea, não há como desembarcar num porto e transferir todas as pessoas para um barco novo. Não dá para no curto prazo vislumbrar uma sociedade nova, menos refém dos empregos formais e mais solidária e integrada, mas dá para trabalhar na configuração de uma sociedade melhor aos poucos, com mudanças providenciais de baixo para cima. E a boa notícia é que essas mudanças já estão acontecendo, vide movimentos como os occupys e os trabalhos solidários de inúmeras ONGs, e o melhor, tais mudanças estão acontecendo da maneira correta, promovendo reformas significativas nas estruturas da sociedade a partir do casco (os 99% mais pobres) para só depois atingir a ponta do mastro principal (o 1% de ricos) do navio.

Agora, fica a pergunta até quando seremos acossados pela atual configuração da sociedade pautada no capitalismo irresponsável, na causa própria e no presentismo? Está mais do que na hora de nos dirigirmos aos porões do nosso barco “Sociedade” para dar início às reformas sociais necessárias.

Viva mais

Ou Ocupe-se de pouco para ser feliz

Que tal mudarmos? Num mundo sem empregos e com todas as crises que uma sociedade pautada no pilar do trabalho pode ser atingida, talvez, enfim, nos demos conta de que ao dedicarmos o melhor de nossas vidas para nossas carreiras acabamos deixando de viver.

Como respondeu Dalai Lama certa vez a um repórter, quando perguntado sobre o que mais o surpreendia e o afligia na humanidade, talvez o homem moderno, ao se deparar com um mundo de crises, motivadas pela escassez de empregos, se de conta que ele próprio é a coisa mais absurda da sociedade. Porque como explicou o líder budista ao repórter:

“O homem sacrifica sua saúde para ganhar dinheiro. Então sacrifica o dinheiro para recuperar sua saúde. Logo, fica tão ansioso com o futuro que não aproveita o presente. O resultado é que não vive nem no presente, nem no futuro. Vive como se nunca fosse morrer. E morre nunca tendo vivido”.

Para o seu bem...

Trabalhe menos. Viva mais.

NOTA DO AUTOR

Nossa conversa continua por aqui:

gilmar@laranjacomunicacao.com.br

[facebook.com/SemTrabalho](https://www.facebook.com/SemTrabalho)